

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS

Dayani Deysi Santos de Andrade

Literatura queer sob a ótica da Ciência da Informação: visibilidade da literatura
LGBTQIAP+ em ambientes informacionais

São Carlos / SP
2025

Dayani Deysi Santos de Andrade

Literatura queer sob a ótica da Ciência da Informação: visibilidade da literatura
LGBTQIAP+ em ambientes informacionais

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do título
de Bacharel em Biblioteconomia e Ciência da
Informação pela Universidade Federal de São
Carlos

Orientadora: Profa. Dra. Zaira Regina Zafalon

São Carlos / SP

2025

Andrade, Dayani Deysi Santos de

Literatura queer sob a ótica da Ciência da Informação :
visibilidade da literatura LGBTQIAP+ em ambientes
informacionais / Dayani Deysi Santos de Andrade -- 2025.
100 f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos,
campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Zaira Regina Zafalon

Banca Examinadora: Ariadne Chloe Mary Furnival,
Paula Regina Dal'Evedove, Raildo de Sousa Machado.

Bibliografia

1. Literatura queer. 2. Unidades de informação. 3.
Ciência da Informação. I. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Arildo Martins - CRB/8 7180

FOLHA DE APROVAÇÃO

Dayani Deysi Santos de Andrade

Literatura queer sob a ótica da Ciência da Informação: visibilidade da literatura
LGBTQIAP+ em ambientes informacionais

Trabalho de conclusão de curso apresentado como
requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em
Biblioteconomia e Ciência da Informação pela
Universidade Federal de São Carlos.

São Carlos, 11 de fevereiro de 2025.

Dra Zaira Regina Zafalon
Universidade Federal de São Carlos.

Dra. Ariadne Chloë Mary Furnival
Universidade Federal de São Carlos.

Dra. Paula Regina Dal'Evedove
Universidade Federal de São Carlos

Ms. Raildo de Sousa Machado
Universidade Federal do Amapá

RESUMO

A Ciência da Informação enfrenta desafios em promover a visibilidade da literatura queer em plataformas digitais, onde muitas vezes são adotados termos genéricos ou limitados ao gênero literário. Este estudo busca discutir as dimensões da leitura e interpretação dessa literatura, com foco no contexto social dos usuários e na visibilidade destas obras em contextos informacionais. Para isso, utilizou-se uma abordagem qualitativa, aplicada e exploratória, com estudo de caso das obras *Orlando*, de Virginia Woolf, e *O Quarto de Giovanni*, de James Baldwin. A análise dos resultados foi baseada na leitura integral das obras e na análise de conteúdo, identificando temas recorrentes e avaliando a adequação dos termos utilizados em plataformas informacionais. Como contribuição, foram propostos novos termos elaborados a partir de um glossário especializado de termos LGBTQIAP+, buscando ampliar a visibilidade e a contextualização social das obras. Concluiu-se que as plataformas analisadas ainda apresentam lacunas significativas na atribuição de termos que efetivamente reflitam o conteúdo e a relevância social dessas narrativas.

Palavras-chave: literatura queer; unidades de informação; Ciência da Informação.

ABSTRACT

Information Science faces challenges in promoting the visibility of queer literature on digital platforms, where generic terms are often adopted or limited to the literary genre. This study seeks to discuss the dimensions of reading and interpreting this literature, focusing on the social context of users and the visibility of these works in informational contexts. To this end, a qualitative, applied and exploratory approach was used, with a case study of Virginia Woolf's *Orlando* and James Baldwin's *Giovanni's Room*. The analysis of the results was based on a full reading of the works and content analysis, identifying recurring themes and assessing the suitability of the terms used on information platforms. As a contribution, new terms were proposed based on a specialized glossary of LGBTQIAP+ terms, seeking to increase the visibility and social contextualization of the works. It was concluded that the platforms analyzed still have significant gaps in assigning terms that effectively reflect the content and social relevance of these narratives.

Keywords: queer literature; information units. Information Science.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 REFERENCIAL TEORICO	11
2.1 A PERSPECTIVA SOCIAL DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO.....	11
2.2 ENTRE A TEORIA QUEER E A LITERATURA LGBTQIAP+	14
2.3 COMUNIDADE QUEER, LITERATURA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: ESTUDOS CIENTÍFICOS.....	18
2.4 UM RETRATO DOS MOVIMENTOS LGBTQIAP+	24
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	33
4 COLETA DE DADOS E ANÁLISE PRÉVIA.....	37
4.1 CARACTERIZAÇÃO E ANÁLISE DE <i>ORLANDO</i>	37
4.1.1 <i>Orlando</i>	37
4.1.2 <i>Extração de dados e análise da obra</i>	40
4.2 CARACTERIZAÇÃO E ANÁLISE DE <i>O QUARTO DE GIOVANNI</i>	56
4.2.1 <i>O quarto de Giovanni</i>	56
4.2.2 <i>Extração de dados e análise da obra</i>	58
5 ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	79
5.1 REPRESENTAÇÃO INFORMACIONAL DE <i>ORLANDO</i>	79
5.2 REPRESENTAÇÃO INFORMACIONAL DE <i>O QUARTO DE GIOVANNI</i>	83
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS	89
ANEXO A	94

1 INTRODUÇÃO

Ao longo do tempo a Ciência da Informação vem expandindo seus horizontes como ciência social aplicada e revisita abordagens sociais que permeiam o campo informacional, levando em consideração o contexto em que os conteúdos informacionais estão inseridos. Hjørland (2003 *apud* Capurro, 2003) afirma que a Ciência da Informação tem como objeto o estudo das relações entre os discursos, áreas de conhecimento e documentos em relação às possíveis perspectivas ou pontos de acesso de distintas comunidades. Esta perspectiva de relações sociais e os documentos é a que interessa para esta pesquisa.

Esta pesquisa, de tema Informação, Gênero e Diversidades, tem como objeto de estudo novas dimensões de leitura e interpretação de livros com a temática LGBTQIAP+, e utiliza como estudo de caso dois livros, que atualmente, são considerados clássicos da literatura queer: *Orlando* e *O Quarto de Giovanni*.

O significado original de "queer", na língua inglesa, referia-se a algo estranho ou ilegítimo [...]. Na década de 1980, as pessoas das comunidades LGBT começaram a reivindicar a palavra "queer": quer como uma palavra neutra para se descreverem, quer como uma forma positiva de autoidentidade. [...] "Queer" é frequentemente usado como um termo genérico para qualquer pessoa que não seja heterossexual (atraída pelo sexo oposto) ou cisgênero (ainda no gênero que lhe foi atribuído no nascimento) (Barker; Scheele, 2017, p. 9-11, tradução nossa).¹

Durante décadas, a comunidade queer tem batalhado por reconhecimento, visibilidade na sociedade e conquista de direitos equiparados aos das pessoas heteronormativas. Até 1960, nos Estados Unidos da América, a homossexualidade era considerada crime. Já na Inglaterra e no País de Gales, ter relações homossexuais era considerado crime até 1967; na Escócia a criminalização durou até 1980 e na Irlanda do Norte até 1982.

No Brasil, a homossexualidade deixou de ser criminalizada em 1891, com o fim do Brasil Colônia. No entanto, somente em 2011, o Supremo Tribunal Federal brasileiro validou a união civil estável entre duas pessoas do mesmo sexo e, apenas

¹No original: "El significado original de «queer» (en los países de habla inglesa, durante el siglo xvi) hacía referencia a algo extraño o ilegítimo [...] En los años ochenta, la gente de las comunidades lgtb empezó a reclamar la palabra «queer»: o bien como una palabra neutra para describirse, o bien como una forma positiva de identidad propia. [...] «Queer» se usa a menudo como un término paraguas para cualquiera que no sea heterosexual (que le atraiga el sexo «opuesto») o cisgénero (que siga en el género que le asignaron al nacer)".

em 2013, o Conselho Nacional de Justiça aprovou a Resolução nº 175/2013, que proíbe cartórios em todo o país de recusarem a união de pessoas do mesmo sexo. No âmbito internacional, foi em 1990 que a Organização Mundial da Saúde (OMS) removeu a homossexualidade da Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados a Saúde (CID).

Considerando o papel da literatura como objeto sociocultural, Lugarinho (2013) observa que o método estruturalista de interpretação dos estudos literários enfocava exclusivamente o texto como um artefato linguístico isolado; Lugarinho menciona que Michel Foucault, em sua obra *Arqueologia do Saber*, desempenhou um papel crucial na superação dessa abordagem, dando origem ao que é conhecido como pós-estruturalismo. Nessa perspectiva, os críticos literários passaram a considerar a obra literária em seu contexto de produção, reconhecendo-a como um objeto cultural complexo.

O pós-estruturalismo e a pós-modernidade deram condições para a discussão da produção literária e cultural de grupos sociais tradicionalmente marginalizados e não reconhecidos (Lugarinho, 2013, p. 41).

Em se tratando de grupos sociais marginalizados e não reconhecidos é possível afirmar que a literatura *queer*, antes referenciada como literatura homoafetiva ou homoerótica, surgiu como uma resposta social à necessidade de dar voz à comunidade LGBTQIAP+². Essas obras buscavam retratar de forma autêntica e íntegra as realidades vivenciadas por indivíduos queer inseridos nos contextos sociais e culturais de opressão e marginalização da comunidade. Além disso, exploravam as limitações e construções sociais em torno de gênero e sexualidade, desafiando normas e preconceitos predominantes.

É considerando este cenário que se apresenta a seguinte questão de pesquisa: Como dar visibilidade para a literatura queer em contextos informacionais? Visando encontrar respostas para esta questão, esta pesquisa tem como objetivo geral discutir as dimensões da leitura e interpretação de literatura queer centrado no contexto social do usuário. Para tanto, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

²A sigla LGBTQIAP+ é um acrônimo que representa a diversidade de orientações sexuais e identidades de gênero. Cada letra da sigla tem um significado específico: Lésbicas; Gays; Bissexuais; Transgênero; Queer; Intersexo; Assexual; Pansexual. O símbolo + é utilizado para incluir outras identidades e orientações sexuais que não estão especificamente representadas pelas letras anteriores. Nesta pesquisa, quando for para referir-se a esta diversidade também poderão ser utilizados os termos LGBT ou queer.

- a) apresentar a perspectiva social da Ciência da Informação;
- b) analisar estudos que abordam a interseção entre a comunidade queer, literatura e Ciência da Informação;
- c) enunciar os conceitos de sexualidade, literatura queer e a Teoria Queer;
- d) retratar os movimentos sociais LGBTQIAP+ até 1970 e seus impactos na conquista pelos direitos da comunidade;
- e) identificar as representações queer nas obras *Orlando* e *O Quarto de Giovanni*
- f) analisar a representação de obras de literatura queer em ambientes informacionais;
- g) propor termos que ampliem a visibilidade das obras de literatura queer e incitem discussões contemporâneas sobre gênero e sexualidade.

A relevância desta pesquisa está na compreensão da importância da literatura LGBTQIAP+ para os usuários e no fomento de debates acadêmicos acerca da representação destas obras nos contextos informacionais.

Para alcançar os objetivos propostos, esta pesquisa adota uma abordagem metodológica qualitativa, de natureza aplicada e com objetivos exploratórios, visando lidar com a subjetividade do contexto literário e desvelar os significados intrínsecos das obras selecionadas. A análise dos resultados será realizada por meio de estudo de caso, complementado por métodos bibliográficos, documentais e análise de conteúdo, para examinar de forma aprofundada as temáticas abordadas nas obras literárias em questão.

Na Universidade Federal de São Carlos, pesquisas sobre a temática LGBTQIAP+ têm ganhado crescente destaque. Estudos como os de Mosso (2022), Silva (2019) e Carvalho (2023) têm explorado narrativas e análises acadêmicas voltadas para essa temática, evidenciando sua relevância no meio científico. Trabalhos anteriores, ao abordarem diferentes aspectos da experiência LGBTQIAP+, demonstram a importância desse campo de estudo e sua contribuição para a ampliação do debate acadêmico.

Como contribuição social, espera-se que esta pesquisa amplie a compreensão e a visibilidade dessas obras não apenas dentro da Ciência da Informação, mas nas unidades de informação no geral. Além disso, busca-se promover uma representação mais precisa dos temas abordados nas obras queer, contribuindo para a disseminação de narrativas que exploram questões de identidade, diversidade e inclusão, ampliando assim o impacto cultural e educacional dessas obras.

O estudo do impacto social dessas obras é crucial para o entendimento da evolução da literatura em direção à inclusão de obras dedicadas ao público LGBTQIAP+, que entra como promotora da aceitação da comunidade pela sociedade. Além disso, é possível que esta pesquisa favoreça a compreensão de questões sociais e culturais a respeito da trajetória da literatura livre, inclusiva e representativa.

Como contribuição científica esta pesquisa visa demonstrar e incentivar estudos que mostrem a diversidade de vozes retratadas na literatura, bem como encorajar debates acadêmicos acerca da representação e da inclusão da comunidade LGBTQIAP+, o que pode estimular reflexões sobre o papel dos estudos da Ciência da Informação como facilitadora do diálogo entre comunidades discursivas e na promoção de espaços de pluralidade informacional. Outra perspectiva sobre a contribuição científica é possível de se estabelecer a partir do desenvolvimento da análise crítica e interpretativa de textos literários, com vistas a promover o aprendizado de novas perspectivas de análises da literatura *queer* focada no contexto social do usuário.

2 REFERENCIAL TEORICO

Nesta seção, explora-se a complexa interseção entre a Ciência da Informação, sua perspectiva social, os conceitos de sexualidade e, tanto a teoria quanto a literatura queer, destacando como essas áreas se interconectam e contribuem para uma compreensão mais inclusiva da sociedade. Inicialmente, discute-se a perspectiva social da Ciência da Informação, enfatizando a importância de considerar os elementos subjetivos dos usuários. Em seguida, abordam-se os conceitos de sexualidade e a teoria queer, diferenciando sexo de gênero, examinando como a literatura queer é um fator determinante para a representação da comunidade LGBTQIAP+. Também se analisa a relação entre a comunidade queer, a literatura e a Ciência da Informação, destacando a importância da representatividade e da visibilidade das identidades queer. Além disso, examina-se como as percepções e atitudes em relação à comunidade LGBTQIAP+ evoluíram nas décadas até a década de 1970, considerando as transformações sociais e culturais dessas épocas.

2.1 A PERSPECTIVA SOCIAL DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

A Ciência da Informação (CI) está profundamente interligada nos aspectos sociais e culturais da sociedade. “[...] É claro que essa raiz da Ciência da Informação ou, como também poderíamos chamá-la, da ciência das mensagens está ligada a todos os aspectos sociais e culturais próprios do mundo humano.” (Capurro, 2003, p. 5).

De acordo com essa percepção de Capurro, Almeida *et al.* (2007) observam que a informação, por ser um fenômeno social coletivo, se ergue como uma instituição de conhecimento e de memória das comunidades e citam o Paradigma Social, que evidencia a recuperação dos elementos subjetivos dos usuários, considerando sua visão de mundo. Quando adotado na CI, o Paradigma Social “[...] volta-se para um enfoque interpretativo, centrado no significado e no contexto social do usuário e do próprio sistema de recuperação da informação” (Almeida *et al.*, 2007, p. 22).

Wersig (1993 *apud* Santos; Targino; Freire; 2017) coloca a responsabilidade social no centro da Ciência da Informação, a caracteriza como uma ciência pós-moderna e considera que é passível de se observar que a CI não se preocupa apenas

com conceitos e enunciados, mas também com a criação de estratégias para resolver questões informacionais atuais. Essa visão já era antecipada por Karl Popper (1972 *apud* Saracevic, 2008, p. 1), quando afirmava que "[...] não somos estudantes de assuntos, mas estudantes de problemas. E os problemas constituem os recortes de qualquer assunto ou disciplina".

A responsabilidade social da CI também está intrinsecamente ligada ao comportamento ético dos profissionais da informação e bibliotecários. González de Gómez (2009, p. 107) aponta que esses profissionais são "[...] agentes e atores sociais cuja intervenção na produção, acesso ou uso de informação, afeta a vida de terceiros, por vezes na extensão indefinida de coletivos em redes". Esse comportamento ético se manifesta no compromisso de transmitir conhecimento ao usuário que dele precisar, independentemente de qualquer viés que tenha o profissional, e deve atender às demandas informacionais das coletividades.

Como visto anteriormente, a informação é uma ferramenta poderosa para transformar realidades, especialmente para indivíduos e comunidades marginalizadas. O acesso à informação pode melhorar a qualidade de vida de pessoas ao fornecer conhecimento crucial sobre direitos, recursos disponíveis e formas de apoio. Por exemplo, para a comunidade LGBTQIAP+, a informação sobre direitos legais, serviços de saúde especializados e redes de apoio pode ser vital. Corroborando com essa ideia, Santos, Lima e Freire (2019) ressaltam reconhecer a informação como elemento fundamental no desenvolvimento histórico da sociedade. Ou seja, como parte da responsabilidade social que cerca a CI, é necessário que questões de acesso e propagação dessa informação faça parte da rotina dos agentes da informação.

Almeida *et al.* (2007, p. 23) citam que "[...] reconhecer a informação como um fenômeno social coletivo significa compreender que ela está intrinsecamente ligada às experiências e às necessidades das comunidades". Nesse contexto, assume-se que a Ciência da Informação (CI) tem a responsabilidade não apenas de investigar, mas também de interceder em questões sociais contemporâneas, desempenhando um papel de mediação da informação. Isso inclui a promoção da representatividade e a inclusão de temas relevantes para diversas comunidades minoritárias, como a comunidade LGBTQIAP+, em suas pesquisas e práticas informacionais.

Trata-se de uma responsabilidade social da CI propor ações que solucionem questões de informação para que gays, lésbicas,

bissexuais, travestis e transexuais possam se inserir e participar ativamente da sociedade, frente ao preconceito e a discriminação, contribuindo para uma sociedade justa e igualitária (Santos; Lima; Freire, 2019, p. 138).

A partir dessa consideração é possível depreender que a informação desempenha um papel crucial como elemento de conscientização, capaz de romper preconceitos e desigualdades. Como visto por Santos, Lima e Freire (2019), é plausível incluir temas como a promoção da cidadania e o acesso à informação para a comunidade LGBTQIAP+ no campo da CI. A disseminação de informações corretas e inclusivas contribui para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, aonde os direitos e as necessidades dessas pessoas são reconhecidos e respeitados. Além disso, ao facilitar o acesso à informação, a CI pode ajudar a comunidade a se empoderar, conhecer seus direitos, buscar apoio, recursos, e participar ativamente na sociedade

Ao identificar a necessidade da CI de desenvolver ações que melhorem a qualidade de vida dos usuários da comunidade LGBTQIAP+, Santos, Targino e Freire (2017), ao escreverem seu artigo sobre a diversidade sexual na Ciência da Informação, apresentam resultados de uma pesquisa bibliográfica acerca dessa comunidade no campo da CI. Em suas considerações finais os autores concluem que “[...] não existe produção da Ciência da Informação voltada para delinear o perfil dos usuários LGBTQIAP+ ou o seu comportamento informacional ou, ainda, o impacto do fluxo informacional para o grupo social” (Santos; Targino; Freire, 2017, p. 132).

Concluindo a análise sobre a perspectiva social da Ciência da Informação, destaca-se a importância de que a ela sejam agregados elementos subjetivos e culturais dos usuários. Essa abordagem não apenas melhora a compreensão das necessidades informacionais de diferentes comunidades, mas também promove uma visão mais inclusiva e abrangente do papel da informação como fenômeno social coletivo.

A seguir explora-se os conceitos de sexualidade e literatura queer, identificando a teoria queer e seu papel para a construção de identidade e representatividade das diversas expressões de gênero e orientação sexual. Esta análise visa compreender como a literatura queer entra para desafiar as normas tradicionais na literatura e promover oferecer um espaço de fala e representatividade para comunidade LGBTQIAP+.

2.2 ENTRE A TEORIA QUEER E A LITERATURA LGBTQIAP+

A compreensão dos conceitos de sexo e gênero é fundamental para iniciar qualquer discussão sobre sexualidade e literatura queer. De acordo com o livro publicado pela Editora da Câmara dos Deputados, Edições Câmara, "[...] as diferenças de sexo são as distinções biológicas dos corpos de mulheres e homens, as diferenças físicas. O conceito de gênero está ligado à construção social de ser mulher ou homem, ao feminino e ao masculino" (Zauli *et al.*, 2015, p. 18). Ao falar de gênero é necessário adotar um olhar social, cultural e crítico pois, os papéis relacionados a homens e mulheres são determinados por esse meio e pelos estereótipos que sustentam nossa sociedade. O **gênero** é uma construção social, enquanto a **identidade de gênero** é a experiência interna e pessoal que cada indivíduo possui em relação ao gênero, a qual pode ou não coincidir com o **sexo atribuído ao nascimento**. Por exemplo, uma pessoa que nasceu do sexo feminino, tradicionalmente presume-se que ela desempenhe o papel social associado ao gênero feminino. No entanto, essa pessoa pode identificar-se com o gênero masculino, e nenhuma dessas coisas estaria relacionada à sua **orientação sexual**.

Os gêneros distintos são parte do que 'humaniza' os indivíduos na cultura contemporânea; de fato, habitualmente punimos os que não desempenham corretamente o seu gênero. Os vários atos de gênero criam a ideia de gênero, e sem esses atos, não haveria gênero algum, pois não há nenhuma 'essência' que o gênero expresse ou exteriorize, nem tampouco um ideal objetivo ao qual aspire e porque o gênero não é um dado de realidade (Butler, 2003, p. 99).

No contexto acadêmico, os estudos sobre sexualidade evoluíram significativamente ao longo das décadas. Estes estudos iniciaram-se com Eve Sedgwick (1985 *apud* Lugarinho, 2013) que problematizou o quadro do feminismo separatista que emergiu na década de 70. O feminismo separatista baseava-se em uma teoria dos gêneros oriunda de estudos interdisciplinares em Linguística, Filosofia, Sociologia, Psicologia e Psicanálise, e inicialmente havia uma tendência em negar as diferenças entre as experiências de gays e lésbicas, colocando-os sob uma perspectiva heteronormativa e binária. As análises de Sedgwick trouxeram uma nova forma de analisar essas relações e culminaram na criação da teoria queer.

[...] a teoria queer tenta dar conta nitidamente do excêntrico em termos de gêneros à medida que parte do princípio de que a orientação sexual difere da identidade sexual e da própria sexualidade biológica. A teoria queer aprofunda as relações possíveis entre as identidades gays e lésbicas (Lugarinho, 2013, p. 40-41).

A teoria queer propõe uma perspectiva inovadora e crítica sobre o gênero e a sexualidade, desafiando as concepções tradicionais que veem esses aspectos como inerentes e fixos. Mori (2015, p. 58) destaca o seguinte acerca da teoria queer:

Pode-se deduzir que a teoria queer é uma teoria que trata sobre o gênero afirmando que a orientação sexual e a identidade sexual ou de gênero dos indivíduos são o resultado de uma construção social e que, portanto, não existem papéis sexuais essencialmente ou biologicamente inscritos na natureza humana antes, formas socialmente variáveis de desempenhar um ou vários papéis sexuais.

Essa teoria enfatiza que as identidades sexuais são fluidas e podem ser vividas e expressas de maneiras múltiplas e diversas. Dessa forma, abre espaço para a diversidade e a pluralidade de experiências humanas, reconhecendo que as normas de gênero e sexualidade são construídas e podem ser desconstruídas. Ao destacar que "não existem papéis sexuais essencialmente ou biologicamente inscritos na natureza humana", a teoria queer promove a ideia de que as pessoas têm a liberdade de explorar e expressar suas identidades sexuais e de gênero sem serem limitadas por normas rígidas e preconceitos.

Barker e Scheele (2017, p. 18) destacam que "um aspecto fundamental da teoria queer é que a nossa compreensão de sexo, gênero, identidade (e praticamente tudo) é contextual". Ou seja, ao longo do tempo, e em diferentes culturas, as percepções e práticas relacionadas a sexo, gênero e identidade têm se manifestado de maneiras diversas, refletindo as complexas interações sociais e culturais que moldam essas experiências. Portanto, os estudos queer não se limitam a transcender os estudos lésbicos e gays, mas procura adotar uma perspectiva crítica abrangente sobre a sexualidade em geral.

A teoria queer, ao enfatizar a fluidez e a contextualidade das identidades sexuais e de gênero, oferece uma abordagem que vai além da simples categorização binária. Essa perspectiva crítica permite uma análise mais profunda das complexas interações sociais e culturais que moldam nossas experiências e identidades. Nesse sentido, a literatura queer emerge como uma ferramenta poderosa que não apenas representa as experiências diversas da comunidade LGBTQIAP+, mas também desafia as normas hegemônicas e promove uma compreensão das múltiplas maneiras de expressão da sexualidade.

Oliveira e Markendorf (2020) apontam que a literatura funciona como um artefato cultural, mas também desempenha um papel crucial na promoção da diversidade e na representação de uma multiplicidade de experiências humanas. Por

meio das narrativas literárias, diversos corpos encontram voz e visibilidade, contribuindo para uma compreensão mais ampla e inclusiva das identidades e das subjetividades. Oliveira e Markendorf (2020, p. 15) citam que a “[...] representação e representatividade, no contexto contemporâneo, tornaram-se pautas políticas urgentes e por vezes conduzem investimentos editoriais”. Neste contexto, a literatura queer entra como uma porta revolucionária e de grande importância no campo editorial e literário, criando assim uma força de resistência e contracultura, trazendo visibilidade e representatividade para as experiências vividas pela comunidade LGBTQIAP+.

Observa-se a seguir alguns conceitos utilizados para caracterizar a literatura queer; é necessário ter em vista que esse termo é bastante novo, considerando que apenas após os anos 2000 que alguns teóricos começaram a utilizá-lo. Michael Cart e Christine A. Jenkins (2006 *apud* Nodari 2019) conceituaram a literatura queer com base na literatura para jovens adultos em língua inglesa, e as classificaram em três categorias: Visibilidade Homossexual (VH), Assimilação Gay (AG) e Comunidade Queer (CQ).

A categoria VH trata de histórias onde a descoberta de que um personagem é gay ou lésbica constitui a grande reviravolta da narrativa. A categoria AG aborda a naturalidade de ser gay ou lésbica, sem que isso seja o foco principal da trama. Por fim, a categoria CQ retrata personagens LGBTQIAP+ dentro do contexto de suas comunidades.

Com base nos estudos de Cart e Jenkins, as três autoras Blackburn, Clark e Nemeth (2015 *apud* Nodari, 2019), abordam que a inclusão de personagens LGBTQIAP+ não é suficiente para caracterizar uma obra sob o vulgo “literatura queer”. As autoras argumentam que consideram ideológicas as categorias utilizadas por Cart e Jenkins e que estas podem impactar negativamente na percepção do leitor sobre as vivências homoafetivas.

As três ensaístas argumentam que, para uma obra ser catalogada como literatura queer não basta que ela inclua personagens lésbicos, gays, transsexuais ou transgêneros [...] é necessário que rompa com nomenclaturas relacionadas à sexualidade e gênero (Blackburn; Clark; Nemeth, 2015 *apud* Nodari, 2019, p. 36).

Já na América do Sul, Giraldo (2009 *apud* Nodari, 2019) distingue a literatura gay e lésbica da literatura queer. Aplica-se ao conceito de literatura queer o fator de

romper com o esquema heteronormativo, enquanto a literatura gay e lésbica traz a representatividade sem questionar as normas pré-estabelecidas de gênero e sexo.

Giraldo realiza a distinção entre literatura gay e lésbica e literatura queer. A autora salienta que, apesar de não existir uma homogeneidade na maneira como ambas literaturas são apresentadas nas coletâneas é possível identificar duas tendências: a dos textos que realizam ruptura com o esquema heteronormativo e dos textos que procuram possibilidade de inclusão dentro desta norma (Giraldo, 2009 *apud* Nodari, 2019).

Com uma percepção mais recente da literatura queer Oliveira e Markendorf (2020, p. 19) revelam: “Entendemos a literatura queer como um constructo social que carrega idiossincrasias, linguagens e corpos renegados que resistem e lutam pelo direito a existir plenamente e a circular de forma democrática”.

Portanto, é possível observar que há um ponto em comum nos conceitos de literatura queer até aqui discutidos. Tanto Blackburn, Clark e Nemeth quanto Giraldo entendem que a literatura queer é caracterizada pela apresentação de uma multiplicidade de identidades sexuais. Esse entendimento não se limita apenas à inclusão de personagens LGBTQIAP+, mas também abrange a representação de diversas experiências e expressões de gênero e sexualidade, que desafiam e desconstróem as normas heteronormativas. Essa abordagem permite que a literatura queer vá além da simples visibilidade, proporcionando um espaço para a exploração e validação de identidades diversas, promovendo representação autêntica de indivíduos queer. Assim, a literatura queer se estabelece como um campo rico e dinâmico, fundamental para a compreensão e valorização das múltiplas facetas da identidade sexual e de gênero.

Mendonça e Reis (2019) observam que a literatura contemporânea em geral é um lugar de luta e local de fala de comunidades marginalizadas. As autoras relacionam a literatura LGBTQIAP+ com a literatura negra e feminista e citam que ambos lutam pelo direito de falar e ser ouvido.

Nessa literatura, um dos pontos focais é o local de fala, onde o negro escreve sobre a vivência negra, a mulher escreve sobre a vivência da mulher, o LGBT escreve sobre a vivência LGBT. A representação dos grupos até então invisibilizados e oprimidos começa desde quem escreve até o que é escrito (Mendonça; Reis, 2019, p. 3).

Conclui-se que a literatura queer não apenas oferece uma plataforma para a representatividade LGBTQIAP+, mas também atua como um meio de resistência cultural e validação de identidades diversas. Estudos de Cart, Jenkins e Giraldo

reforçam essa perspectiva, evidenciando a relevância da literatura queer na subversão de tradições heteronormativas. Ao final desta seção, reafirma-se a relevância da literatura queer não apenas como uma forma de representação, mas também como um meio de questionar e transformar as normas estabelecidas.

Na próxima seção, será explorada a interseção entre a comunidade queer, a literatura e a Ciência da Informação. Serão apresentados estudos científicos que mostram a importância de integrar a temática LGBTQIAP+ na Ciência da Informação, destacando como essa disciplina pode promover visibilidade e inclusão por meio da literatura e atender às necessidades informacionais da comunidade LGBTQIAP+.

2.3 COMUNIDADE QUEER, LITERATURA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: ESTUDOS CIENTÍFICOS

Ao longo dos anos, é notável o aumento da demanda por estudos que englobam identidade e sexualidade, impactando diretamente a comunidade LGBTQIAP+ em diversas áreas. Na CI, essa importância fica evidente com a criação de um novo Grupo de Trabalho (GT) no XXII Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ENANCIB). Os GTs são divididos por temas que abrangem diversas áreas da Ciência da Informação, cada um focando em um aspecto particular da pesquisa e prática, facilitando discussões aprofundadas e especializadas em cada assunto. Até 2021, os GTs eram constituídos por 11 agrupamentos temáticos, porém, em 2022, um novo GT foi criado: o GT 12, que aborda temas como Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades.

De acordo com o site da Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ANCIB), organizadora do ENANCIB, o GT 12 relaciona:

Estudos teóricos e aplicados em informação sobre Raça, Classe, Gênero, Sexualidades e Interseccionalidades. Teorias Críticas, Culturais, Feministas, Queer e Raciais. Bases metodológicas-conceituais e aplicações técnico-científicas dos estudos étnico-raciais, de gênero, de acessibilidade e de diversidade. Relações sociais, de poder e resistências. Branquitude. Epistemicídio. Pós-Colonialidades, Decolonialidades e Anticolonialidades. Justiça Social, Informacional, Racial e de Gênero (ANCIB, 2024).

A relevância da inclusão desses novos temas na Ciência da Informação evidencia a necessidade de um olhar mais atento e inclusivo para questões de identidade de gênero e sexualidade. Nesse contexto, as reflexões de Martins (2022)

são particularmente pertinentes. Martins (2022) traz um ensaio no qual reflete sobre a identidade de gênero e sexualidade na biblioteconomia brasileira. Em seu ensaio, ele aborda a questão da comunidade LGBTQIAP+ e a Biblioteconomia, questionando se essa relação está distante, próxima ou permeada por estremecimentos. Além disso, Martins destaca um ponto crucial acerca da preparação dos profissionais da informação para a utilização de termos usuais para a comunidade queer.

Uma bibliotecária fora convidada para ajudar ativistas dos grupos homossexuais. Na ocasião, a profissional se referiu ao termo técnico – homossexualismo – como ponto de partida para o debate. Aquém do significado dessa palavra entre os ativistas, ela abriu uma discussão, conhecida pelos grupos, segundo a qual o termo não poderia ser utilizado porque o sufixo “ismo” qualificava que a origem da palavra a associava à ideia de doença (Silva; Lara, 2004, p. 2 apud Martins, 2022, p. 17-18).

A partir desse apontamento, fica visível a importância do preparo dos profissionais da informação. Biasoli e Zafalon (2018) apresentam um trabalho no Seminário Informação, Inovação e Sociedade, realizado na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) no qual abordam o domínio LGBTQIAP+ nas pesquisas da área de ciência da informação. Em seu seminário, Biasoli e Zafalon reforçam a ideia da importância do preparo do profissional da informação para atender essa comunidade específica.

[...] As pesquisas e estudos sobre a temática LGBTQ+ contribuem amplamente para a multidisciplinaridade profissional do bibliotecário, bem como auxilia na constante atualização e referências sobre determinados assuntos. Os usuários das unidades de informação teriam muito a ganhar se bibliotecários forem capacitados a fazer uma melhor representação dos documentos referentes à temática LGBTQ+ (Biasoli; Zafalon, 2018, p. 4).

Em estudos realizados por Santana *et al.* (2020) observa-se essa problemática quando mencionado as políticas de indexação; indicam, inclusive, que a representação da informação a partir da indexação temática nas redes LGBTQIAP+ é de extrema importância, pois contribui para a visibilidade e o reconhecimento dos sujeitos LGBTQIAP+ na sociedade e na produção científica. Por exemplo, utilizar indexadores como "homem trans" e "mulher trans" demonstra que é possível visibilizar e reconhecer esses sujeitos, bem como seus direitos, na comunidade LGBTQIAP+. Além disso, a indexação temática atenta a essas questões promove a desconstrução de lógicas compulsórias de subjetividade e corpos padronizados, inserindo a diversidade de subjetividades e corpos na comunidade científica. Santana *et al* (2020, p. 16) ainda citam em suas considerações finais que “[...] a dimensão da informação

gênero-sexualidade essencialmente visibiliza a comunidade LGBTQIA+ positivamente, sobretudo, no âmbito científico, uma vez que a ciência contribuiu em tempos mais longínquos com teorias equivocadas em relação à população LGBTQIA+”.

As políticas de indexação desatualizadas não interferem apenas no âmbito científico. Rodrigues (2022) em seu artigo trata da aplicação da Análise de Conteúdo como método de leitura crítica de textos. Ele propõe a criação de um Observatório LGBTQIA+ focado na análise das representações LGBTQIAP+ na publicidade brasileira com o objetivo de entender melhor as práticas e produtos da comunicação social para este público. A ideia de criação de um Observatório LGBTQIA+ da mídia contribui para a inclusão e a representatividade de diferentes públicos na produção, e disseminação da informação. Essa observação reflete muito a ideia de atualizar as políticas de indexação para que promovam a diversidade e a acessibilidade da informação para o público LGBTQIAP+.

Em unidades de informação, como bibliotecas, arquivos e museus, os processos padronizados de atuação necessitam ser atualizados pois não contemplam a diversidade e através do poder como instituição e da credibilidade e poder que possuem seus sujeitos ali atuantes, pode contribuir com as desigualdades se omitir-se de sua atuação como promotora de conhecimento respeitando e promovendo a diversidade (Mosso, 2022, p. 3).

Após a análise dos artigos discutidos até aqui torna-se claro que a Ciência da Informação (CI) precisa acrescentar melhorias em relação à temática LGBTQIAP+ em suas diversas áreas de atuação. Em uma pesquisa voltada para a construção de uma análise geral sobre os trabalhos científicos relacionados aos temas LGBTQIAP+ na CI, Mosso (2022) explora a Teoria Queer de Judith Butler. Ele argumenta que essa teoria pode auxiliar a CI na formulação de conceitos, teorias e metodologias que atendam às necessidades informacionais da comunidade queer, tratando-os como usuários legítimos e importantes da informação.

É primordial também que nessas equipes de desenvolvimento tenha a participação de pessoas LGBTQIA+ para que de fato haja representatividade e lugar de fala para o desenvolvimento de uma Biblioteconomia e Ciência da Informação que acolha a visão de mundo da diversidade (Mosso, 2022, p. 6).

Mosso (2022) também utiliza da expressão “[...] romper com o processo de “higienização” referindo-se à demanda da CI em abandonar práticas que forcem as pessoas LGBTQIAP+ e se submeterem às normas atuais para serem aceitas pela

sociedade. A "higienização" aqui é vista como uma forma de controle social que obriga as pessoas a se encaixarem em padrões aceitos, muitas vezes à custa de sua verdadeira identidade. Pinto Junior e Santos Neto (2023), em seu estudo sobre gênero na Ciência da Informação com foco na comunidade LGBTQIAP+, também corroboram com a ideia de Mosso (2022) ao citarem:

[...] os estudos queer, portanto, podem ser considerados como porta de entrada para correntes teóricas e pensamentos que auxiliem na desconstrução de normas e regras historicamente impostas social e politicamente, como a binarização dos gêneros e a heterossexualização das orientações sexuais, que possuem o poder de deslegitimar corpos, pessoas e vidas (Pinto Junior; Santos Neto, 2023, p. 7).

A "higienização" mencionada por Mosso (2022) em sua pesquisa, é um conceito profundamente problemático que remete às práticas históricas de exclusão e silenciamento de comunidades marginalizadas. Essas práticas são destinadas a criar uma percepção mais "limpa" e "aceitável" de determinados assuntos para que sejam aceitos em sociedade. No caso da comunidade queer, essa higienização implica a remoção ou a ocultação de suas vivências e identidades visando moldar uma narrativa que seja mais confortável para a maioria heteronormativa. Essa "higienização" também pode ser relacionada ao conceito de injustiça epistêmica, ou até mesmo o conceito de epistemicídio, utilizado por Andrade, Alves e Silva (2023a) em seu artigo "O conhecimento alternativo da Biblioteca Universal Guei contra a injustiça epistêmica na literatura brasileira". A injustiça epistêmica, mencionado por Andrade, Alves e Silva (2023a), ocorre quando é negado o direito de acessar, compartilhar ou ser reconhecido pelo seu saber por alguém, mais especificamente pessoas não-heterossexuais.

Esses conceitos se entrelaçam diretamente com a Ciência da Informação (CI) e a literatura. A injustiça epistêmica se manifesta na literatura quando as vozes e narrativas das comunidades queer são sistematicamente silenciadas ou excluídas dos acervos e catálogos das bibliotecas e editoras.

[...] as injustiças que permeiam o cenário literário, tanto de acervos públicos quanto dos catálogos de grandes editoras, evidenciam posturas de segregação de sujeitos que são postos às margens do social, a saber: mulheres cisgênero e transgênero, negros; indígenas, pessoas com deficiências, sujeitos que se reconhecem como Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transsexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais e outros mais (LGBTQIA+) etc (Andrade; Alves; Silva, 2023a, p. 105).

Na Bienal do Rio de Janeiro em 2019, a Prefeitura da cidade determinou o recolhimento dos exemplares da HQ “Vingadores, a Cruzada das Crianças” por conter uma ilustração de dois personagens masculinos se beijando. Seguindo essa determinação, o presidente do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, Claudio de Mello, concedeu uma liminar favorável ao recolhimento dos exemplares da HQ e de qualquer outra publicação com conteúdo LGBTQIAP+. A Prefeitura justificou sua decisão alegando a necessidade de preservar a “família carioca”, argumentando que livros com conteúdo “impróprio” e “eróticos” estavam de fácil acesso às crianças. Publicada originalmente em 2010, a HQ não continha nenhuma cena considerada “erótica” ou classificada para maiores de 18 anos; apenas apresentava uma única cena de dois homens se beijando. A atitude do Prefeito do Rio de Janeiro exemplifica a injustiça epistêmica, pois a censura dessa HQ não tinha outro fundamento além do desejo de apagar pessoas queer das narrativas e dificultar o acesso dos leitores aos livros com representatividade LGBTQIAP+.

Andrade, Alves e Silva (2023b) em seu artigo “O Gesto Bibliográfico LGBTQIAP+ e a Construção Anti-Epistemicida” afirmam que

[...] quando se coloca sobre perspectiva as literaturas que permitem o alcance do conhecimento pelos sujeitos das margens culturais e sociais, essas se tornam limitadas, censuradas ou descaracterizadas a partir de estratégias de silenciamento e apagamento (Andrade; Alves; Silva, 2023b, p. 2).

Essa citação evidencia como a injustiça epistêmica se manifesta na prática; a censura de histórias que retratam as vivências queer são uma estratégia de silenciamento que limita acesso ao conhecimento e às representações culturais das comunidades marginalizadas. Na Ciência da Informação, essa questão é crucial, pois a censura e a exclusão de conteúdos LGBTQIAP+ comprometem a integridade e a diversidade do conhecimento disponível.

Baum (2021) em seu Trabalho de Conclusão de Curso analisa a presença de autores de literatura com temática LGBTQIA+ nos espaços escolares e de informação públicos no Brasil. Ele reflete acerca das relações de poder e como a censura da literatura que retrata a comunidade LGBTQIAP+ fortalece a cultura homogênea que serve aos interesses de quem está acima na sociedade. Silvia Castrillón (2011 *apud* Baum, 2021, p. 28), cita a leitura como poder de exclusão “[...] pois, por exemplo, na idade média a igreja controlava os textos sagrados, já atualmente os interesses econômicos é que controlam essa leitura”. Esta exclusão é um reflexo do controle de

poder que se mantém até os dias de hoje, onde quem detém os meios econômicos pode limitar a diversidade cultural e intelectual.

Um ponto interessante abordado por Cury (2022) é a inclusão de vivências da comunidade LGBTQIAP+ de forma lúdica na literatura infantil para a construção de uma sociedade futura menos preconceituosa e mais empática.

Partimos da premissa que a construção de uma identidade plural, através de uma educação baseada na tolerância e na aceitação da diversidade, seja uma das medidas fundamentais no combate a esse cenário pois é na infância que se normalizam comportamentos e se consolidam princípios que depois acompanham os cidadãos na vida adulta (Cury, 2022, p. 9-10).

Cury (2022) também observa que livros infantis que incluem personagens homoafetivos têm chegado às livrarias com o objetivo de reduzir o preconceito e introduzir de forma natural questões sobre identidade de gênero. Ele argumenta que ao incorporar personagens e histórias homoafetivas em literatura infantil, a leitura ajuda as crianças a compreenderem desde cedo a diversidade de orientações afetivas e sexuais. Além disso, essas obras podem contribuir para o desenvolvimento de cidadãos mais conscientes e empáticos, promovendo a capacidade de se colocar no lugar do outro, mesmo que suas experiências sejam diferentes.

Em 2023, o Grupo Editorial Record (GER), republicou a obra “Melissa” de Alex Gino. “Melissa”, conta a história de uma menina trans que sabe muito bem quem é, porém, as pessoas ao seu redor insistem em chama-la de “George”. O livro foi publicado sob o selo “Galera Junior” do GER, selo este destinado a publicação de livros destinados ao público infantil, e tem como foco abordar de forma sensível e natural o plano de uma garotinha que sabe que é uma menina, e irá mostrar para todos que pensam o contrário o quanto estão errados. “Melissa” foi vencedor do Children's Stonewall Award, o primeiro e mais duradouro dos prêmios literários LGBTQIAP+. Este livro é um exemplo de como histórias com temática direcionadas ao público infantil podem ser sensíveis em sua abordagem e servir de base para que crianças em formação, que estejam passando por situações semelhantes, sintam-se acolhidas na literatura.

Deste modo, conclui-se que a promoção da diversidade através da literatura é um passo essencial para a construção de uma sociedade futura mais inclusiva, justa e acolhedora. No entanto, para compreender a profundidade e a complexidade da luta pelos direitos LGBTQIAP+ e entender seu local da sociedade atual é importante olhar para o passado e captar como esses movimentos se desenvolveram ao longo do

tempo. A próxima seção, "Um retrato dos movimentos LGBTQIAP+" examinará os desafios e avanços significativos que estes movimentos causaram, proporcionando um contexto histórico crucial para o entendimento de como a comunidade LGBTQIAP+ conseguiu conquistar seu espaço na sociedade moderna.

2.4 UM RETRATO DOS MOVIMENTOS LGBTQIAP+

Para entender plenamente o caminho trilhado pela comunidade LGBTQIAP+ na conquista de seus direitos, é crucial examinar a história e evolução dos movimentos sociais que lutaram por igualdade e reconhecimento. Esta seção abordará um retrato dos movimentos LGBTQIAP+, destacando suas origens, as principais motivações por trás destes, os desafios enfrentados e as vitórias alcançadas ao longo das décadas, proporcionando uma visão abrangente do percurso histórico que moldou a luta por direitos e dignidade da comunidade.

Um aspecto importante dessa evolução é o conceito de homofilia, que Braga Junior (2006, p. 19-20), em seu artigo "*Caio Fernando Abreu: Narrativa e Homoerotismo*", define como "[...] um fortalecimento de laços grupais internos de apoio, de solidariedade para com o sujeito, desconhecido ou não em seu grupo social, cuja diferença passa a ser não mais sinônimo de um sintoma clínico". O movimento homófilo e suas raízes históricas remontam a um longo caminho de lutas e transformações, que se estendem desde o final do século XIX até os movimentos de liberação gay da década de 1960.

As organizações homófilas, surgidas inicialmente na Europa, com destaque para a Alemanha, tiveram como principal objetivo promover mudanças políticas que pudessem acrescentar na aceitação da relação a comunidade gay e lésbica na sociedade. Molina, Andrade e Silva (2018) ressaltam que a Alemanha foi o país pioneiro em políticas de inclusão para a comunidade LGBTQIAP+.

Desde o início dos anos 1910, Berlim já era considerada uma das cidades mais gay-friendly para a comunidade homossexual de toda a Europa, com centenas de bares e livrarias destinados para esse público. A produção de ciência em si já voltava-se para a diversidade sexual (Molina; Andrade; Silva, 2018, p. 712).

Ao mesmo tempo em que a Alemanha foi pioneira em políticas de inclusão, alguns anos anteriores já indicavam o início de políticas que culminariam na perseguição aos homossexuais durante a Segunda Guerra. Em 1869, a Alemanha

considerava um novo código penal, cujo qual criminalizaria as relações entre pessoas do mesmo sexo. E foi a criação desse novo código penal que impulsionou Magnus Hirschfeld, neurologista alemão, a fundar o “*Wissenschaftlich-humanitäres Komitee*”, Comitê Científico Humanitário, em 1897. Este comitê tinha como objetivo a realização de pesquisas pelos direitos dos homossexuais e transgêneros com base nos conhecimentos científicos de Hirschfeld. Molina, Andrade e Silva (2018, p. 712) trazem também em seu texto outra criação importante realizada por Hirschfeld: o “*Institut für Sexualwissenschaft*”, Instituto de Pesquisas Sexuais, criado em 1919 e que “[...] trouxe incontáveis contribuições acerca da transexualidade – inclusive o cunho do termo –, sendo pioneiro nas pesquisas direcionadas ao tratamento e procedimento cirúrgico de redesignação sexual.”

Morales (2022) em seu artigo “*Gerda Wegener y Lili Elbe: dos chicas danesas*”, aponta Hirschfeld como uma figura proeminente nos estudos de sexualidade e o coloca como ativista pioneiro dos direitos LGBTQIAP+. Morales (2022) ainda salienta que, além de Magnus ter tido um papel crucial na tentativa de reformar as leis que criminalizavam a homossexualidade na Alemanha, ele conduziu pesquisas inovadoras que contribuíram significativamente para o avanço das cirurgias de redesignação de gênero. Morales (2022, p. 8, tradução nossa) ressalta que Lili Elbe foi “[...] o primeiro caso na mídia e [...] é considerada a primeira pessoa transgênero a se submeter a um tratamento cirúrgico”³. Lili Elbe foi submetida a uma cirurgia pelo Dr. Kurt Warnekros, ginecologista da Frauenklinik de Dresden, e mais tarde passou a ser tratada por Hirschfeld em seu instituto, no qual passou por dezessete meses de operações. A história de Lili Elbe voltou a ganhar notoriedade quando virou filme em 2015, sob o título “A Garota Dinamarquesa”.

Elbe conheceu Claude Lejeune, um negociante de arte com pensamento moderno e à frente do seu tempo, com quem iniciou um relacionamento amoroso. [...] ela queria ser mãe e não se sentiria plenamente mulher até que isso fosse possível, por isso concordou em fazer uma última operação para atingir esse objetivo. No final, Elbe não conseguiu suportar essa última operação, que lhe causou complicações cardíacas, e causou sua morte pouco tempo depois (Morales, 2022, p. 8, tradução nossa).⁴

³ No original: “Sin embargo, fue el primer caso mediático y Lili Elbe es considerada la primera persona transexual en pasar por un tratamiento quirúrgico”.

⁴ No original: “[...] Elbe conoció Claude Lejeune, un marchante de arte de pensamiento moderno y adelantado a su tiempo, con quien inició una relación romántica. [...] deseaba ser madre y no se sentiría completamente una mujer hasta que eso no fuera posible, por lo que

Embora o trabalho de Hirschfeld sobre a transexualidade tenha sido inovador, algumas de suas ideias científicas sobre orientação sexual são atualmente vistas de forma crítica. Ele foi influenciado pelas teorias eugenistas prevalentes em sua época, o que resultou em uma abordagem influenciada pelo biologismo.

Apesar disso, em *The Origins of the Gay Liberation Movement 1900-1950* escrito pela Dra. Elizabeth James, observa-se que Hirschfeld teve grande influência na criação de outros movimentos em favor da comunidade LGBTQIAP+.

Talvez o americano mais conhecido influenciado pelo movimento alemão tenha sido Henry Gerber. Enquanto estava estacionado na Alemanha durante a Primeira Guerra Mundial [...], Gerber lia regularmente as revistas e boletins informativos das organizações homófilas alemãs, onde entrou em contato com o movimento em Berlim (James, 2005, p. 32).⁵

Gerber, que serviu às Forças Americanas de Illinois na Alemanha de 1920 a 1923, teve contato direto com o movimento de emancipação homossexual alemão e com o Comitê Científico Humanitário fundado por Hirschfeld. Inspirado pelo que viu na Alemanha, Gerber sentiu a necessidade de estabelecer uma organização nos Estados Unidos para proteger os direitos de gays e lésbicas. Assim, com a ajuda de vários amigos, ele formou a *Society for Human Rights* (SHR).

A SHR, fundada em 1924, foi a primeira organização nos Estados Unidos a ser reconhecida pelos direitos dos homossexuais. Durante sua curta existência, a Sociedade publicou o primeiro boletim informativo voltado para a comunidade homossexual, chamado "*Friendship and Freedom*". Apesar de sua breve duração, a Sociedade de Gerber é considerada uma precursora do movimento de libertação gay, estabelecendo as bases para futuras organizações e movimentos em prol dos direitos LGBTQIAP+ nos EUA.

Gerber, sua organização e a *Friendship and Freedom* quase nunca são discutidos em detalhes nas histórias do movimento gay, embora ele tenha "plantado a semente do orgulho gay" e a ideia de lutar pelos direitos dos homossexuais em dezenas de colegas, influenciando direta e indiretamente Harry Hay, Jim Kepner, Tony Segura. Manuel

convino hacerse una última intervención para lograrlo. Finalmente Elbe no soportó esta última operación, la cual le causó complicaciones cardíacas y al poco tiempo falleció".

⁵ No original: "Perhaps the most well known American influenced by the German movement was Henry Gerber. While stationed in Germany after the First World War from 1920 to 1923, Gerber regularly read the magazines and newsletters of German homophile organizations and was exposed to the movement in Berlin".

Boyfrank e outros que trabalharam para estabelecer o movimento homófilo da década de 1950 (James, 2005, p. 34, tradução nossa).⁶

Apesar dos insucessos iniciais, essas primeiras tentativas de organização desempenham um papel essencial na história do movimento pelos direitos da comunidade LGBTQIAP+, revelando a determinação dos homossexuais em se organizar e a necessidade urgente de reagir ao tratamento negativo da sociedade. Essa necessidade se tornou ainda mais evidente durante a Segunda Guerra Mundial, quando as pessoas queer enfrentaram desafios únicos que tiveram impactos profundos em suas vidas e nos movimentos sociais subsequentes.

Durante a Segunda Guerra Mundial, a visibilidade e a perseguição dessas comunidades tiveram um efeito ambivalente. Nos Estados Unidos, muitos homens gays e bissexuais foram recrutados para o serviço militar, onde enfrentaram discriminação e, frequentemente, foram dispensados devido à sua orientação sexual. Paralelamente, na Alemanha nazista, as políticas anti-homossexuais foram implementadas de maneira extremamente severa e opressiva, exacerbando a necessidade de um movimento organizado para combater tais injustiças e fortalecer a luta pelos direitos LGBTQ+.

Durante a República de Weimar, entre os anos de 1919 e 1932, o parágrafo/artigo 175 do Código Penal Alemão apresentava em sua redação a investida em relação à “luxúria contra o que é natural” ou “widernatürliche unzucht”. Dessa forma, o texto original abria precedentes para que os juízes interpretassem sua aplicação às uniões que envolvessem relações sexuais diretas entre homens homossexuais ou entre homem e animais, classificadas como bestialidades. A partir de 1933, com os nazistas no poder, o Código Penal Alemão foi reformado e o parágrafo 175 redigido para apenas “unzucht”, ou “luxúria”, dando posterior margem para que os magistrados interpretassem além das relações de coito e passassem a criminalizar também a masturbação mútua, realizada entre tais grupos específicos, como citados anteriormente (Molina; Andrade; Silva, 2018, p. 717).

Portanto, o parágrafo 175 do Código Penal alemão, que proibia relações sexuais entre homens, foi amplamente utilizado para justificar a perseguição e a criminalização dos homossexuais. Esse estatuto foi estabelecido em 1869 e já havia sido uma fonte de discriminação muito antes da ascensão de Hitler ao poder em 1933.

⁶ No original: “*Friendship and Freedom* are almost never discussed in any detail in gay movement histories, even though he “sowed the seed of gay pride and the idea of fighting for gay rights in scores of correspondents, directly and indirectly influencing Harry Hay, Jim Kepner, Tony Segura...Manuel Boyfrank, and others who worked to establish the homophile movement of the 1950s””

Renan Quinalha (2022, p. 41) em seu livro *"O Movimento LGBTI+: Uma breve história do século XIX"*, afirma que "[...] durante o nazismo, esse mesmo parágrafo 175 foi largamente utilizado para prisão e envio para campos de concentração e o extermínio de pessoas acusadas de terem relações homossexuais". Segundo Molina, Andrade e Silva (2018) a brutal aplicação do parágrafo 175 resultou na detenção de aproximadamente 45 mil homossexuais, que foram presos sob a acusação de manter contatos físico-sexuais entre homens. Esses indivíduos eram forçados a usar o triângulo rosa, uma marca de identificação que os distinguia nos campos de concentração, onde muitos enfrentaram tortura e morte. A severidade dessas medidas ilustra a extensão da repressão sistemática enfrentada pela comunidade homossexual na Alemanha durante o regime nazista.

A violação de corpos e a destruição de redes e espaços da comunidade gay na Alemanha foi uma tragédia irreparável para o movimento homossexual da época, deixando uma cicatriz profunda na história LGBTQIAP+. Essas experiências foram cruciais para despertar uma consciência coletiva sobre identidade sexual e direitos civis entre os afetados. Após o fim da guerra, essas experiências moldaram uma nova consciência de resistência e organização entre os sobreviventes e ativistas da causa queer, catalisando movimentos de libertação e direitos civis nas décadas seguintes.

Foi no pós-guerra que as discussões internacionais tiveram um enfoque a respeito do princípio da dignidade humana e da importância dos seus atributos e concepção como forma de valores mais caros da existência humana, além de entender o princípio da dignidade da pessoa como um dos fundamentos principais do Estado Democrático de Direito e embasou a Declaração Universal dos Direitos Humanos, aprovada em 1948, pela Assembleia Geral das Nações Unidas (Molina; Andrade; Silva, 2018, p. 713).

Essa mudança nas concepções dos direitos universais teve um efeito profundo nos movimentos sociais subsequentes, incluindo o movimento pelos direitos LGBTQIAP+. Ao enquadrar a luta pelos direitos LGBTQIAP+ dentro do contexto mais amplo dos direitos humanos, os ativistas conseguiram novos argumentos e uma base moral sólida para suas reivindicações, facilitando avanços legais e sociais em várias partes do mundo.

[...] Entre 1950 e 1955 surgem novas formações comunitárias gays e lésbicas como a Mattachine Society e a organização lésbica Daughters of Bilitis, que são reconhecidas como as primeiras organizações civis de lésbicas e gays que caracterizam a movimentação homófila (The Homophile Movement), isto é, foram precursores dos movimentos de liberação gay (The Gay Liberation Movement) (Jagose, 1996 apud Gomes Filho; Melo, 2014, p. 4).

Segundo o “*LGBTQIA+ Studies: A Resource Guide*”, um guia de pesquisa LGBTQIAP+ elaborado pela *Library of Congress*, três grupos desempenharam um papel crucial no movimento homófilo e que antecederam os eventos de Stonewall: *The Daughters of Bilitis*, *One, Inc.* e *The Mattachine Society*. “Antes de Stonewall, havia, segundo estimativas conservadoras, pelo menos 60 grupos homófilos ou de defesa dos direitos dos homossexuais em atividade” (Library of Congress, 2019, tradução nossa)⁷.

The Daughters of Bilitis foi fundada em São Francisco em 1955 e sua ideia partiu de Rosalie “Rose” Bamberger e sua parceira Rosemary Sliepen e outros três casais. O grupo ficou conhecido como o primeiro a lutar pelos direitos lésbicos nos Estados Unidos. A revista *The Ladder* se tornou o método oficial de comunicação das *Daughters of Bilitis*, no qual começaram a fazer publicações periódicas em 1956, e apesar de não ser o primeiro do país, ele acabou tornando-se o primeiro periódico lésbico distribuído nacionalmente. O primeiro periódico lésbico dos Estados Unidos foi criado em 1947 por Lisa Ben, intitulado *Vice Versa*. James (2005, p. 36), ressalta que a revista de Lisa “[...] também desempenhou parcialmente as mesmas funções que os grupos de discussão dos anos 50, uma vez que serviu de “local de discussão pública de temas que os principais meios de comunicação social se recusavam a cobrir”⁸.

Outra publicação significativa dessa época foi a revista “*One, Inc.*” Originalmente publicada por membros da *The Mattachine Society*, seu sucesso levou à criação da própria *One, Inc* que atuou de 1953 a 1967. “A revista nunca foi formalmente associada à *Mattachine Society*, embora a ideia tenha surgido em um grupo de discussão da *Mattachine Society* em outubro de 1952” (Library of Congress, 2019, tradução nossa).⁹ A *The Mattachine Society*, inicialmente conhecida como Mattachine Foundation, foi fundada como uma organização secreta em Los Angeles em 1950 pelo ativista comunista Harry Hay e outros ativistas. A estrutura da sociedade foi inspirada no Partido Comunista, com a liderança conhecida como “quinta ordem”

⁷ No original: “Before Stonewall, there were by conservative estimates at least 60 homophile or gay rights groups operating”.

⁸ No original: “[...] also partially performed the same functions as the discussion groups of the 1950s, as it served as “a venue for public discussion of topics that the mainstream media refused to cover”

⁹ No original: “*ONE Magazine* was never formally associated with the Mattachine Society, even though the idea for the magazine is said to have originated at a Mattachine Discussion Group in October 1952”.

mantida em anonimato, de modo que os membros não conheciam as identidades dos líderes.

A Mattachine Society tornou-se um dos vários grupos proeminentes que se organizaram durante o período de ativismo LGBTQ+ referido como Movimento Homófilo, com a abertura de capítulos em vários estados (Library of Congress, 2019, tradução nossa).¹⁰

Em uma época pós-guerra em que a homossexualidade era abordada em termos negativos, Lisa Ben, *The Daughters of Bilitis* e a *One, Inc.* forneciam um recurso de informação e educação para a comunidade LGBQIAP+, resultando numa visão positiva da homossexualidade para a comunidade e incentivando um sentimento de orgulho em ser homossexual.

O projeto de Lisa Ben foi, sem dúvida, uma tentativa individual de melhorar a condição homossexual, tal como a tentativa de Henry Gerber de criar uma organização homossexual, mas o seu trabalho foi um antecessor direto da organização lésbica posterior, *Daughters of Bilitis* (James, 2005, p. 38, tradução nossa).¹¹

Além do conteúdo informativo, a revista de Lisa também trazia resenhas, listas de livros, filmes e peças de teatro com a temática LGBQIAP+ para a comunidade gay e lésbica.

A historiadora Margaret Cruikshank (1992 *apud* James, 2005) aponta o impacto desses movimentos na rebelião de Stonewall.

Stonewall não teria tido um efeito tão eletrizante[...] se os pioneiros defensores da igualdade de direitos para os homossexuais não tivessem trabalhado de 1950 a 1969 para lançar as bases de um movimento mais amplo (Cruikshank, 1992 *apud* James, 2005, p. 26, tradução nossa).¹²

Esses movimentos predecessores estabeleceram uma base sólida para que a Rebelião de Stonewall fosse o grande ponto de ruptura na história da comunidade queer e marcaria um novo período de intensas lutas e conquistas para a população LGBQIAP+. Ocorrido em 28 de junho de 1969 em Nova York, este evento é

¹⁰ No original: "The Mattachine Society went on to become one of several prominent groups organizing during the period of LGBTQ+ activism referred to as the Homophile Movement, with chapters opening up in a number of states".

¹¹ No original: "Lisa Ben's project was undoubtedly an individual attempt to improve the homosexual condition, like the attempt by Henry Gerber to establish a homosexual organization, but her work was a direct predecessor of the later lesbian organization, *Daughters of Bilitis*".

¹² No original: "Stonewall would not have had such an electrifying effect[...] if pioneering advocates of equal rights for homosexuals had not worked from 1950 to 1969 to lay the groundwork for a broader movement."

considerado o marco inicial de um movimento mais amplo e organizado pela conquista dos direitos civis LGBT.

Na década de 1960, a homossexualidade era amplamente criminalizada e estigmatizada nos estados norte-americanos. Com exceção do estado de Illinois, as relações entre pessoas do mesmo sexo eram consideradas ilegais na maior parte dos Estados Unidos. Por esse motivo, bares e boates gays eram um dos poucos lugares onde pessoas da comunidade LGTQIAP+ encontravam algum refúgio para se reunir e socializar em segurança. Tendo visto uma ótima oportunidade de negócio, a Família Genovese, conhecida por fazer parte de organizações criminosas, comprou Stonewall Inn, que antes era um restaurante, e o transformou em um bar gay.

Na década de 60, clubes destinados à comunidade gay funcionavam sob a fachada de um “bottle club”, para evitar as batidas policiais e facilitar o seu funcionamento, pois seria um clube privado. A proximidade com a máfia e os bares gays é explicada pelo conhecimento amplo de como burlar as regras, que permitia à comunidade gay gozar de espaços próprios (Apolinário et al., 2019, p. 101).

De acordo com Apolinário et al., (2019) a polícia de Nova York, sob a liderança do Inspetor Seymour Pine, violou os acordos informais ao realizar batidas no Stonewall Inn em horários e dias não combinados com a máfia, que subornava os policiais locais para manter o funcionamento do bar. Em 28 de junho de 1969, Pine tentou fechar o bar, alegando a falta de licença para vender bebidas alcoólicas, conforme exigido pelas Leis Alcoólicas Estaduais. Após essa alegação a polícia invadiu o estabelecimento, separando os clientes dos funcionários e das travestis, o que desencadeou uma onda de resistência por parte dos clientes presentes. Rodrigues (2019) em seu artigo *“O movimento LGBT vai ao mundo: uma análise Histórico-discursiva de sua internacionalização”* ressalta que os clientes haviam ficado revoltados com o assédio da polícia e decidiram rebelar-se, iniciando assim uma onda de manifestações por toda a cidade. Rodrigues (2019, p. 117) ainda ressalta que “[...] os clientes do bar logo se juntaram a outros homens e mulheres que começaram a atirar objetos contra os policiais, gritando “poder gay””. Os atos de violência por parte da polícia neste dia resultaram na revolta da comunidade LGTQAIP+, esta que já alimentava uma aversão as atitudes de repressão das autoridades contra a comunidade.

Na noite seguinte a multidão voltou ao local, e sob as bandeiras do “Gay Power” e “Equality for Homosexuals”, deu início a um protesto com cerca de 2 mil pessoas e cerca de 300 policiais. Mesmo sob

repressão, “Christopher Street belongs to the Queens!” era entoado a plenos pulmões pela comunidade cansada dos ataques à própria vida. Os protestos ocorreram durante toda a semana, se tornando mais inflamados próximo ao dia 2 de julho devido à chegada de grupos políticos de esquerda, apoiadores da “libertação” da população LGBT, que davam suporte à causa. Estes últimos protestos foram mais violentos, com conflitos físicos e depredação de patrimônio (Apolinário et al., 2019, p. 102).

Após esse evento, em julho de 1969, a Mattachine Society, promoveu a “*March on Stonewall*” e este evento levou à criação da Gay Liberation Front, dedicada a libertar os homossexuais da opressão e assegurar seus direitos humanos. Para se entender o tamanho do impacto da Rebelião de Stonewall, ela foi o grande momento que marcou a criação do Dia Internacional do Orgulho LGBT, que é celebrado no 28 de junho.

Para concluir esta análise da evolução histórica dos movimentos LGBTQIAP+ é essencial reconhecer o impacto duradouro dessas lutas e suas conquistas na promoção dos direitos humanos e da dignidade. Desde as raízes do movimento homófilo na Europa até a emblemática Rebelião de Stonewall, cada etapa desse percurso foi marcada por desafios significativos e vitórias importantes. A celebração do Dia Internacional do Orgulho LGBT e a realização de marchas de orgulho em diferentes cidades simbolizam não apenas a resistência, mas também a celebração da identidade e a busca contínua por igualdade.

A compreensão dessas trajetórias históricas é fundamental para aprofundar o entendimento acerca das representações da experiência queer na sociedade. Com isso, avançamos para a próxima seção, onde explora-se a sobre os procedimentos metodológicos.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para responder à questão de pesquisa proposta neste trabalho e alcançar os objetivos estabelecidos, adota-se uma abordagem qualitativa de natureza aplicada, com objetivos exploratórios. Essa metodologia é adequada para a análise detalhada das obras literárias selecionadas e para a compreensão do contexto sociocultural e histórico envolvido na temática queer.

Segundo Silveira e Córdova (2009, p. 31), a pesquisa qualitativa “[...] não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc”. Isso significa que, em vez de buscar amostras estatisticamente significativas, a pesquisa qualitativa foca na riqueza e profundidade das informações obtidas, permitindo uma análise mais detalhada das representações feitas por Virginia Woolf e James Baldwin.

Além disso, a pesquisa aplicada “[...] objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais” (Silveira; Córdova, 2009, p. 35). Isso torna essa abordagem particularmente relevante para esta investigação, que busca não apenas compreender as representações queer na literatura, mas também aplicar esses conhecimentos para promover a visibilidade e a inclusão de temas acerca da comunidade LGBTQIAP+ em estudos acadêmicos da área de Ciência da Informação.

A pesquisa exploratória, por sua vez, proporciona “[...] maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (Silveira; Córdova, 2009, p. 35).

O método bibliográfico será a base para revisar a literatura existente sobre literatura queer, identidade de gênero, sexualidade, movimentos LGBTQIAP+ e a perspectiva social da Ciência da Informação. Gil (2002, p. 44) define que a pesquisa bibliográfica é quando a pesquisa “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Por este motivo a revisão contemplará livros, artigos acadêmicos, teses, dissertações e outras publicações relevantes. A pesquisa bibliográfica será conduzida em bases de dados acadêmicas como Google Scholar, BRAPCI e SciELO, além de bibliotecas digitais como a Biblioteca de São Paulo, BibliOn, Fundação Biblioteca Nacional (FBN) e a plataforma de vendas Amazon. Complementando o método bibliográfico, será utilizado o método documental para a Análise de documentos históricos, como cartas,

diários e outros materiais primários, que ofereceram percepções sobre os contextos sociais, culturais e históricos das obras literárias que serão utilizadas futuramente.

Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentos das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico [...]. Na pesquisa documental, as fontes são muito mais diversificadas e dispersas (Gil, 2002, p. 45-46).

Para aprofundar a compreensão do tema, adota-se o estudo de caso detalhado das obras *Orlando* de Virginia Woolf e *O Quarto de Giovanni* de James Baldwin. A escolha dessas obras se justifica pela relevância que ambas têm na representação de questões de identidade de gênero, sexualidade e pertencimento dentro da literatura queer.

Para realizar a coleta de dados, primeiramente, foram destacadas e registradas citações relevantes das obras literárias selecionadas. Essas citações foram organizadas em categorias temáticas recorrentes, tais como identidade de gênero, sexualidade, raça, marginalização, entre outros.

Para a análise desses dados foi utilizado a parte interpretativa e cada citação foi analisada detalhadamente, considerando seu contexto dentro da narrativa e histórico, como aquele trecho refletia a comunidade queer da época, a forma que os autores fazem essa representação, entre outras análises pertinentes a cada trecho destacado.

Drisko e Maschi (2016, p. 65.), sustentam essa forma de análise ao ressaltar que:

Os investigadores podem utilizar a análise interpretativa de conteúdos para descrever conteúdos e significados, para resumir grandes conjuntos de dados e para fazer inferências sobre intenções, pensamentos e sentimentos com base no discurso ou noutras formas de comunicação ¹³.

Este processo de coleta e análise de dados permitiu que as nuances das obras fossem exploradas de maneira estruturada, possibilitando uma interpretação aprofundada das formas como Woolf e Baldwin abordam as questões *queer* em seus textos. A análise de conteúdo não apenas tornou visíveis os significados intrínsecos das passagens selecionadas, mas também relacionou essas interpretações ao

¹³ No original: "Researchers may use interpretive content analysis to describe content and meanings, to summarize large data sets, and to make inferences about intentions, thoughts, and feelings based on speech or other forms of communication".

contexto histórico e sociocultural das décadas de 1920 e 1950, no qual ofereceram uma visão abrangente das formas de representações queer ao longo do tempo.

Para a análise dos resultados, foi utilizado o método de análise de conteúdo por temática, esclarecido por Bardin (1977), mesclado com a análise interpretativa de conteúdo, abordada por Drisko e Maschi (2016). Sobre a análise de conteúdo, Bardin (1977, p. 42) menciona que ela é “[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter [...] indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”. Drisko e Maschi (2016, p. 58), ao falar sobre a análise interpretativa de conteúdo, esclarecem que “[...] os investigadores podem abordar tanto os antecedentes como as consequências da comunicação, permitindo explorar tanto as causas como os efeitos da comunicação, juntamente com o seu conteúdo explícito”¹⁴.

A análise de conteúdo permitiu que as informações coletadas no estudo de caso das obras *Orlando* de Virginia Woolf e *O Quarto de Giovanni* de James Baldwin sejam categorizadas e interpretadas de forma a revelar os significados subjacentes e outros temas presentes nas narrativas. Este método envolveu, a partir da leitura integral dos livros selecionados, a identificação de temas recorrentes, padrões e significados específicos que surgiram a partir da leitura do texto, facilitando a compreensão das representações de gênero, sexualidade e identidade que emergem destas obras.

É relevante destacar que, no cotidiano profissional de bibliotecários e cientistas da informação, a leitura integral das obras não é uma prática comum. Em vez disso, utiliza-se a leitura documental, que se caracteriza por uma abordagem exploratória voltada para a extração de informações a partir dos elementos disponíveis na própria edição, como sinopses, índices e prefácios. Esse método permite identificar aspectos essenciais do conteúdo sem a necessidade de uma leitura completa.

Como parte da análise dos resultados, foi realizada uma avaliação detalhada das sinopses de *Orlando* e *O Quarto de Giovanni* para identificar como os elementos essenciais de cada obra estão refletidos nas descrições fornecidas. Em seguida, foi realizada uma pesquisa sobre os termos atribuídos a essas obras em acervos digitais

¹⁴ No original: “Researchers can address both the antecedents and the consequences of communication, allowing exploration of both the causes and effects of communication along with its explicit content”.

e livrarias, com o objetivo de entender como essas classificações se alinham aos temas explorados nas narrativas. Essa abordagem buscou verificar a coerência entre os termos atribuídos e o verdadeiro conteúdo das obras, ressaltando a importância de uma representação adequada para garantir a visibilidade da literatura queer em contextos informacionais. Além disso, foram sugeridos novos termos para essas obras, com base no glossário¹⁵ desenvolvido pelo *The Center of Excellence on LGBTQ+ Behavioral Health Equity* (CoE LGBTQ+ BHE) — glossário este que foi desenvolvido Centro de Excelência sobre Equidade em Saúde Mental e Abuso de Substâncias LGBTQ+ (CoE LGBTQ+ BHE, sua sigla em inglês), como um recurso para profissionais de saúde mental entenderem as terminologias utilizadas dentro da comunidade — buscando adotar uma terminologia mais atualizada e representativa, capaz de refletir com maior precisão os conteúdos abordados nas narrativas.

Assim, a metodologia adotada nesta pesquisa permitiu uma abordagem sistemática e detalhada para compreender de forma completa as obras *Orlando* e *O Quarto de Giovanni* e como os elementos dessas obras são representados em ambientes informacionais

¹⁵ O documento está disponível no Anexo A deste relatório.

4 COLETA DE DADOS E ANÁLISE PRÉVIA

Nesta seção, são analisadas as representações de identidade de gênero e sexualidade em *Orlando*, de Virginia Woolf, e *O Quarto de Giovanni*, de James Baldwin. A coleta de dados foi organizada em duas etapas principais: primeiramente, as obras foram detalhadamente caracterizadas, considerando seus contextos de produção, bem como as influências pessoais e históricas que moldaram suas narrativas e temáticas. Em seguida, após a leitura integral de ambas, foram selecionadas e analisadas citações específicas, buscando compreender como as narrativas abordam questões de identidade.

4.1 CARACTERIZAÇÃO E ANÁLISE DE ORLANDO

Nesta seção a obra de Virginia Woolf é abordada em diferentes perspectivas para oferecer uma visão completa da narrativa. Inicialmente, realizou-se uma caracterização da obra, explorando aspectos como estrutura, estilo e temas centrais, com foco nas inovações literárias que Woolf traz para a biografia fictícia de Orlando. Em seguida, apresenta-se uma análise de trechos extraídos do livro, examinando como esses trechos refletem a experiência do leitor e contribuem para a compreensão da narrativa, bem como para a percepção das nuances temáticas.

4.1.1 Orlando

Em *Orlando*, publicado pela primeira vez em 1928, Virginia Woolf nos apresenta a Orlando, um jovem dotado de imortalidade, que durante uma viagem na Turquia acorda sendo mulher. Orlando, portanto, vive ao longo de três séculos experienciando e navegando entre as fronteiras físicas e emocionais de ser, ora homem, ora mulher.

Em 1927, Virginia Woolf estava no processo de escrita do seu estudo crítico *Ao Farol*. Ao escrever uma carta para sua amiga e amante Vita Sackville-West em 9 de outubro de 1952, Woolf dizia estar desesperada pois não conseguia arrancar uma palavra de dentro de si, e ao escrever as palavras “*Orlando, uma biografia*”¹⁶ seu corpo encheu-se de euforia e a cabeça de ideias.

¹⁶ “*Orlando, uma biografia*” se refere ao título original da obra. Na tradução feita pela Companhia das Letras, a editora trouxe a obra sob o título de “*Orlando*”.

De acordo com Pereira e Taunay (2016), o personagem Orlando teria sido inspirado na vida de Vita Sackville-West, uma mulher bissexual que foi amiga íntima e amante de Virginia Woolf. Nascida em uma rica família aristocrática de Londres, Vita Sackville-West, foi impedida de herdar sua casa ancestral por ser mulher. Mais tarde, Vita se casou com Harold Nicholson, um jornalista e deputado, e o casal teve dois filhos. Pelo fato de ambos serem bissexuais, Vita e Harold mantinham um casamento aberto, no qual Harold entendia e apoiava as paixões da esposa. inclusive a incentivando no romance que teve mais tarde com Woolf.

Em um trecho do livro "*Virginia Woolf & Vita Sackville-West - Cartas de Amor*" publicado pela editora Morro Branco em 2023, uma carta datada de 9 de outubro de 1952 revela como a vida e a personalidade de Vita Sackville-West serviram de inspiração para que Woolf criasse o personagem Orlando.

Mas ouça; suponha que Orlando acabe por se revelar Vita; e é tudo sobre você e as paixões ou sua carne e o fascínio da sua mente (coração você não tem, andando por aí cortejando Campbell) — suponha que haja o tipo de cintilação de realidade que de vez em quando é associado ao meu povo, como o brilho de uma concha de ostra [...] suponha, digo, que no próximo mês de outubro Sibyl diga "Então Virginia foi lá e escreveu um livro sobre Vita" (Woolf; Sackville-West, 2023, p. 153).

Vita, por sua vez, respondeu a Virginia: "Meu Deus, Virginia, se alguma vez fiquei emocionada e aterrorizada, foi com a perspectiva de ser projetada na forma de Orlando. Que divertido para você; e que divertido para mim" (Woolf; Sackville-West, 2023 p. 153).

Sendo assim, "*Orlando, uma biografia*" não é uma biografia no sentido tradicional, pois, mesmo refletindo os aspectos da vida e da personalidade de Vita e elementos autobiográficos da própria Woolf, a obra também mistura elementos de ficção e paródia. Virginia Woolf usa a figura de Orlando, que passa de homem a mulher, para instigar reflexões acerca da fluidez da identidade de gênero e da passagem do tempo. Carvalho Neto e Ferreira (2020, p. 9) corroboram com essa ideia ao apontarem que:

Orlando é considerado um dos maiores romances entre os clássicos da literatura mundial. Mas a obra perturba a estabilidade deste gênero 'romance', por razão de seu subtítulo (a biography). De acordo com Dvergdsdal (2015), se considerada uma biografia, Orlando pode ser analisada de duas formas: como uma biografia de Vita Sackville-West (e muitas vezes ainda como uma autobiografia, devido à identificação de Virginia Woolf com Vita), bem como uma paródia de biografia.

Aqui pode-se notar que *Orlando* é uma obra seminal que explora fusão dos gêneros literários e sexuais de maneira pioneira. Sanfelice (2009) salienta que é necessário observar que a obra de Woolf foi escrita em uma época em que não havia distinção entre sexo, gênero e identidade de gênero, distinções estas que vieram a ser construídas muito posteriormente. Ao abordar a fluidez da sexualidade de Orlando, sua transição de homem para mulher, Virginia Woolf antecipa na literatura tais distinções, e ao abordar a fluidez da identidade de Orlando, propõe uma visão progressista que desafiava as normas sociais e literárias vigentes no início do século XX. Carvalho Neto e Ferreira (2020, p. 7) refletem que “esta mistura, vista pela ótica louca da diferença sexual, possibilita uma mistura dos gêneros literários e, portanto, engendramento dos gêneros sexuais”.

Resende (2019) observa que em *Orlando*, o lado queer de Virginia Woolf se manifesta de forma mais intensa do que em suas outras obras. Isso se deve ao fato de que o protagonista exibe uma ambiguidade evidenciada pela fluidez de suas expressões de identidade. “Talvez a presença explícita de uma performatividade por parte do narrador em Orlando seja a grande responsável pela indefinição do gênero ao qual o texto pertence” (Resende, 2019, p. 61).

Ao explorar essas características, Woolf desafia as normas tradicionais de gênero e identidade, oferecendo uma narrativa onde o protagonista pode transitar livremente entre papéis e expressões que não se conformam a um binário rígido. Pereira e Taunay (2016) observam que mais de 60 anos separam *Orlando* de “*Gender Trouble*”, “Problemas de Gênero”, de Judith Butler, obra na qual Butler viria abordar uma teoria crítica que questiona sobre o que faz um ser humano ser mulher. Essa observação causa grande impacto, pois Woolf conseguiu trazer em sua obra questionamentos que estariam muito afrente de seu tempo.

Embora hoje a obra de Woolf exerça um profundo impacto na literatura queer da atualidade, consolidando-se como um marco na subversão das convenções de gênero e identidade sexual, na época de sua publicação, sua aceitação foi, de fato, bastante menosprezada.

Orlando foi, por muito tempo, relegado a certo tipo de ostracismo dentro do cânone woolfiano, sendo alvo de apagamento por parte de muitos críticos. Além disso, é uma das obras de Woolf sobre as quais menos se escreveu, por ser considerada pelos críticos uma aberração inserida no cânone woolfiano, devido às suas diferenças estéticas em comparação às outras obras da escritora (Resende, 2019, p. 48).

Houve diversas críticas direcionadas a *"Orlando"*. Alguns argumentam que a obra foi uma tentativa de Virginia Woolf de experimentar algo novo, o que ela mesma descreveu como um período de "férias para uma autora". Outros argumentam que *Orlando* é a única obra de Virginia Woolf que pode ser interpretada a partir de uma perspectiva feminista, sugerindo que apenas uma mente feminina teria a capacidade de ser queer e criar literatura. Porém, não se pode negar que a obra revela a complexidade e a ousadia de Virginia Woolf ao desafiar as normas gênero de estabelecidas em sua época. Woolf utiliza a transformação de Orlando não apenas como um meio de questionar as fronteiras rígidas do gênero, mas também como um veículo para refletir sobre a própria natureza da identidade.

4.1.2 Extração de dados e análise da obra

A leitura do livro em questão permitiu identificar núcleos temáticos que foram sistematizados nas seguintes categorias: **1. Identidade de gênero e sexualidade; 2. Personalidade e suas expressões; 3. Expectativas sociais de percepção de gênero; 4. Opressão de corpos queer e femininos.** A partir destas categorias extraíram-se trechos para cada uma delas no qual aqui serão analisados de acordo com suas respectivas categorias.

A. Identidade de gênero e sexualidade

O livro inicia falando sobre o sexo de Orlando. Conforme apontado na seção 4.1.1 vimos que na época em que foi escrito, ainda não havia distinção de sexo, gênero e identidade de gênero, porém ignora-se este fato da construção do texto, e analisa-se com o contexto conhecido atualmente.

Ao dizer *"Ele — pois não poderia haver dúvida quanto ao seu sexo, embora a moda da época contribuísse para disfarçá-lo"* (Woolf, 2014, p. 47), o texto inicia demarcando o gênero inicial de Orlando, que nasceu pertencendo ao sexo masculino. E por mais que suas roupas na época não demarcassem tanto seu gênero, era indiscutível que este era de fato homem. A narrativa prossegue e fica explícito ao leitor que Orlando, além de ser do sexo masculino, ele se sentia atraído pelo gênero feminino em suas relações amorosas.

Estávamos no período elisabetano; suas normas morais não são as nossas; nem seus poetas; nem seu clima; nem mesmo suas verduras.

Tudo era diferente. [...] O amante amava e partia. E aquilo que os poetas diziam em rimas os jovens traduziam na prática. As moças eram rosas, e suas estações tão breves quanto as das flores. Cumpria colhê-las antes do anoitecer, pois o dia era curto e o dia era tudo. Assim, se Orlando foi guiado pelo clima, pelos poetas, pela própria época (Woolf, 2014, p. 57 -58).

No entanto a seguinte citação chamou atenção enquanto a leitura era realizada. Orlando avista uma pessoa, cujo qual chama sua atenção, porém não consegue identificar o sexo deste.

[...] uma figura de rapaz ou de mulher (pois a túnica e as calças largas à moda russa servem para disfarçar o sexo) que lhe causou imensa curiosidade. A pessoa, qualquer que fosse seu nome ou sexo, tinha estatura mediana e um corpo muito esbelto [...] mas tais detalhes eram obscurecidos pela extraordinária sedução que ela irradiava por inteiro (Woolf, 2014, p. 65).

Portanto nota-se que Orlando se sente atraído por um uma pessoa, mesmo sem conseguir identificar inicialmente seu sexo. Quando percebe que se trata de um rapaz, sua frustração é evidente: *“Quando o rapaz, ah, porque tinha de ser um rapaz [...] Orlando estava pronto a arrancar os cabelos de irritação por ser alguém do seu sexo, tornando impensáveis quaisquer afagos”* (Woolf, 2014, p. 66). Esse trecho revela o dilema de Orlando, cuja atração inicial é contida pela norma social que condena demonstrações de afeto entre homens na época. Embora se sinta atraído, a expectativa social o leva a reprimir seus sentimentos, e a ideia de "dar afagos" é rapidamente descartada.

Mais adiante, Orlando reconsidera suas impressões sobre aquela pessoa: *“Pernas, mãos, porte eram típicos de um rapaz, porém nenhum rapaz tinha uma boca como aquela; nenhum rapaz tinha aqueles seios; nenhum rapaz tinha olhos que pareciam pescados das profundezas do mar. [...] Era uma mulher”* (Woolf, 2014, p. 66). Mesmo após concluir que se tratava de uma mulher, o porte físico masculino ainda era notável. Contudo, fica em aberto se a inicial atração e a posterior negação ao perceber que a figura era um rapaz foi apenas resultado de uma repressão interna mais profunda diante das convenções da época ou se ele realmente não se interessava em se relacionar com o mesmo sexo.

A narrativa segue sem que nenhuma citação digna de nota para esta categoria tenha sido destacada. Neste ponto, Orlando já se transformou¹⁷ em mulher. Após uma

¹⁷ É importante notar que o termo "transformação" e suas variações são utilizados pela própria Virginia Woolf em *Orlando*. Embora o termo "transição" possa parecer mais adequado para descrever o que ocorre com Orlando, essa terminologia não era conhecida ou usada com o

grande decepção amorosa com Sasha, a jovem andrógina que havia despertado seu interesse, e uma desilusão nas experiências de poeta, Orlando dorme por sete dias. Ao despertar, a revelação é inevitável: *“É verdade! Não temos escolha senão confessar — era uma mulher”* (Woolf, 2014, p. 142).

Após a transição de gênero, Orlando se une a uma tribo de ciganos com quem havia forjado um casamento no dia anterior à sua transformação. Junto a eles, ela vive uma série de aventuras, explorando a vida entre os homens e a natureza. Acostumada a contemplar a natureza enquanto ainda residia na cidade, Orlando agora experimenta uma felicidade plena.

Quantas vezes ela contemplava aquelas montanhas de sua sacada na embaixada; quantas vezes sentira vontade de estar lá. E, quando alguém dado à reflexão se vê num lugar em que sempre desejou estar, sempre tem muito a pensar. No entanto, durante algum tempo ela estava tão feliz com a mudança que não fazia sentido prejudicá-la com pensamentos (Woolf, 2014, p. 144).

Aqui, a felicidade de Orlando é destacada de maneira explícita. Quando se menciona que *“[...] quando alguém dado à reflexão se vê num lugar em que sempre desejou estar [...]”* pode-se interpretar essa passagem como uma metáfora. Embora o lugar referido seja físico, ele também pode simbolizar uma sensação mais profunda de pertencimento, resultante de sua transição. Pode-se, portanto, fazer uma interpretação de que Orlando, ao encontrar seu verdadeiro eu, finalmente alcance um estado de paz interior, e essa *“felicidade explícita”* pode ser interpretada como uma metáfora para o alívio e a paz que acompanham o alinhamento entre corpo, identidade e sentimentos internos.

Agora como mulher, Orlando passa pela confusão da dualidade de seu gênero.

[...] aqui pareceria que, dada a ambiguidade dos termos usados, ela estava censurando igualmente ambos os sexos como se não pertencesse a nenhum deles; e, de fato, naquela época, ela dava a impressão de vacilar: era homem, era mulher, conhecia os segredos e compartilhava as fraquezas de cada qual. Tratava-se de um estado de espírito muito perturbador, que mudava a cada instante como se ela fosse um pião (Woolf, 2014, p. 157).

Esse trecho pode ser interpretado como a complexa relação de Orlando com os gêneros, enfatizando sua natureza ambígua e fluida. A narrativa mostra como Orlando experimenta os dois polos do binário de gênero, reconhecendo tanto os

mesmo sentido na época em que a obra foi escrita. Assim, na presente análise, opta-se por mesclar os dois termos, respeitando o uso original de Woolf enquanto se reconhece o contexto moderno de interpretação.

segredos quanto as fraquezas de ambos. A referência ao estado *"perturbador"*, que muda a cada instante como se ela fosse um *"pião"*, simboliza a instabilidade e a transformação constante de sua identidade, sugerindo que sua existência não está ancorada a um gênero fixo, mas sim em movimento contínuo entre masculino e feminino. Essa ambiguidade e vacilo refletem não apenas uma oscilação externa de papéis sociais, mas também um conflito interno, onde Orlando vive em um espaço entre ser homem e ser mulher.

As vestimentas de Orlando, a partir deste ponto são um grande marco para seu estado de espírito. As citações a seguir retratam o modo como as roupas possuem mais do que a função de aquecer alguém, mas que também “[...] *alteram nossa forma de ver o mundo e de sermos vistos pelo mundo*” (Woolf, 2014, p. 178), remetendo ao fato de que a vestimenta molda tanto a identidade quanto a forma como o indivíduo é percebido pela sociedade.

O homem olha para o mundo de frente, como se ele tivesse sido feito para servi-lo e criado a seu gosto. A mulher o observa de soslaio, com um olhar prenhe de sutileza, até mesmo de suspeição. Caso usassem as mesmas roupas, é possível que vissem o mundo de forma idêntica (Woolf, 2014, p. 179).

Aqui, a autora sugere que os papéis de gênero são construídos culturalmente e que as roupas desempenham um papel significativo nessa construção. O que percebemos como feminino ou masculino é, em grande parte, mediado por convenções externas, como a indumentária. Essas observações remetem à fluidez das identidades, sugerindo que a diferença entre o que consideramos masculino e feminino está ligada às roupas que vestimos, e não a algo inerentemente biológico ou fixo.

As roupas, nesse contexto, são apenas um símbolo de algo oculto e mais complexo: *“A diferença entre os sexos, felizmente, tem maior profundidade. As roupas simbolizam apenas algo muito bem escondido. Foi uma mudança nela própria que ditou a escolha pelos trajes femininos e pelo sexo feminino”* (Woolf, 2014, p. 179). Aqui, Woolf sugere que a escolha das roupas femininas por Orlando não é simplesmente uma questão de fluir entre gêneros, mas sim uma expressão autêntica de sua verdadeira essência.

Além disso, o texto destaca que, embora existam diferenças entre os sexos, há uma mescla contínua.

Apesar de diferentes, os sexos se misturam. Em cada ser humano ocorre uma vacilação entre um sexo e outro, e frequentemente são

apenas as roupas que sustentam a aparência masculina ou feminina, enquanto, por baixo delas, o sexo é o oposto do que se vê na superfície (Woolf, 2014, p. 179).

Essa citação aprofunda a discussão sobre a fluidez de gênero, sugerindo que a identidade de gênero de uma pessoa pode estar em constante mutação, independentemente da aparência externa, que muitas vezes é sustentada apenas pelas roupas.

Em outro momento, Orlando opta por vestir trajes masculinos para explorar a vida noturna: *“Abriu um armário onde ainda continuavam penduradas muitas das roupas que usara como um jovem elegante [...] mas lhe caía perfeitamente, fazendo-a parecer um genuíno lorde”* (Woolf, 2014, p. 199). Aqui, a escolha das roupas masculinas vai além de uma mera troca de vestimenta, refletindo também a liberdade e mobilidade que essas roupas proporcionam a Orlando, tendo em vista que naquela época não era bem visto uma moça de família saindo sozinha pela noite.

Neste ponto Orlando está pronta para explorar a vida noturna, e ao encontrar com uma jovem no parque, esta lhe convida para sua casa, uma variedade de sentimentos caem sobre Orlando: *“Senti-la apoiada de leve sobre seu braço, embora ainda suplicante, despertou em Orlando todos os sentimentos próprios de um homem. Ela não só tinha a aparência de homem, porém sentia e falava como homem”* (Woolf, 2014, p. 200). Mais uma vez, essa passagem reflete a fluidez da identidade de gênero de Orlando. Ao se vestir como um homem, ela não apenas assume sua aparência, mas também manifesta uma identidade masculina que já conheceu em sua vida anterior, e é capaz de se deleitar com os prazeres masculinos quando uma moça a toca no braço.

Essa interpretação ganha mais força ao analisarmos o trecho a seguir:

Tudo indica que Orlando não tinha a menor dificuldade em desempenhar os diferentes papéis, pois mudava de sexo com mais naturalidade do que podem conceber aqueles que usaram um único tipo de roupa. Nem pode haver qualquer dúvida de que colhia uma dupla vantagem por conta desse artifício: aumentaram os prazeres da vida, suas experiências se multiplicaram. A proibição dos calções foi trocada pela sedução das saias, e ela usufruiu igualmente o amor dos dois sexos (Woolf, 2014, p. 203).

Orlando revela uma fluidez notável ao transitar entre gêneros, aproveitando as nuances de cada um. A afirmação de que *“[...] ela usufruiu igualmente o amor dos dois sexos”* indica que, durante seus passeios noturnos vestida de homem, Orlando também poderia ter se relacionado com mulheres, mesmo enquanto se identificava

como uma delas. É interessante notar que, nesse estágio de sua vida, Orlando já se reconhecia como mulher e agia de acordo com essa identidade. Contudo, ao se vestir de homem, ela não apenas se apresentava fisicamente como tal, mas também sentia e falava de maneira correspondente. Embora seja compreensível que ela pudesse se envolver com mulheres nessas circunstâncias, essa possibilidade não é explicitamente abordada na narrativa, o que torna essa interpretação uma mera suposição.

Em um ponto mais adiante da narrativa, onde Orlando já está noiva do marinheiro Shelmerdine, emergem as nuances de sua identidade. Shelmerdine fica surpreso ao perceber a capacidade de compreensão de Orlando quando ela responde: *“Sim, as mulheres negras são muito atraentes, não é mesmo?”* A interação prossegue com ele questionando: *“Tem certeza de que você não é homem?”*, ao que ela replica: *“Será possível que você não seja mulher?”*. Esse diálogo revela a necessidade de esclarecer suas identidades, uma vez que ambos estão surpresos com a facilidade de entendimento mútuo. *“[...] foi uma revelação para cada um deles que uma mulher pudesse ser tão tolerante e sincera quanto um homem, e um homem, tão estranho e sutil quanto uma mulher — o que exigia pronta comprovação”* (Woolf, 2014, p. 231).

Esse momento não apenas enfatiza que os sentimentos podem ser igualmente expressos por ambos os sexos, mas também levanta questões sobre a percepção de atração. Quando Orlando concorda que as mulheres negras são atraentes, isso pode refletir sua experiência anterior como homem, que possivelmente se sentia atraído por uma diversidade maior de mulheres. Ou será que, ao se identificar como mulher, ela desenvolveu uma apreciação por determinadas características femininas? A curiosidade de Orlando e seu interesse por ambos os sexos são evidentes; como mulher, ela se mostra mais disposta a se conectar com homens e mulheres de forma equitativa. No entanto, quando veste roupas masculinas, sua afeição se volta para as mulheres, mostrando que, mesmo se sentindo e se expressando como homem, ela aprecia a companhia e as histórias de outras mulheres, uma vez que ela mesma é uma.

Em suma, a análise desta categoria revela a complexidade e a fluidez das identidades que Virginia Woolf explora através da trajetória de seu protagonista. Orlando personifica a intersecção entre os gêneros, navegando entre as expectativas sociais de homens e mulheres, e questionando as normas estabelecidas. Através de

suas experiências, Woolf nos convida a refletir sobre como as roupas, os comportamentos e as relações moldam nossa percepção de nós mesmos e dos outros, destacando a capacidade de se sentir em casa em múltiplas identidades. Essa fluidez não é apenas uma questão de aparência, mas está profundamente ligada ao sentido de pertencimento e à autenticidade da experiência humana.

À medida em que avançamos para a categoria "Personalidade e suas expressões" será interessante observar como essas questões se entrelaçam com o desenvolvimento da personalidade de Orlando ao longo da narrativa, revelando ainda mais camadas sobre sua natureza e suas interações com o mundo ao seu redor.

B. Personalidade e suas expressões

Quando se considera a personalidade de Orlando e as mudanças que ele atravessa ao longo da narrativa, algumas características já se mostram evidentes desde o início. Na juventude, Orlando é apresentado como alguém profundamente conectado à natureza, apaixonado pelo silêncio, pela introspecção, e fascinado por reflexões sobre a mortalidade.

Certas visões o perturbavam, como a de sua mãe, uma bela senhora vestida de verde que vai alimentar os pavões com a criada Twitchett caminhando atrás dela; outras visões o exaltavam — os pássaros e as árvores — ou o faziam se apaixonar pela morte — o céu ao anoitecer, as gralhas que voltam a casa [...] (Woolf, 2014, p. 49).

É interessante observar que, para a época, traços de personalidade como timidez, quietude e natureza contemplativa eram frequentemente associados ao feminino. Isso se torna ainda mais relevante quando vemos Orlando, já em sua fase feminina, fazendo reflexões sobre o comportamento e as expectativas sociais para cada gênero, esquecendo-se do fato que já fora um jovem cavalheiro com amor à contemplação, à solidão e ao amor.

É melhor [...] deixar o governo e a disciplina do mundo para outros; melhor estar livre da ambição marcial, da ânsia de poder e de todos os demais desejos masculinos se assim for possível desfrutar inteiramente dos mais elevados prazeres que conhece o espírito humano e que são [...] a contemplação, a solidão e o amor (Woolf, 2014, p. 158).

Embora essa reflexão toque em um estigma de comportamento associado aos gêneros, insinua-se que, mesmo antes da transição, Orlando já expressava características que transcendiam as convenções de gênero da época. Essa observação indica que sua identidade sempre esteve marcada por uma profundidade

e sensibilidade que escapavam às normas binárias da sociedade, revelando um traço interior que ia além das limitações impostas ao feminino e ao masculino.

Por ser alguém cujos sentimentos transbordavam a todo instante Orlando experimentou todas as experiências que um jovem nobre de sua idade poderia ter experimentado, mas ao ter seu coração partido de maneira abrupta pela primeira vez, Orlando voltou-se para aquilo que sempre esteve no interior de seu coração: a literatura e a natureza.

[...] Orlando, comparando tal façanha com a de seus antepassados, declarou que eles e seus feitos eram pó e cinzas, mas aquele homem e suas palavras eram imortais (Woolf, 2014, p. 99).

Para Orlando, cuja vida foi marcada por constantes reflexões sobre a morte, a literatura se tornou um modo de transcender o efêmero da existência. Ele acreditava que, embora as experiências e os feitos fossem esquecidos com o tempo, as palavras escritas teriam o poder de eternizar quem as criou. Assim, a poesia era a promessa de imortalidade, o que o atraía profundamente. Ao experimentar o desgosto de um coração partido, Orlando encontrou consolo em sua paixão pela escrita, buscando refúgio na poesia e na reclusão. Em sua solitude, retomou a contemplação e os hábitos introspectivos que sempre fizeram parte de sua essência desde a infância

A vida lhe parecia ter uma duração prodigiosa. No entanto, passava num instante. Mesmo quando se alongava ao máximo, e os momentos se inchavam ao máximo, e ele tinha a impressão de estar vagando a sós nos desertos de uma vasta eternidade (Woolf, 2014, p. 113).

Ao analisar a relação de Orlando com a poesia é interessante observar que essa conexão foi interrompida em vários momentos ao longo de sua vida, muitas vezes de forma abrupta e dolorosa. Um exemplo significativo ocorre quando seu amigo poeta ridiculariza publicamente seu poema "O Carvalho", uma obra que Orlando vinha aperfeiçoando desde a infância. Embora o amor de Orlando pela escrita seja profundo e constante, o trecho a seguir mostra que as palavras nem sempre lhe surgiam com facilidade. Apesar de sua devoção, ele encontrava obstáculos que revelam o quanto a criação poética lhe era custosa e por vezes frustrantes.

Lá, com a porta fechada e sua privacidade assegurada, pegava um velho caderno, cosido com seda roubada da cesta de costura de sua mãe e intitulado, numa caligrafia redonda de colegial, "O carvalho, um poema". Nele escrevia mesmo depois de soar a meia-noite. Mas riscava tantas linhas que o número de versos era com frequência, no final do ano, menor do que no começo, dando a impressão de que, no processo de composição, o poema seria totalmente eliminado (Woolf, 2014, p. 123).

A dificuldade de Orlando com a escrita durante sua juventude chamou a atenção enquanto fazia a leitura, pois mais adiante, quando ela se torna mulher e parte para uma jornada com os ciganos, algo extraordinário acontece: ao se deslumbrar com o novo cenário ao seu redor, Orlando é tomada por uma onda de inspiração, e as palavras fluem para ela de forma abundante.

Ela não possuía tinta e somente um pouco de papel. Mas, tendo produzido tinta com bagas silvestres e vinho, encontrou algumas margens e espaços em branco no manuscrito de “O carvalho” e conseguiu, usando abreviações, descrever a paisagem num longo poema em versos livres, sustentando um diálogo sucinto consigo própria sobre aquela beleza e a verdade. Isso a manteve extremamente feliz por horas a fio (Woolf, 2014, p. 148).

Nesse ponto, percebe-se que, enquanto homem, Orlando tinha grande dificuldade em extrair de si palavras que representassem seus sentimentos, sendo necessário dedicar horas a cada linha. Contudo, ao se tornar mulher, as palavras surgiram como uma torrente, transbordando pelas páginas de seu caderno já desgastado. Os sentimentos que antes pareciam aprisionados agora fluíam intensamente.

Se a consciência de ser do mesmo sexo teve algum efeito, foi o de estimular e aprofundar aqueles sentimentos que tivera quando homem, pois mil sugestões e mistérios, antes incompreensíveis, agora se aclaravam (Woolf, 2014, p. 159).

A transformação de Orlando ao se tornar mulher marca uma mudança não apenas em sua expressão literária, mas também em sua própria maneira de sentir e de vivenciar as emoções. Antes de sua transição, a poesia de Orlando era como uma busca árdua e disciplinada, enfrentando bloqueios criativos que podem refletir uma repressão pessoal ou o peso das expectativas sociais impostas a ele como homem.

Essa libertação criativa pode ser vista como uma metáfora poderosa: ao se afastar das rígidas normas de gênero que regulavam o modo como se expressava, Orlando não só encontrou uma nova forma de se ver e de ver o mundo, mas também encontrou uma maneira mais livre e fluída de dar voz à sua própria existência. Esse é um ponto fundamental, que toca nas complexidades da identidade e da criatividade, mostrando que a transformação de Orlando ampliou os horizontes de sua própria arte.

À medida em que Orlando se aprofunda nessa liberdade, percebe-se também uma assimilação de aspectos tradicionalmente atribuídos ao gênero feminino, que vão moldando suas reações e perspectivas. O fato é que a transição de Orlando a modificou muito além da aparência. Com o passar do tempo, ela foi incorporando cada

vez mais os padrões de comportamento de gênero, refletindo tanto os ganhos de uma liberdade recém-descoberta quanto as sutilezas e complexidades de uma nova identidade.

Tudo isso parece sugerir que estava deixando de ser totalmente verdadeiro o que se disse há pouco sobre o fato de não ter ocorrido nenhuma mudança entre o homem Orlando e a mulher Orlando. Ela estava se tornando um pouco mais modesta quanto à sua inteligência, como são as mulheres, e um pouco mais vaidosa quanto à sua pessoa, como são as mulheres (Woolf, 2014, p. 178).

A análise da personalidade de Orlando ao longo da narrativa revela que, apesar das mudanças externas e adaptações sociais, a essência do personagem permanece constante. Orlando mantém uma profundidade emocional e uma sensibilidade inatas que não são afetadas pela sua transição de gênero. No entanto, ao assumir o papel feminino, suas emoções e a compreensão sobre si mesma parecem ganhar uma expressão mais fluida e acessível, sugerindo que a mudança de gênero liberou aspectos de sua personalidade que antes estavam reprimidos ou pouco explorados. Em contrapartida, Orlando também sentiu a repressão que a sociedade exerce nas mulheres, cobrando-as de serem recatadas, perfumadas e belas.

Com isso, é possível concluir que a personalidade de Orlando, em essência, independe dos papéis de gênero que assume, reforçando a ideia de que a identidade pode ser multifacetada e flexível sem perder a continuidade. Essa visão de identidade, que acolhe fluidez e intensidade emocional, é um dos pontos centrais de Orlando e prepara o caminho para explorar as percepções do protagonista sobre gênero, tema que será abordado na próxima categoria de análise.

C. Expectativas sociais de comportamento de gênero

Orlando, que sempre fora um jovem conformado às expectativas de comportamento associadas ao masculino, nunca havia considerado as experiências mais íntimas e particulares do universo feminino. No entanto, após sua transição para o gênero feminino, Orlando depara-se com um novo mundo de possibilidades e desafios impostos pela sociedade ao gênero feminino, ampliando suas percepções sobre identidade e seu papel social.

Ela praticamente não havia pensado em seu sexo. [...]. De qualquer modo, ela só se deu conta [...] das desvantagens e dos privilégios de sua posição quando sentiu as saias enroscadas nas pernas e o capitão se ofereceu, com suma cortesia, para providenciar um toldo no convés (Woolf, 2014, p. 153).

Ao perceber que, com sua transição de gênero, as expectativas de comportamento para o sexo feminino eram muito mais rigorosas e cheias de pudores do que jamais havia imaginado enquanto homem, Orlando começa a refletir sobre o papel da castidade na vida das mulheres de sua época. Nunca tinha pensado nas exigências diárias impostas às mulheres para proteger sua reputação. Agora, porém, ao se ver como uma jovem na sociedade, compreendeu que *“todo edifício da governança feminina repousa sobre essa única pedra fundamental; a castidade é sua joia”* (Woolf, 2014, p. 153).

Entretanto, ao refletir sobre sua própria experiência, ela pensa: *“Mas, se alguém tiver sido homem durante mais ou menos trinta anos, [...] então não há grandes razões para se sobressaltar”* (Woolf, 2014, p. 153). A frase sugere um contraste entre a vida de Orlando como homem, em que essas exigências não tinham o mesmo peso, e sua nova realidade como mulher, onde a sociedade espera um comportamento mais restrito e reservado.

Para Orlando, que viveu como homem por três décadas, as expectativas femininas de pureza parecem, ao mesmo tempo, estranhas e excessivamente limitantes. Orlando não só passa a observar as regras sociais que governam as mulheres, mas também a questioná-las, ponderando o quanto essas normas representam construções artificiais e restritivas, particularmente para alguém com sua história. Orlando encara essas normas com uma mistura de surpresa e distanciamento, possivelmente devido ao fato de sua identidade abranger ambos os gêneros e sobressalta-se ao questionar:

“Meu Deus! Meu Deus!”, voltou a exclamar ao concluir seu raciocínio, “será que devo começar a respeitar a opinião do outro sexo, por mais monstruosa que me pareça? Se uso saias, se não posso nadar, se preciso ser salva por um marinheiro, meu Deus, então não há outra saída!” E com isso a melancolia se abateu sobre ela (Woolf, 2014, p. 155).

O questionamento de Orlando marca um momento crucial de consciência sobre o preço da feminilidade em uma sociedade patriarcal. Agora, ela vislumbra os “horrores sociais” que a aguardam — a perda de mobilidade, o julgamento alheio, a necessidade de ser protegida, mas sempre sob o custo da submissão. A partir desse ponto, a personagem começa a perceber como o comportamento esperado das mulheres restringe não apenas suas ações, mas até mesmo a liberdade de seus pensamentos e sentimentos. Essa descoberta gera uma nova camada de melancolia

em Orlando, que reconhece que sua expressão e identidade estarão para sempre condicionadas a um gênero que impõe mais limites do que privilégios.

Além de se deparar com as pressões sociais impostas ao gênero feminino, Orlando também é levada a refletir sobre os próprios preconceitos e expectativas que cultivava enquanto homem. Em um momento de introspecção, Orlando “[...] lembrou-se de como, quando homem, insistira em que as mulheres fossem obedientes, castas, perfumadas e bem cuidadas” (Woolf, 2014, p. 155). Se, inicialmente, estas expectativas lhe pareciam inofensivas na época, agora se mostram quase insuportáveis. Essa percepção leva Orlando a questionar a base dessas exigências e percebe que:

[...] as mulheres não são (a julgar por minha breve experiência deste sexo) obedientes, castas, perfumadas e bem cuidadas por natureza. Só conseguem essas graças, sem as quais não gozam nenhuma das delícias da vida, mediante a mais tediosa disciplina (Woolf, 2014, p. 155).

Quando Orlando chega à Inglaterra, após ter vivido com os ciganos e imersa em sua cultura, ela se vê diante de um grande questionamento sobre como será sua vida na sociedade nobre inglesa “*Depois que pisar em solo inglês, tudo que vou poder fazer é servir chá e perguntar a meus senhores como gostam de bebê-lo. Prefere com açúcar? Prefere com creme?*” (Woolf, 2014, p. 157). Esse questionamento representa uma crítica irônica e amarga à subordinação feminina, expressando o quanto a posição da mulher é limitada a papéis servilmente estabelecidos. Orlando pronuncia essas palavras com “afetação”, como ela mesma observa, e fica horrorizada com o tipo de opinião que começou a se formar sobre o gênero masculino, o qual, anteriormente, ela se orgulhava de pertencer.

Somente ao vivenciar essa transição é que Orlando consegue perceber o peso dessas imposições sociais destinadas às mulheres, uma vez que, ao ser homem, não teve que enfrentar as mesmas limitações. A partir dessa experiência, ela se dá conta de que essas pressões não são inerentes aos seres humanos, mas sim construções sociais dirigidas unicamente às mulheres. É uma percepção reveladora, que só é possível graças à sua vivência em ambos os gêneros, o que lhe permite enxergar as normas de forma mais crítica e distante. Essa análise crítica da feminilidade e da masculinidade, que Orlando desenvolve ao longo da obra, revela as contradições das expectativas sociais e da percepção interna sobre o que significa ser homem ou mulher.

Além das pressões comportamentais associadas ao seu novo gênero, Orlando se depara com as complexidades do jogo da paquera feminina.

“Como é delicioso recusar e ceder”, ela murmurou, “como é magnífico perseguir e conquistar; como é sublime perceber e persuadir.” Nenhuma dessas palavras assim unidas lhe pareceu errada; no entanto, [...], ela se sentiu culpada, desonrada, devassa — o que era estranho para alguém que nunca se preocupara com o assunto (Woolf, 2014, p. 160).

Orlando percebe que os pensamentos e comportamentos que antes eram aceitáveis quando homem, agora, como mulher, não mais se encaixam. Ela se vê tomada pelo peso de refletir sobre seus sentimentos e ações, e logo se envergonha deles, pois está consciente de como os homens enxergam as mulheres que jogam o jogo de *“recusar e ceder”*. Embora inicialmente tenha se sentido atraída por essas dinâmicas, uma sensação de culpa e desonra se apodera dela — algo que nunca experimentara quando era homem. Essa reação é particularmente interessante, pois antes de sua transformação, Orlando nunca se importara com tais questões, o que revela o impacto profundo das normas sociais femininas sobre ela. A transição a coloca diante de um novo conjunto de expectativas e regras, que não apenas modificam sua experiência do mundo, mas também a forma como ela se vê e interage com ele.

Apesar do choque inicial e dos questionamentos sobre sua nova realidade, Orlando logo compreende que precisa aceitar e adaptar-se à sua nova condição. Ao longo da narrativa, vemos sua personagem passar por um processo gradual de adaptação. Por exemplo, ao presenciar um homem demonstrando suas emoções, ela percebe que, embora saiba que os homens também possam ser sentimentais tanto quanto as mulheres, estas são socialmente condicionadas a chocar-se quando o presenciam. Ela mesma se vê surpresa, como se tivesse que seguir esse padrão de reação ao refletir: *“[...] as mulheres deviam se mostrar chocadas quando os homens exibem suas emoções na presença delas, e por isso ficou chocada”* (Woolf, 2014, p. 173).

Além disso, Orlando começa a compreender uma verdade desconfortável sobre o relacionamento entre os gêneros. Ela reflete com amargura:

[...] embora um grande homem lhe envie seus poemas, preze seu julgamento, solicite suas críticas e tome seu chá, isso de maneira alguma significa que ele respeita suas opiniões, admira sua compreensão ou se recusa (Woolf, 2014, p. 198).

A partir deste ponto da narrativa, percebe-se que Orlando vai se adaptando cada vez mais à sua nova realidade feminina. Ela deixa de se questionar sobre as razões das coisas, mas, mesmo assim, continua a sentir um desconforto interno constante. Ao longo dos séculos, a moda e o mundo ao seu redor se modificam, mas a cada dia que passa a expectativa de casamento e maternidade continuam a pesar cada dia mais sobre ela.

Não eram todas elas frágeis mulheres? Usando saias balão para melhor esconder o fato, [...] de que ia ter um filho, na verdade quinze ou vinte filhos, de modo que uma mulher recatada no final das contas passava a vida negando aquilo que, ao menos um dia por ano, se tornava óbvio (Woolf, 2014, p. 214).

Ela faz essa reflexão ao considerar a pressão que a sociedade impõe sobre as mulheres, especialmente ao forçá-las a se dedicarem à maternidade, mesmo quando esperam recato. Além disso, isso evidencia a contradição nas expectativas impostas às mulheres: espera-se que elas sejam castas e modestas, mas, ao mesmo tempo, lhes é imposta a obrigação de casar e ter filhos. Esse paradoxo revela a maneira como as mulheres são pressionadas a cumprir papéis que, muitas vezes, conflitam com a ideia de autonomia e liberdade individual.

Ao longo da análise desta categoria, explorou-se as complexas transformações pelas quais Orlando passa, desde a sua transição de gênero até a adaptação às expectativas sociais de seu novo corpo e identidade. Ao analisar os desafios enfrentados por Orlando revelou as diversas contradições e pressões que a sociedade impõe sobre os gêneros. Observou-se que ela, ao mudar de gênero, não apenas se depara com as dificuldades impostas à mulher, mas também começa a questionar as expectativas que antes ela mesma ajudava a sustentar, quando era homem.

O processo de adaptação e questionamento de Orlando demonstra como a experiência de transitar entre gêneros não é apenas uma mudança externa, mas envolve uma reconfiguração interna e de visões de mundo. A narrativa de Woolf, ao abordar tais temas com sutileza e profundidade, oferece uma reflexão sobre as limitações e possibilidades das identidades e dos papéis que somos condicionados a desempenhar, mostrando a constante luta por autenticidade e liberdade.

D. Opressão de corpos queer e femininos

Antes de descrever a transição de Orlando, Virginia Woolf, em sua função de biógrafa, faz um aviso ao leitor, dizendo: *"Que pudéssemos tomar a pena e dar por*

encerrado nosso trabalho! Que poupássemos o leitor do que está por vir e lhe disséssemos que Orlando morreu e foi enterrado" (Woolf, 2014, p. 139). Essa declaração é feita no tom de uma biógrafa que se prepara para narrar algo profundamente transformador, trágico e, de certo modo, grotesco. Ao fazer isso, Woolf prepara o leitor para uma mudança radical e perturbadora na vida de Orlando, sugerindo que o evento que se segue não só alterará a natureza do personagem de forma irreversível, mas também será algo chocante.

Ao acordar após sete dias de sono profundo, Orlando se vê em um corpo feminino, e Virginia Woolf utiliza de três figuras simbólicas e carregadas de misticismo: "Nossa Senhora da Pureza", "Nossa Senhora da Castidade" e "Nossa Senhora da Modéstia". As três irmãs são usadas para ilustrar as pressões e normas sociais que começam a recair sobre Orlando, agora que é uma mulher. Essas figuras representam as expectativas tradicionais impostas ao corpo feminino, que, no momento da transição, tornam-se uma realidade visceral e inescapável para Orlando.

Ao adentrar na sala, e verem o novo corpo de Orlando a primeira a falar é Nossa Senhora da **Pureza**, a qual pronuncia: *"Sou a guardiã do corço adormecido [...] Com meus mantos [...] cubro o vício e a pobreza. Sobre todas as coisas frágeis, escuras ou duvidosas desce meu véu. Por isso, nada fales, nada reveles"* (Woolf, 2014, p. 140). Posteriormente quem fala é Nossa Senhora da **Castidade**: *"Eu sou aquela cujo toque congela e cujo olhar petrifica. Fiz parar a estrela em sua dança e a onda ao quebrar. [...] . Em vez de deixar que Orlando acorde, eu o congelarei até os ossos"* (Woolf, 2014, p. 140). A última a falar é Nossa Senhora da **Modéstia**:

"[...] Sou virgem e sempre serei. Não foram feitos para mim os campos dadivosos e os vinhedos férteis. Detesto tudo que cresce; e, quando as maçãs brotam ou os rebanhos se multiplicam, eu corro, eu fujo; deixo meu manto cair. Os cabelos me cobrem os olhos. Nada vejo" (Woolf, 2014, p. 140).

As figuras terminam seus discursos dizendo: *"Misericórdia, oh, misericórdia!"*. Esta seria uma metáfora apontada para a maneira como as imposições sociais são disfarçadas como virtudes, embora, em realidade, sirvam para limitar a liberdade e a identidade da mulher. As três "*santidades*" são descritas na narrativa de Woolf como forças opressivas e ameaçadoras, que tentam "*congelar*" e "*petrificar*" o momento, para que não seja revelada a transição de Orlando para o gênero feminino.

Pureza, Castidade e Modéstia tentam ocultar a transformação de Orlando, esforçando-se para abafar as trombetas que clamam "Verdade! Verdade!" (Woolf,

2014, p. 141), revelando que “[...] *nada menos que a verdade*” será exposto ao cessar delas. E enquanto as trombetas da Verdade soam, exclamando “*Fora, Pureza!*”, “*Fora, Castidade!*”, “*Fora, Modéstia!*”, como se esses conceitos não tivessem lugar na nova existência de Orlando, as três irmãs, que representam essas virtudes, entoam um cântico tentando restaurar a ordem e a moralidade.

“Verdade, não saias do teu horroroso tugúrio. Esconde-te ainda mais, verdade terrível. Pois tu expões à luz brutal do sol coisas que melhor estariam se não sabidas ou não feitas; tu desvelas o vergonhoso, clareias o obscuro. Esconde-te! Esconde-te! Esconde-te!” (Woolf, 2014, p. 141).

As figuras de Pureza, Castidade e Modéstia tentam silenciar o grito da “*verdade*” e negar a transformação de Orlando, buscando manter os valores tradicionais de pureza e modéstia como os únicos aceitos. A cena em que *elas* “[...] *tentaram então abafar com seus véus as bocas das trombetas*” (Woolf, 2014, p. 141) simboliza a repressão da sociedade frente à transição de Orlando, tratando-a como algo impuro, imperdoável e repugnante, digno de ser escondido. Em toda a cena, é nítido que as três irmãs tentam suprimir a verdade, pois acreditam que ela é impura. Este momento pode ser lido como a aversão e o temor da sociedade perante a transição de gênero de Orlando, e a tentativa de apagar qualquer evidência da transgressão contra a ordem natural estabelecida.

As três irmãs, vendo que não havia mais nada a ser feito, dizem: “*Horríveis irmãs, parti!*” (Woolf, 2014, p. 141) deixando Orlando em seu quarto com sua nova identidade. “*O som das trombetas foi se desvanecendo enquanto Orlando permanecia de pé, nua em pelo. Nenhum ser humano, desde que o mundo é mundo, foi tão belo [...]*” (Woolf, 2014, p. 142).

Ainda assim “*Castidade, a Pureza e a Modéstia [...] inspiradas pela Curiosidade, espiaram pela porta e jogaram na direção da figura despida algo que servisse para cobri-la*” (p. 142) em uma última vã tentativa de ocultar a cena grotesca que se abria ao mundo: “*Verdade! Verdade! Verdade! Não temos escolha se não confessar – era uma mulher*” (Woolf, 2014, p. 142).

Esses elementos simbólicos foram cruciais para a construção do processo de transição de Orlando. Pode-se interpretar esse momento da narrativa como uma crítica à maneira como as mulheres, ou aqueles que transicionam para o feminino, são forçadas a se adaptar a uma sociedade que constantemente impõe normas sobre seus corpos. Woolf usa essas representações para questionar as limitações impostas

a corpos femininos e daqueles que fogem do padrão binário e como essas limitações se intensificam na medida em que o corpo se adequa ou se rebela contra essas expectativas.

4.2 CARACTERIZAÇÃO E ANÁLISE DE *O QUARTO DE GIOVANNI*

Nesta seção foram examinados aspectos fundamentais da obra *O Quarto de Giovanni*, de James Baldwin, com foco em como o romance aborda e representa questões de identidade e sexualidade. A análise foi dividida em três partes principais. Primeiramente, realizou-se uma caracterização detalhada da obra, contextualizando-a em relação à época de sua produção e às influências pessoais e históricas que moldaram a narrativa de Baldwin. Em seguida, trechos específicos foram extraídos e analisados para avaliar a experiência de leitura e a maneira como o livro explora esses temas.

4.2.1 *O quarto de Giovanni*

O Quarto de Giovanni foi publicado pela primeira vez em 1956 e conta história de David, um jovem americano que está vivendo em Paris aguardando o retorno de sua noiva Hela, que está na Espanha. Enquanto aguarda Hela retornar da Espanha e decidir se irá ou não se casar com ele, David enfrenta uma crise de identidade e aceitação sexual ao envolver-se em um relacionamento intenso e conturbado com Giovanni, um barman italiano. A obra de Baldwin caracteriza-se por explorar temas de amor, desejo, vergonha e a luta pela identidade em um contexto de homofobia e repressão social.

Nascido em Harlem, Nova York, James Baldwin se destacou pela sua escrita poderosa e engajada, que desafia as normas sociais e confronta o preconceito racial e a homofobia. Bezerra (2022) aponta que Baldwin foi amplamente reconhecido por suas contribuições à literatura e aos direitos civis e um dos primeiros escritores a abordar a homossexualidade de forma explícita em seus trabalhos, e suas narrativas frequentemente exploram a interseção entre identidade racial e sexual.

Castro (2022) afirma que na época da sua publicação, *O Quarto de Giovanni* não foi muito bem aceito pela crítica pelo fato de Baldwin usar em sua narrativa dois personagens principais homossexuais e brancos. Até então, em suas narrativas, James Baldwin costumava usar personagens negros ao retratar as experiências

homossexuais, e ao retratar um casal de homens brancos, James recebeu diversas críticas e recusas de ter sua obra publicada.

A sua identificação como “escritor negro” era tão forte que os seus editores americanos da Knopf se recusaram a publicar *O Quarto de Giovanni*, que não só não tinha personagens negros como também abordava um tema tabu, a homossexualidade masculina (Castro, 2022, p. 1).

Bezerra (2022) aponta que durante as décadas de 1950 e 1960, escritores afro-americanos focavam em retratar o racismo inserido em um contexto de experiências heterossexuais, evitando temas como homossexualidade. O movimento da negritude priorizava a luta contra a opressão racial e a construção de uma identidade negra unificada. O homoerotismo, quando mencionado, era sutil e raramente explícito, refletindo tanto as normas sociais que marginalizavam a homossexualidade quanto a pressão interna para apresentar uma frente unida contra a discriminação racial. A diversidade sexual era vista como um ponto vulnerável que poderia ser explorado para deslegitimar as pautas raciais.

Além dessa visão da diversidade sexual como algo pervertido, os escritos dos *negritudes writers* (*escritores negros*) costumavam ser sexistas, ancorados no patriarcado, em que as personagens femininas eram submissas, careciam de subjetividade, de voz própria e eram tratadas como propriedades de seus companheiros (Bezerra, 2022, p. 296).

Castro (2022) aborda um ponto muito importante acerca das críticas que Baldwin recebeu quanto a *O Quarto de Giovanni*: o fato de a obra explorar o significado de ser americano sob o ponto de vista de branquitude. Essa análise é relevante para compreender como Baldwin utiliza a narrativa para refletir sobre a identidade racial e cultural americana ao abordar a vida do protagonista David, um jovem americano que enfrenta crises de identidade e conflitos internos em sua relação com Giovanni, um italiano. Baldwin questiona o que significa ser americano não apenas do ponto de vista de um negro, mas também através das lentes da branquitude e da experiência branca dominante.

Mesclando temas como masculinidade, sexualidade, raça e classe, Baldwin representa a atração entre homens e a complexidade do desejo ao mostrar as inseguranças de David ao se relacionar com Giovanni. Bezerra (2022) discute a dificuldade de David em aceitar seus desejos homoafetivos e como, em resposta, ele busca preservar uma masculinidade tradicional. David defende seu status racial como uma forma de afirmar seu poder e superioridade na relação com Giovanni, refletindo

suas inseguranças acerca da própria sexualidade. Ao assumir o papel de "dona de casa" no apartamento de Giovanni, David subverte a própria masculinidade, uma vez que Giovanni assume a função de provedor enquanto David permanece em casa. Mori (2015) cita que Baldwin evoca as intrínsecas inseguranças de um homem que cresceu cercado pela heteronormatividade e que luta contra a própria sexualidade ao se ver "perdendo" sua masculinidade.

Apesar das críticas que recebeu na época, *O Quarto de Giovanni* se consagra por explorar as complexas interseções entre identidade racial, sexualidade e poder.

Apesar da sua recepção fraca no início, o livro acabou se tornando um clássico da literatura gay, em um momento, décadas de 1960-70, em que os movimentos de liberação sexual fervilhavam. (Castro, 2022, p. 6).

Conclui-se que "*O Quarto de Giovanni*" evidencia a profundidade e relevância da obra de James Baldwin, destacando seu pioneirismo na abordagem de temas como identidade, sexualidade e a complexidade das relações humanas. Com isso, *O Quarto de Giovanni* se consagra como uma obra literária complexa, que transcende seu tempo e se estabelece como um clássico tanto da literatura gay quanto da literatura universal. No próximo tópico, será feita uma análise mais detalhada da obra, explorando os elementos narrativos e temáticos que consolidam sua importância no cenário literário e social.

4.2.2 Extração de dados e análise da obra

Para a leitura do livro em questão, foram criadas as seguintes categorias: **1. Identidade de gênero e sexualidade; 2. Personalidade e suas expressões; 3. Expectativas sociais de comportamento de gênero; 4. Opressão de corpos queer e femininos.** A partir destas categorias extraíram-se trechos para cada uma delas no qual aqui serão analisados de acordo com suas respectivas categorias.

A. Identidade de gênero e sexualidade

Baldwin em uma entrevista, afirmou que seu livro não era apenas sobre homossexualidade, era mais "sobre o que acontece com quando você tem tanto medo, que acaba não conseguindo amar ninguém" (Baldwin, 2018, p. 14).

A obra se inicia com David narrando sua história em retrospecto, e, já nas primeiras páginas, fica evidente o profundo medo que sentiu em toda sua vida ao enfrentar sua própria sexualidade.

Arrependo-me agora — como se adiantasse alguma coisa — de uma mentira em particular, das muitas que contei, que ouvi, que vivi e em que acreditei. Foi a mentira que contei a Giovanni, sem nunca ter conseguido fazê-lo acreditar nela: que eu nunca havia feito amor com um rapaz antes. Eu já havia feito, sim. Tinha decidido que nunca mais faria. Há algo de fantástico no espetáculo que agora enceno para mim mesmo, o de ter corrido tão longe, com tanto esforço, chegando mesmo a atravessar o oceano, para mais uma vez ser detido pelo buldogue que sempre estive no meu quintal — e, nesse ínterim, o quintal encolheu e o buldogue cresceu (Baldwin, 2018, p. 30).

David admite ter mentido para Giovanni, declarando que nunca havia se relacionado intimamente com outro homem, uma afirmação que ele próprio reconhece como falsa. Essa revelação inicial expõe a negação e o conflito interno que permeiam sua jornada ao longo do romance, estabelecendo o tom para as reflexões sobre identidade e desejo que se desenrolam na narrativa.

A passagem pode ser interpretada como uma metáfora na frase: *“ter corrido tão longe, com tanto esforço, chegando mesmo a atravessar o oceano, para mais uma vez ser detido pelo buldogue que sempre estive no meu quintal”*. O *“buldogue no quintal”* simboliza a persistência de seus desejos homoafetivos, que ele tenta esconder de si mesmo e da sociedade, mas que continuam a assombrá-lo e a crescer dentro dele. Essa imagem revela que o conflito interno de David não se limita à sua orientação sexual, mas também à sua dificuldade em aceitar plenamente quem ele é — uma incapacidade que o levou a *“atravessar o oceano”* e refugiar-se na França em uma tentativa inútil de fugir de si mesmo, pois o motivo da fuga estava cravada em seu íntimo.

David decide contar então sobre sua primeira experiência sexual com outro homem, revelando como a descoberta de sua sexualidade começou a se manifestar ainda na adolescência. A descrição do momento com Joey, seu melhor amigo, ilustra uma experiência marcada pela espontaneidade e pelo despertar de sentimentos que ele nunca havia experimentado antes.

[...] creio que tudo começou no chuveiro. Sei que senti alguma coisa — enquanto brincávamos naquele banheiro pequeno, cheio de vapor, de bater um no outro com toalhas molhadas — que nunca sentira antes, e que de algum modo misterioso, embora sem um objetivo claro, tinha a ver com Joey (Baldwin, 2018, p. 31).

Nesse momento, David percebe que sua interação com Joey é marcadamente distinta de qualquer experiência anterior com garotas. Mesmo em meio a brincadeiras aparentemente inocentes e despretensiosas, algo profundo e desconhecido é despertado dentro dele, sinalizando o início de uma descoberta sobre si mesmo.

Mas ao tocá-lo dessa vez aconteceu alguma coisa que fez com que esse toque fosse diferente de qualquer outro anterior, com ele ou comigo. [...] Ele levantou a cabeça no momento em que abaixei a minha, e nos beijamos, meio que por acidente. Então, pela primeira vez na vida, senti de verdade a presença do corpo de outra pessoa, o cheiro de outra pessoa. [...] Naquele momento, tive a impressão do que toda uma existência não seria suficiente para eu encenar com Joey o ato do amor (Baldwin, 2018, p. 32).

A descrição detalhada do beijo e da descoberta da presença física de Joey simboliza o momento em que David se conecta plenamente com outra pessoa de maneira íntima e sensorial. Contudo, essa experiência é rapidamente seguida por um intenso conflito interno. A passagem mostra como o peso das normas sociais e culturais da época influencia a percepção de David sobre sua sexualidade e desejo.

[...] Senti vontade de tocá-lo para despertá-lo, mas alguma coisa me deteve. [...] meu próprio corpo de súbito me pareceu grosseiro, esmagador, e o desejo que crescia dentro de mim, monstruoso. Porém, acima de tudo, tive medo. Um pensamento se impôs: mas Joey é um garoto (Baldwin, 2018, p. 33).

Quando ele descreve seu próprio corpo como “*grosseiro, esmagador*” e o desejo como “*monstruoso*”, fica evidente o impacto que as visões negativas e preconceituosas sobre a homossexualidade na época causavam nos indivíduos e no modo como encaravam a própria sexualidade. Ao pensar “*mas Joey é um garoto*”, ele expressa a força do preconceito internalizado, o pavor de enfrentar sua própria identidade e a confusão por sentir atração por aquele corpo, que é igual ao seu.

Enquanto sentia esse pavor, David lutava com o conflito de seus desejos. Ele pensa que o que queria era “*conhecer aquele mistério e sentir aquele poder e ver aquela promessa realizar-se através de mim.*” (Baldwin, 2018, p. 34), mas ao mesmo tempo sentia vergonha desse desejo e logo em seguida em sua cabeça se passa uma linha de possíveis acontecimentos caso ele abraçasse aqueles desejos

Uma caverna se abriu em minha mente, negra, cheia de rumores, indiretas, histórias entreouvadas, semiesquecidas, semicompreendidas, cheia de palavras sujas. Julguei ver meu futuro naquela caverna. Tive medo. Por um triz não chorei de vergonha e pavor, por não entender como uma coisa daquelas podia ter acontecido comigo, ter acontecido em mim. E tomei minha decisão (Baldwin, 2018, p. 34).

Essa “*caverna*” simboliza a vida de David, sendo representada por um espaço escuro e frio, refletindo seu pavor do que sua existência poderia se tornar. A escolha dessa metáfora remete à sensação de isolamento e repressão que ele experimenta, alimentada pelo medo de ser descoberto. David teme as repercussões sociais — os rumores, as indiretas, e as “*histórias entreouvidas, semiesquecidas, semicompreendidas*” — que inevitavelmente surgiriam caso seus desejos fossem expostos. Esse medo encapsula o peso das expectativas da sociedade e a homofobia internalizada que molda sua visão sobre si mesmo e sobre seu futuro.

A partir deste ponto, David tenta apagar o significado desse evento, iniciando um ciclo de fuga de sua verdade emocional e sexual. A passagem encapsula a luta de Baldwin para expor os danos psicológicos causados pela repressão social, ao mesmo tempo em que revela as camadas complexas da identidade de seu protagonista.

Ao narrar sua própria história em retrospecto, o David do futuro observa os passos do David do passado e sob essas condições consegue afirmar que sua fuga começou de fato naquele verão, a partir daquele momento. Mesmo sabendo ele reflete sobre a “*origem do problema que, naquele verão, se resolveu com uma fuga*” (Baldwin, 2018, p. 35). Porém agora ele sabe de onde vem a origem desse dilema que o impeliu a fugir.

[...] em algum lugar à minha frente, encerrada na imagem refletida que vejo na vidraça enquanto a noite vai chegando lá fora. Está trancada nesta sala comigo, sempre esteve, e sempre há de estar, e, no entanto, é para mim algo mais estranho do que aqueles morros estrangeiros que vejo lá fora (Baldwin, 2018, p. 35).

David começa a fugir da realidade ao evitar admitir a verdade para si mesmo. Embora tente evitar pensar sobre o ocorrido, ele reconhece que o episódio permanece constantemente “*no fundo da minha consciência*” (Baldwin, 2018, p. 41). A partir deste ponto, ele se embriagava com constância em uma tentativa de esquecer os dilemas internos que precisa enfrentar sobre sua identidade. O álcool, portanto, serve como uma válvula de escape, um meio de se distanciar de seus próprios sentimentos e evitar confrontar a vergonha e o medo que sente ao lidar com sua sexualidade.

Eu decidira não deixar nenhum espaço no universo para uma coisa que me inspirava vergonha e medo. Nisso saí me muito bem — jamais encarando o universo, jamais encarando a mim mesmo, permanecendo em movimento constante (Baldwin, 2018, p. 46).

David reconhece que, apesar de seus esforços para evitar os conflitos internos por meio do movimento constante e da embriaguez, ele não consegue evitar as “*quedas misteriosas*” que o forçam a confrontar momentaneamente os aspectos de sua identidade que ele tenta reprimir. Essas quedas simbolizam momentos de vulnerabilidade, quando a fachada construída por David se desfaz, revelando os desejos que ele luta para esconder quando está sóbrio. Durante esses episódios, a embriaguez serve como um gatilho que o leva a procurar a companhia de outros homens, expondo sua sexualidade e desejos reprimidos. O álcool, portanto, se torna uma maneira de ele liberar o que está oculto, permitindo-lhe expressar aquilo que tem medo de confrontar diretamente: sua atração por outros homens.

Após se mudar para a França, David conhece Giovanni, um homem que trabalha em um bar. Foi nesse local que eles se encontraram e conversaram de forma descontraída, mas esse breve momento de interação reacendeu em David os sentimentos que ele vinha tentando reprimir. Quando Giovanni o olhou, e esse olhar o “*fez sentir que nunca, em toda a minha vida, ninguém havia me olhado diretamente*” (Baldwin, 2018, p. 65). Esse olhar, intenso e profundo, desperta em David uma conexão que ele ainda não estava preparado para enfrentar, o que fica evidente quando Giovanni lhe pergunta “*As pessoas sempre dizem: é preciso esperar, esperar. Elas estão esperando o quê?*” e David responde “[...] *acho que as pessoas esperam pra ter certeza do que é que estão sentindo.*” (Baldwin, 2018, p. 67).

Em meio ao turbilhão de emoções que Giovanni despertou, David admite que “*estava feliz*” (Baldwin, 2018, p. 71). Contudo, essa felicidade é acompanhada por uma reflexão contrastante: ele se sente profundamente desconfortável por esse momento ter acontecido diante de Jacques, seu amigo. A presença de Jacques não apenas o envergonha, mas também o força a confrontar a exposição de sentimentos que vinha tentando reprimir.

Só lamentava ter Jacques como testemunha. Ele me fazia sentir vergonha. Eu o odiava porque agora Jacques tinha visto tudo o que havia passado meses, por vezes quase sem esperança, esperando para ver. [...] Assim mesmo, parado no bar, eu lamentava não ter encontrado forças para me virar e sair dali — ir até Montparnasse, talvez, e arranjar uma garota. [...] estava claro para mim que na verdade nada faria diferença agora; não faria diferença nem mesmo se eu jamais voltasse a falar com Giovanni; pois elas haviam se tornado visíveis [...] (Baldwin, 2018, p. 71).

A vergonha que Jacques provoca em David reflete intensamente seu conflito interno em relação à própria sexualidade. Jacques, um homem abertamente gay que sempre desconfiou dos desejos de David. David, por sua vez, mantinha uma sensação de superioridade em relação a Jacques, considerando-o um homem de meia-idade repulsivo pela vida que este leva. Essa superioridade, no entanto, é desafiada quando Jacques presencia um momento de vulnerabilidade de David — o que o deixa profundamente envergonhado.

O fato de Jacques presenciar o despertar dos desejos que David tentava esconder faz com que ele encare uma realidade desconfortável: mesmo que optasse por uma vida heteronormativa, como "arranjar uma garota" conforme menciona, essa tentativa de negação seria inútil. Seus desejos já são evidentes para ele, e esse confronto com Jacques intensifica seu medo de se ver como aquilo que tanto desprezava no amigo, desnudando a fragilidade de sua luta interna.

Posteriormente, David se vê num carro com Giovanni, rumo ao quarto dele.

Eu ia lhe dizer que ele havia se enganado a meu respeito, mas que assim mesmo podíamos ser amigos. Mas não tinha certeza, no fundo, de que não era eu que estava me equivocando, entendendo tudo de modo errado — e impelido por necessidades vergonhosas demais para ser expressas. Vi-me num dilema, pois me parecia claro que, o que quer que fizesse, a hora da confissão estava próxima e seria muito difícil evitá-la; a menos, é claro, que eu saltasse de repente do táxi, o que seria a confissão mais terrível de todas. (Baldwin, 2018, p. 76)

Essa citação captura de forma clara o dilema interno de David: ao afirmar a Giovanni que não tinha interesse amoroso, ele corria o risco de expor seus próprios sentimentos a um homem possivelmente heterossexual, algo que para ele seria profundamente desconfortável. A confissão, nesse contexto, transcende o ato de falar; trata-se de um enfrentamento tanto interno quanto externo. David teme não apenas a reação de Giovanni, mas também o que a admissão de seus desejos representa para sua própria identidade, algo que ele reluta em aceitar e encara com medo e rejeição. Ele se esforça para reprimir seus desejos, mas é consumido por um conflito interno: *“Tudo dentro de mim gritava Não!, e no entanto o somatório de mim suspirava Sim”* (Baldwin, 2018, p. 95).

Apesar de todo o conflito interno e da repressão, David inicia um relacionamento com Giovanni e muda-se para o apartamento do jovem italiano. No entanto, mesmo vivendo essa experiência homoafetiva, ele ainda não aceita completamente sua sexualidade, seja bissexual ou homossexual, mesmo nutrindo sentimentos genuínos por Giovanni. Um momento significativo dessa dinâmica ocorre

durante um passeio em que ambos brincam de atirar coisas um no outro. Nesse instante de leveza, David reflete: *"Aquele criancice era absurda na minha idade, e de que a felicidade que lhe dava origem o era ainda mais; pois naquele momento eu realmente amava Giovanni, que nunca me parecera mais belo do que naquela tarde"* (Baldwin, 2018, p. 116). Essa confissão interna evidencia o conflito entre sua atração por Giovanni e a vergonha que sente, ressaltando a tensão entre o amor genuíno e a auto-repressão.

No entanto, naquele exato momento, passou entre nós, na calçada, outro rapaz, um desconhecido, e de imediato lhe atribuí a beleza de Giovanni, e o que eu sentia por Giovanni senti também por ele. [...] Sentia dor, vergonha, pânico, uma tremenda amargura. [...] A fera que Giovanni havia despertado em mim nunca mais voltaria a adormecer; porém um dia eu não estaria mais com Giovanni. Nesse caso, ia me tornar igual a todos os outros, viveria seguindo rapazes de todos os tipos em só Deus sabia que avenidas escuras, entrando nos lugares mais escuros? (Baldwin, 2018, p. 116-117).

David afirma que ao perceber que Giovanni *"brotou em mim um ódio por Giovanni tão poderoso quanto meu amor, um ódio que se nutria através das mesmas raízes que o amor"* (Baldwin, 2018, p. 117) é advindo do fato de que com Giovanni ele deixou a própria sexualidade livre para ser explorada e percebeu que ele se atraía por homens em geral, e não apenas Giovanni. David se vê forçado a encarar a inevitabilidade de seus desejos. À medida que sua atração por Giovanni se intensifica, ele percebe que esses sentimentos não estão restritos apenas ao italiano, mas se estendem a outros homens. David sente raiva de Giovanni, pois considera o rapaz como o responsável por *"despertar [...] uma comichão, um remoer interior"* (Baldwin, 2018, p. 116), o que remete diretamente à sua atração por outros homens. Ao imputar a "culpa" a Giovanni, David acaba nutrindo um *"ódio que se nutria através das mesmas raízes que o amor"* (Baldwin, 2018, p. 117). Esse conflito entre amor e ódio expressa a luta interna de David para aceitar sua própria identidade, ao mesmo tempo em que ele lida com a repressão interna e externa que sempre tentou evitar.

O questionamento sobre o futuro — de se tornar *"igual a todos os outros"* e seguir rapazes em *"avenidas escuras"* — reflete o medo de David de ser reduzido a estereótipos sobre a homossexualidade, algo que ele repudia ao observar o comportamento de seu amigo Jacques. Ao expressar que *"a fera que Giovanni havia despertado em mim nunca mais voltaria a adormecer"*, David revela um temor profundo de que seus desejos agora se tornaram inevitáveis e, portanto, ele não conseguirá mais evitar ou esconder sua verdadeira identidade.

Eu estava terrivelmente confuso. Às vezes dizia a mim mesmo: mas esta é mesmo a sua vida. Pare de lutar. Pare de lutar. Ou então pensava: mas estou feliz. E ele me ama. Estou protegido. Às vezes, quando Giovanni não estava perto de mim, eu pensava: nunca mais vou deixar que ele me toque. Então, quando me tocava, eu pensava: não faz mal, é só o corpo, não vai durar muito. Quando terminava, eu ficava deitado na escuridão, ouvindo-o respirar, sonhando com mãos me tocando, as mãos de Giovanni ou de quem quer que fosse, mãos que teriam o poder de me esmagar e me restaurar (Baldwin, 2018, p. 121-122).

Essa passagem ilustra o profundo conflito interno de David em relação à sua sexualidade, seu relacionamento com Giovanni e, mais amplamente, sua identidade. A confusão expressa por David reflete a tensão entre seu desejo genuíno e o peso das normas sociais internalizadas. Quando pensa "*estou feliz*" e "*ele me ama*", reconhece o potencial transformador e seguro de sua relação com Giovanni. No entanto, ao tentar reduzir a experiência à materialidade do corpo — "*não faz mal, é só o corpo, não vai durar muito*" —, ele busca evitar o confronto com as implicações mais profundas desse vínculo, que desafiam sua visão idealizada de masculinidade e heteronormatividade.

A metáfora das mãos que "*teriam o poder de me esmagar e me restaurar*" encapsula esse dilema: o toque de Giovanni representa tanto a ameaça de destruição de sua identidade construída quanto a possibilidade de reconstrução e libertação. Essa dualidade demonstra como David vê o amor e a intimidade como forças poderosas, capazes de tanto curar quanto expor sua vulnerabilidade.

Quando Hela, noiva de David, retorna à França, ele é forçado a confrontar a necessidade de encerrar seu relacionamento com Giovanni. No entanto, esse momento se torna mais complexo quando ele é confrontado tanto por Giovanni quanto, posteriormente, por Hela, sobre seus verdadeiros sentimentos e sua incapacidade de se comprometer plenamente com qualquer um dos dois.

"Você não ama ninguém! Nunca amou ninguém, e tenho certeza que nunca vai amar! Você ama a sua pureza, ama o seu espelho [...] Você quer ser limpo. Você acha que veio pra cá ensaboado e acha que vai sair ensaboado — e não quer feder, nem por cinco minutos, entre chegar e ir embora." [...] "Você quer abandonar o Giovanni porque ele faz você feder. Quer desprezar o Giovanni porque ele não tem medo do fedor do amor. Quer matar o Giovanni em nome de todas as suas moralidadezinhas (Baldwin, 2018, p. 180).

Giovanni reconhece que a decisão de David de deixá-lo para ficar com Hela é mais uma tentativa de fuga, uma estratégia de David para evitar lidar com sua verdadeira identidade e sentimentos. Exausto pelas constantes incertezas de David e

com o coração partido, Giovanni o acusa de priorizar uma imagem idealizada de si mesmo, centrada em uma moralidade rígida e uma *"pureza"* ilusória que o protege de encarar a profundidade e complexidade das relações humanas. Suas palavras, *"você ama a sua pureza, ama o seu espelho [...] você quer ser limpo"*, revelam a frustração de Giovanni diante da recusa de David em aceitar a autenticidade do amor que compartilham.

A acusação de Giovanni de que David *"quer matar Giovanni em nome de todas as suas moralidadezinhas"* simboliza a tentativa de David de rejeitar não apenas o relacionamento, mas também tudo o que ele representa: um reflexo de seus próprios desejos e uma ameaça à fachada de conformidade que David luta para manter. Giovanni, assim, confronta diretamente a luta interna de David entre a autoaceitação e a repressão, destacando o custo emocional dessa batalha para ambos.

Ao se juntar a Hela, ele inicialmente tenta preencher o vazio deixado por Giovanni, dedicando-se intensamente ao relacionamento. Para Hela, isso parece um compromisso genuíno, mas para David, é apenas mais uma tentativa de apagar os sentimentos que o atormentam.

Não me empurra pra dentro do mar, David. Me deixa ficar aqui com você." Então me beijou, observando meu rosto. Meus lábios estavam frios. Eu não sentia nada neles. Ela beijou-me de novo e fechei os olhos, sentindo que estava sendo arrastado para o fogo por correntes fortes. Parecia que meu corpo, ao lado do corpo quente dela, sob a insistência dela, tocado pelas mãos dela, jamais haveria de despertar (Baldwin, 2018, p. 202).

A inquietude logo o consome novamente, revelando que o vínculo com Hela não pode substituir o que ele tenta reprimir. Sua volta aos bares e ao convívio com outros homens demonstra que, por mais que tente, David não consegue fugir de sua natureza. A citação apresentada ilustra esse distanciamento emocional: mesmo nos momentos mais íntimos com Hela, ele se sente desconectado. A frase *"meus lábios estavam frios. Eu não sentia nada neles"* simboliza sua incapacidade de encontrar satisfação ou completude em um relacionamento que não reflete sua verdade.

A análise dessa categoria revela como a luta interna de David com sua identidade sexual é um dos elementos centrais da narrativa. Sua tentativa de buscar segurança emocional com Hela simboliza sua necessidade de conformidade às normas sociais, enquanto seus momentos de inquietação e *"recaída"* em relacionamentos ou interações com outros homens expõem a profundidade de seu conflito interno.

Durante todo o livro David permanece preso em um ciclo de negação, buscando validação em espaços que não podem preencher seu vazio emocional e identidade fragmentada. Essa jornada de autoengano e repressão ilustra não apenas a complexidade de sua psique, mas também o peso das pressões sociais e culturais que moldaram sua luta em se esconder constantemente. A narrativa de David, portanto, oferece um retrato poderoso do impacto das expectativas sociais sobre a construção da identidade individual, destacando os custos emocionais e relacionais da repressão e de uma vida vivida pela metade.

B. Personalidade e suas expressões

Para iniciar a análise sobre a personalidade de David e suas expressões, é essencial considerar elementos fundamentais de sua infância e formação emocional. David cresceu sem a presença materna, já que perdeu sua mãe aos cinco anos, e foi criado por seu pai e sua tia. Esse contexto familiar é marcado por uma relação tensa entre os dois adultos responsáveis por sua criação. Sua tia frequentemente repreendia o pai de David, exigindo que ele assumisse uma postura mais exemplar e atenta como pai. Contudo, o pai de David demonstrava pouco interesse em desenvolver um vínculo significativo com o filho, chegando muitas vezes bêbado em casa e mantendo-se emocionalmente distante. Esses aspectos moldaram a personalidade de David, que, desde cedo, precisou lidar com a ausência de figuras afetivas consistentes e confiáveis.

David, ao narrar sua primeira experiência sexual com Joey, além de decidir nunca mais reviver aquele momento de intimidade com outro garoto, também resolve transformar completamente sua personalidade. Esse episódio marca um ponto de ruptura em sua vida, levando-o a adotar uma postura mais reservada e defensiva, afastando-se emocionalmente dos outros e iniciando o processo de construção de uma nova identidade, moldada pela repressão de seus verdadeiros desejos.

Foi naquele verão, talvez, que comecei a me tornar uma pessoa solitária e dei início à fuga que me trouxe até esta janela cada vez mais escura (Baldwin, 2018, p. 35).

Ao adotar essa postura, David se torna um garoto recluso e agressivo, e conforme crescia, frequentemente estava envolvido em discussões com sua tia e chegava bêbado de madrugada. Ele admite que o "incidente" com Joey o afetou profundamente, transformando-o em uma pessoa "dissimulada e cruel" (p. 41). Seu pai, por outro lado, acreditava que o comportamento de David, com suas chegadas

constantes e embriagadas em casa, “*era apenas uma fase inevitável*” (p. 42). Contudo, David percebia que seu pai estava “confuso e assustado” p. 42) com o que acontecia, sem entender completamente o que estava afetando seu filho.

[...] agora que meu pai estava tentando descobrir alguma coisa a meu respeito, eu fugia dele o tempo todo. Não queria que ele me conhecesse. Não queria que ninguém me conhecesse [...] Não parecíamos pai e filho, ele dizia às vezes com orgulho, e sim amigos do peito. Creio que meu pai às vezes chegava mesmo a acreditar no que dizia. Eu, não. Nunca quis ser amigo do peito dele; queria era ser seu filho. Nossa relação, de aparente franqueza masculina, me desgastava e horrorizava (Baldwin, 2018, p. 42).

David não quer ser conhecido pelo pai, pois teme que ele descubra aquilo que ele tanto se esforça para esconder. Ele se sente constantemente pressionado pela expectativa do pai, que tenta, de maneira equivocada, construir uma relação de amizade entre eles, distorcendo o papel tradicional de pai e filho. Para David, essa tentativa de criar uma “franqueza masculina” é opressiva, pois não só a percebe como superficial, mas também como uma máscara que encobre a verdadeira necessidade de um vínculo paternal genuíno.

Embora David sinta falta da conexão verdadeira com seu pai, uma relação que nunca experimentou, ele não saberia como lidar com ela, mesmo se a tivesse. Seu medo constante, a fuga e o fingimento que ele pratica seriam insustentáveis caso seu pai realmente o conhecesse. Diante disso, após um grave acidente envolvendo álcool e direção, David toma a decisão de se mudar de casa, buscando escapar do ambiente familiar que apenas intensifica suas inseguranças e desconfortos.

[...] consegui manipular meu pai com tanto jeito que ele realmente começou a acreditar que, se eu havia encontrado um emprego e agora morava sozinho, era uma consequência direta de seus conselhos e a prova de que havia me criado direito. Depois que saí de casa, é claro, ficou muito mais fácil lidar com meu pai, e ele nunca teve motivo para se sentir excluído da minha vida, pois eu sempre conseguia, quando conversávamos, dizer-lhe o que ele queria ouvir. E nos dávamos muito bem, pois a visão da minha vida que eu transmitia a meu pai era precisamente aquela em que eu precisava acreditar, com todas as minhas forças (Baldwin, 2018, p. 46).

Nesta passagem, David reconhece como manipula a percepção de seu pai sobre sua vida para manter uma fachada de sucesso e estabilidade. A manipulação não é maliciosa, mas sim uma estratégia de sobrevivência, permitindo a David manter o controle sobre sua relação com o pai. Essa dinâmica reflete a desconexão contínua de David com seu verdadeiro eu. Embora esteja fisicamente distante do pai ao se mudar, emocionalmente ele ainda desempenha um papel de filho prodígio, na

tentativa de obter a aprovação do pai. Ele diz ao pai apenas o que ele quer ouvir, garantindo que suas interações sejam superficiais, sem intimidade ou vulnerabilidade reais. O fato de David conseguir manter essa ilusão mostra sua luta interna entre apresentar uma versão de sua vida que se encaixa nas expectativas do pai e as complexas e ocultas realidades de seu estado emocional e psicológico.

A afirmação de David de que *"a visão da minha vida que eu transmitia ao meu pai era precisamente aquela em que eu precisava acreditar"* sugere que ele internalizou essas mentiras a tal ponto que elas se tornaram parte integral de sua autopercepção, algo que ele gostaria de acreditar veementemente. A necessidade de acreditar em uma vida de sucesso e normalidade, mesmo que fabricada, serve como um mecanismo de defesa contra seus medos e inseguranças mais profundos. Isso também destaca a tensão entre seu desejo de aprovação e sua incapacidade de abraçar a vulnerabilidade e a autenticidade em seus relacionamentos.

Neste momento, David, já como narrador do futuro, reflete sobre sua decisão de fugir para a França. Ele avalia que, se soubesse que acabaria se tornando a pessoa que tanto tentou evitar, teria optado por permanecer em sua terra natal.

Hoje, creio que, se na época eu fizesse ideia de que o eu que ia terminar encontrando acabaria sendo o mesmo do qual havia passado tanto tempo fugindo, teria ficado na minha terra. Por outro lado, acho que, no fundo do coração, sabia muito bem o que estava fazendo quando peguei o navio que ia me levar à França (Baldwin, 2018, p. 47).

David, ao admitir que *"no fundo do coração, sabia muito bem o que estava fazendo"*, sugere que sua decisão de partir para a França foi, em algum nível, consciente. Isso pode ser interpretado como uma tentativa de confrontar o que ele não conseguia enfrentar em sua terra natal: sua própria identidade e as questões que o cercam.

Essa ambiguidade entre o desejo de escapar e a consciência, embora inconsciente, de que estava perseguindo algo inevitável, reforça a tensão interna que caracteriza a experiência de David. Esse dilema sublinha a ideia de que, embora ele tenha tentado fugir de sua identidade, a busca pela compreensão de quem ele realmente é sempre o acompanhou, revelando uma constante luta entre a negação e a aceitação.

Mesmo já vivendo na França com Giovanni, David continua preso a uma montanha-russa emocional constante. Sua instabilidade interior persiste, oscilando entre momentos de intensa proximidade e os medos e angústias que surgem com o

tempo, como se ele ainda estivesse em busca de uma identidade mais sólida e de um equilíbrio que nunca parece atingir.

Lembro que a vida, naquele quarto, parecia transcorrer no fundo do mar. O tempo fluía acima de nós, indiferente; horas e dias nada significavam. No início, nossa vida em comum continha um êxtase, um deslumbramento que renascia a cada dia. Por trás do êxtase, é claro, havia angústia, e por trás do deslumbramento, medo; mas esses sentimentos só começaram a se impor quando nossa empolgação inicial já amargava em nossa boca. Então a angústia e o medo passaram a ser a superfície na qual escorregávamos e deslizávamos, perdendo o equilíbrio, a dignidade e o orgulho (Baldwin, 2018, p. 107).

É evidente que David vive uma dinâmica emocional instável, onde momentos de "êxtase" são seguidos por uma inquietude profunda. Inicialmente, a relação com Giovanni é descrita como algo deslumbrante, um prazer intenso que parece escapar da realidade, mas logo a angústia e o medo começam a prevalecer. Esse deslocamento de sentimentos revela uma transição significativa: o êxtase e o deslumbramento iniciais começam a dar lugar a uma sensação crescente de desconforto, onde David passa a duvidar de si mesmo, de seus sentimentos e das relações que construiu. O que parecia ser uma fuga temporária da realidade logo se transforma em uma confrontação com as preocupações e inseguranças que ele tenta esconder. Esse ciclo de prazer e sofrimento evidencia o conflito interno contínuo de David.

A metáfora de estar "*no fundo do mar*" evoca uma sensação de sufocamento e afastamento da realidade, como se o tempo e as emoções se tornassem irrelevantes ou confusos. Isso simboliza o estado de desorientação de David, que se vê perdido em suas próprias emoções. Além disso, a perda de "*equilíbrio, dignidade e orgulho*" reflete o confronto interno de David com seus próprios desejos. Ele vê sua relação com Giovanni como algo "decadente", o que indica que, para ele, a conexão que busca também é uma fonte de vergonha e desconforto. Essa descrição é crucial para entender como a relação de David com Giovanni reflete suas lutas internas, particularmente seu medo de enfrentar sua verdadeira identidade e o desejo de se conectar de maneira genuína, sem as barreiras do autojulgamento e da repressão.

Giovanni sabia que eu ia deixá-lo, mas não ousava fazer acusações por medo de ouvir uma confirmação de seus temores. Eu não ousava me abrir com ele. Hella estava voltando da Espanha e meu pai havia concordado em me mandar dinheiro, o qual eu não usaria para ajudar Giovanni, que tanto havia me ajudado. Ia usá-lo para fugir de seu quarto (Baldwin, 2018, p. 109).

Quando Hella retorna à França, David decide se separar de Giovanni. No entanto, ao tomar essa decisão, uma sensação de angústia o invade, refletindo o conflito interno e a dor emocional que surgem com o fim do relacionamento. Ele não apenas se vê afastando-se de Giovanni, mas também é forçado a confrontar as profundas incertezas sobre si mesmo e sobre o que realmente deseja, mergulhando em um estado de confusão e sofrimento. Ele reflete sobre o fim de seu relacionamento: “Dei as costas para Giovanni e destranquei a porta. [...] Meu único pensamento era: Um dia ainda vou chorar por isso. Um dia desses vou começar a chorar” (Baldwin, 2018, p. 184)

O distanciamento de David da realidade e sua constante necessidade de fuga o levaram a criar vínculos rápidos e intensos, como o que teve com Giovanni. Esses laços, embora aparentemente profundos, são, na verdade, uma forma de David tentar escapar de seus próprios conflitos internos.

Creio que Hella não estava triste, pois eu nunca me apegara a ela tanto quanto naquela época. Mas talvez ela percebesse, de tempos em tempos, que meu apego era insistente demais para inspirar confiança, e sem dúvida insistente demais para durar (Baldwin, 2018, p. 186).

Quando ele afirma que seu apego a Hella era “*insistente demais para inspirar confiança, e sem dúvida insistente demais para durar*”, está reconhecendo, de forma consciente, que esses momentos de vínculo são uma tentativa de se ancorar temporariamente. Contudo, ele sabe que esse sentimento não possui a profundidade necessária para perdurar, refletindo sua incapacidade de se conectar de maneira autêntica e duradoura, pelo menos não enquanto nega a si mesmo e aos seus próprios desejos. Esses sentimentos rápidos e intensos funcionam como uma fuga da realidade, algo que proporciona um alívio momentâneo, mas que, no fundo, é insustentável a longo prazo.

E é nessa necessidade de fuga que David se vê novamente embriagado e seguindo atrás de outro homem, um momento que destrói suas barreiras de controle. Esse ato não é apenas uma transgressão, mas uma manifestação de um desejo profundo que se torna quase tangível, como uma sensação vivida intensamente. Quando Hella descobre suas escapadas, ela se depara com a revelação de que David havia escondido dela sua atração por homens. A resposta de David a essa descoberta é a mais honesta que ele já deu em sua vida, refletindo, talvez, um ponto de autorreconhecimento que ele até então havia evitado.

Eu só queria”, disse eu, por fim, “que você acreditasse em mim quando digo que, se eu estava mentindo, não estava mentindo para você” [...] “O que eu quero dizer”, expliquei, “é que eu estava mentindo pra mim mesmo.” (Baldwin, 2018, p. 204).

Esse é um momento de grande revelação para David, refletindo a luta interna entre sua identidade verdadeira e a persona que ele tentava construir para si e para os outros. Ele reconhece, finalmente, que a mentira mais significativa que ele tem contado não é para as pessoas ao seu redor, mas para si mesmo. Esse autoengano revela o conflito de David: ele sabe que está se escondendo de sua verdadeira identidade, mas não tem a coragem de aceitá-la completamente.

Esse momento também reflete o processo de desconstrução da fachada que David mantinha, pois, agora com Giovanni prestes a ser enforcado, acusado de matar um homem, David não vê mais razão para continuar se enganando aos fingimentos que construiu sobre si mesmo. Tudo o que ele tentou preservar e ocultar acabou desmoronando, e o que restou foi o enfrentamento brutal da realidade. A partir deste ponto, David se vê forçado a lidar com as consequências de sua negação e, finalmente, reconhecer a verdade que ele vinha evitando, já que a fachada que ele mantinha — e que sustentava suas mentiras — já não é mais capaz de protegê-lo. A confissão de que ele mentia para si mesmo é uma espécie de despertar, mas também um ponto de inflexão que ainda não resulta em aceitação, apenas no reconhecimento do autoengano que o domina.

Essa análise revelou as complexas e intensas transformações internas de David ao longo de sua trajetória. Através de suas relações e escolhas, David constantemente se vê entre a fuga e o enfrentamento da verdade, com seus sentimentos e identidade se fragmentando à medida que ele tenta manter o controle sobre sua vida e seus desejos. Seus conflitos internos são refletidos em suas atitudes, especialmente na relação com Giovanni e Hella, onde ele alterna entre momentos de apego intenso e distanciamento, sempre marcado por um medo profundo de ser verdadeiramente conhecido por ambos.

As expressões de sua personalidade, caracterizadas pela tentativa de construção de uma fachada, revelam não apenas a negação de sua própria identidade, mas também a luta constante para se ajustar às expectativas sociais e familiares. A relação com seu pai, por exemplo, demonstra como o distanciamento e a falta de uma conexão genuína impactam seu desenvolvimento emocional, levando-o a criar vínculos falsos e fugazes. Assim, ao longo dessa categoria, observou-se

como a personalidade de David se construiu e se destruiu simultaneamente, impulsionada por suas necessidades de fuga e sua incapacidade de aceitar a si mesmo.

C. Expectativas sociais de comportamento de gênero

A análise desta categoria investigará como as expectativas relacionadas à masculinidade afetaram as escolhas de David e sua maneira de lidar com as relações.

Após sua experiência com Joey, David adota uma postura de masculinidade exacerbada para esconder sua vergonha e confusão por ter se envolvido intimamente com um rapaz. Ele afirma:

Quando as aulas recomeçaram passei a andar com uns garotos mais brutos e mais velhos e a tratar Joey muito mal. Quanto mais triste ele ficava com meu comportamento, mais agressivo eu me tornava (Baldwin, 2018, p. 34).

Essa mudança de comportamento reflete uma tentativa de reafirmar sua masculinidade, que ele percebe como ameaçada pelo ocorrido. Para David, agir de forma mais agressiva e se cercar de *"garotos mais brutos e mais velhos"* funciona como uma forma de reassegurar um senso de identidade que ele acredita ter perdido. Esse comportamento reforça a ideia de que, ao se envolver com Joey, ele comprometeu a própria imagem de homem, e agora sente a necessidade de compensar essa "perda" através de uma performance exagerada da masculinidade.

No início, como os motivos que me levaram ao quarto de Giovanni eram tão confusos, tinham tão pouca relação com as esperanças e desejos dele, e estavam tão profundamente arraigados no meu desespero, inventei para mim mesmo certo prazer em desempenhar o papel de dona de casa quando Giovanni ia para o trabalho. Joguei fora o papel, as garrafas, aquele fantástico acúmulo de lixo; examinei os conteúdos das incontáveis caixas e malas e dei fim a eles. Mas não sou dona de casa — nenhum homem jamais o é (Baldwin, 2018, p. 121).

Essa citação destaca como David associa a relação com Giovanni a um desequilíbrio de papéis de gênero, o que o leva a interpretar sua posição como uma perda de sua masculinidade. Na concepção de David, as relações heterossexuais seguem uma estrutura binária clara: há um papel masculino, que é visto como dominante, e um papel feminino, frequentemente associado à subserviência.

Quando ele acredita que está desempenhando o *"papel feminino"* na relação com Giovanni, isso representa para ele uma humilhação. Esse sentimento não decorre apenas do fato de estar em um relacionamento com outro homem, mas da

percepção de que, nesse contexto, ele é reduzido a uma posição que considera inferior. Para David, ser "*feminino*" na dinâmica de poder é perder uma parte essencial de sua identidade masculina e socialmente aceita, intensificando sua vergonha e autodepreciação. A interpretação distorcida de David sobre sua posição na relação expõe como as ideias hegemônicas de masculinidade perpetuam a desigualdade e a repressão emocional.

Além dessa clara distorção de papéis de gênero, David experimenta uma constante sensação de que sua relação com Giovanni é "obscura", como se fosse inerentemente impura.

Eu queria estar do lado de dentro outra vez, onde havia luz e segurança, onde minha virilidade não seria questionada, vendo minha mulher pôr meus filhos na cama. Queria a mesma cama à noite e os mesmos braços, e queria despertar na manhã seguinte sabendo onde estava. Queria que uma mulher fosse para mim um chão estável, como a própria terra, onde eu sempre poderia me renovar. Antes era assim, ou quase assim. Eu poderia recuperar aquela situação, torná-la real. Bastava um esforço curto e vigoroso para que voltasse a ser quem eu era (Baldwin, 2018, p. 139).

Essa percepção reflete a internalização de normas sociais que exaltam casais heterossexuais e associam suas relações à luz, pureza e felicidade, especialmente devido à capacidade de procriação. No imaginário social, casais heteronormativos são vistos como vivendo em um espaço de legitimidade e aprovação, enquanto relacionamentos que fogem a essa norma são marginalizados e frequentemente considerados inadequados.

Ao ser confrontado por Giovanni, ele revela essa internalização dos medos que são reflexos das normas sociais:

“Com ela eu posso ter uma vida. Que espécie de vida a gente pode ter dentro deste quarto? Este quatinho imundo. Que espécie de vida dois homens podem ter juntos? Você fala tanto em amor — não é só pra se sentir forte? Quer sair de casa, bancar o grande trabalhador e trazer dinheiro pra casa, e quer que eu fique aqui lavando os pratos e cozinhando e limpando esse quatinho miserável que não passa de um armário, e que beije você quando você entrar por essa porta e durma com você à noite e seja a sua menininha. É isso que você quer. É o que você quer dizer, é tudo o que você quer dizer quando diz que me ama” (Baldwin, 2018, p. 181).

Essa passagem reflete o ápice das tensões emocionais e sociais que permeiam o relacionamento de David e Giovanni. David acusa Giovanni de desejar uma relação em que David desempenhe um papel subserviente, semelhante ao que a sociedade atribui às mulheres em relacionamentos heteronormativos. A imagem de David como

"a menininha" expõe o peso dos estereótipos de gênero, que ele inconscientemente projeta sobre sua relação.

A citação também evidencia as limitações práticas e emocionais que David sente no relacionamento, ilustradas pelo ambiente claustrofóbico do "*quartinho miserável*". Essa descrição não é apenas literal, mas também simbólica: o espaço físico representa o aprisionamento emocional e a falta de perspectivas futuras para dois homens vivendo um relacionamento que desafia normas sociais.

Essa cena ressalta um dos conflitos centrais do romance: a luta entre o desejo individual e as expectativas impostas pela sociedade, mostrando como essas forças podem devastar as relações e as identidades das pessoas que fogem da heteronormatividade tradicional.

A análise desta categoria evidenciou como as normas sociais e culturais impactam as ações, os pensamentos e os dilemas internos de David. Ao longo das análises, torna-se claro que ele está profundamente preso à concepção binária e hierárquica dos papéis de gênero, o que o leva a interpretar suas relações por meio dessas lentes distorcidas. A desconexão entre quem David é e quem ele acredita que deveria ser culmina em um ciclo destrutivo de rejeição pessoal e relacional. Essa exploração no romance destaca o impacto devastador das expectativas de gênero não apenas sobre os relacionamentos, mas também sobre o desenvolvimento da identidade individual.

D Opressão de corpos queer e femininos

Essa categoria "Opressão de corpos queer e femininos" busca observar as formas de marginalização, objetificação e invisibilização enfrentadas por pessoas queer e mulheres no contexto social apresentado na obra. Essas opressões se manifestam tanto em atitudes explícitas de desprezo e exclusão quanto em formas mais sutis de desumanização, revelando a tensão entre desejo, vergonha e os padrões heteronormativos que moldam o comportamento e as relações. A análise desta seção destaca como esses corpos são tratados como "o outro", desviantes das normas, e como essa marginalização reflete a luta interna dos personagens, especialmente a de David, com suas próprias identidades e preconceitos.

Lá estavam também, é claro, les folles, sempre combinando as roupas mais improváveis, proclamando em altos brados, como papagaios, os detalhes de seus casos amorosos mais recentes — seus casos

amorosos, ao que parecia, eram sempre hilariantes. De vez em quando um entrava, já alta madrugada, para dar a notícia de que ele — se bem que sempre se tratavam no feminino — tinha acabado de sair da companhia de um famoso ator de cinema ou lutador de boxe. Então todos os outros cercavam o recém-chegado, parecendo formar um jardim de pavões, e emitiam os ruídos de um galinheiro. Sempre achei difícil acreditar que eles fossem para a cama com alguém, pois um homem que quisesse uma mulher certamente haveria de preferir uma mulher de verdade, e o que quisesse um homem sem dúvida não ia querer um deles (Baldwin, 2018, p. 53).

Essa passagem expõe a maneira como David percebe e julga os homens gays afeminados, representados pelo título *“les folles”*, cujo qual na tradução livre significa “os loucos”. O uso de linguagem que remete a animais, como “papagaios”, “pavões” e “galinheiro”, desumaniza esses indivíduos, relegando-os ao ridículo e ao grotesco. Essa descrição reflete uma visão carregada de preconceito e reforça estereótipos que afastam esses homens de qualquer ideia de normalidade ou respeitabilidade, reafirmando a marginalização que eles enfrentam.

A insistência de David em questionar a desejabilidade ou legitimidade desses homens — *“um homem que quisesse uma mulher certamente haveria de preferir uma mulher de verdade”* — reflete a internalização dos padrões heteronormativos. Essa negação não apenas reforça a opressão contra esses corpos, mas também revela a luta de David com sua própria identidade e atração, tornando essas figuras um espelho para sua própria vergonha e repressão.

A visão de David sobre os homens afeminados reflete uma perspectiva de desprezo e marginalização, perpetuando o preconceito e colocando corpos gays afeminados sempre à mercê de uma aceitação reduzida ou superficial, frequentemente aceitando migalhas de afeto.

Enquanto durasse minha presença ali, o mundo podia ver e ele podia acreditar que havia saído comigo, seu amigo, que não estava ali movido pelo desespero, não estava à mercê de qualquer aventureiro que o acaso, a crueldade ou as leis da pobreza financeira e emocional colocassem à sua frente (Baldwin, 2018, p. 55).

Embora David se sinta atraído por outros homens, ele associa a feminilidade performática a algo repulsivo, refletindo uma internalização das normas heteronormativas que desprezam a expressão de gênero não-conforme. Já Jacques, um homem gay de meia-idade, adota uma performance de certa feminilidade, ou ao menos se recusa a forçar um comportamento heteronormativo para se esconder da sociedade, desafiando, assim, as expectativas sociais sobre como um homem gay deve se comportar. Essa diferença entre os dois personagens destaca a tensão entre

a tentativa de David de manter uma masculinidade tradicional e a maneira como Jacques abraça uma identidade mais fluida e autêntica, embora ainda enfrentando estigmas e marginalização.

Me diga uma coisa”[...] “você realmente não tem outra coisa pra fazer além disso? Viver se ajoelhando na frente de um batalhão de rapazes por cinco minutos imundos num canto escuro?” “Pense só”, disse Jacques, “nos homens que se ajoelharam diante de você enquanto pensava em outra coisa e fazia de conta de que não havia nada acontecendo no escuro entre as suas pernas.” [...] Ele insistiu: “Você acha que a minha vida é vergonhosa porque esses meus encontros são vergonhosos. E são mesmo. Mas devia perguntar a si mesmo por que é que eles são vergonhosos”. “E por que é que eles são... vergonhosos?”, perguntei. “Porque neles não há afeto, não há alegria. É como enfiar um plugue numa tomada sem energia. Há um toque, mas não há contato. Só toque, nem contato nem luz.” Indaguei: “Por quê?”. “Isso você tem que perguntar a si mesmo”, ele respondeu, “e aí, quem sabe, um dia, a manhã de hoje não se transforme em cinzas na sua boca.” (Baldwin, 2018, p. 86).

David questiona as relações de Jacques, acusando-as de serem superficiais e desprovidas de significado. Ele vê essas experiências de Jacques como encontros vazios, em que a busca por prazer imediato substitui qualquer forma de afeto verdadeiro. David expressa uma crítica à natureza desses encontros, vendo-os como momentos “imundos”, sem conexão genuína.

No entanto, a resposta de Jacques oferece uma visão diferente. Jacques sugere que, para homens como David — aqueles que sentem desejos por outros homens, mas não os reconhecem ou aceitam — a única forma de se envolver com outros homens é por meio de relações fugazes e superficiais, como as que ele vive. Jacques, já envelhecido e cansado, revela que o que ele deseja é apenas atenção por uma noite, e coloca uma dúvida em David ao afirmar que, se ele continuar a rejeitar sua identidade, acabará sendo como Jacques — alguém que já aceitou a marginalização e se conformou com migalhas de afeto. No final, Jacques sugere que, ao esconder sua verdadeira natureza, David pode acabar se tornando um dos homens que ele agora critica, vivendo uma vida de aparências, onde os outros só lhe oferecem momentos vazios, enquanto ele busca o que já foi buscado por Jacques.

Jacques finaliza com uma frase de grande impacto, que faz refletir sobre a marginalização dos corpos queer:

“Se você ficar se protegendo o tempo todo”, acrescentou, mudando o tom de voz, “vai acabar preso dentro do seu próprio corpo sujo, pra sempre, pra todo o sempre — como eu.” (Baldwin, 2018, p. 88).

A declaração é uma crítica amarga à negação da própria identidade e ao medo constante de ser visto como "sujo" ou "indigno" por não se conformar aos padrões heteronormativos. Jacques sugere que, ao se esconder e se proteger da sociedade, David (e por extensão, outros como ele) se torna prisioneiro de sua própria repressão, preso a uma visão distorcida de si mesmo, com seu corpo e desejos sendo tratados como algo impuro. A ideia de que ele estará "preso" no próprio corpo implica que a repressão interna leva a uma alienação profunda, um afastamento não só do mundo exterior, mas de sua própria essência. Jacques, ao afirmar que essa é sua condição, revela o sofrimento de uma vida vivida sob a marginalização de uma sociedade que não aceita a liberdade de expressão sexual e de identidade de gênero.

Essa fala de Jacques também pode ser vista como um aviso sobre os perigos de internalizar o estigma e a vergonha associados à sexualidade e identidade queer, que, muitas vezes, resultam em vidas de solidão e autoaversão. A experiência de Jacques, marcada pela resignação, serve de alerta para David sobre o futuro que ele pode enfrentar caso continue a se esconder de si mesmo. A frase sugere que a repressão não só limita a liberdade, mas aprisiona o indivíduo em um ciclo de autocrítica e dor.

Esta análise revela como corpos que desafiam as normas heteronormativas enfrentam múltiplas formas de marginalização, principalmente por meio da vergonha e repressão. A opressão imposta é tanto social quanto emocional, restringindo a liberdade e autenticidade de indivíduos que se veem forçados a acreditar que, para eles, o afeto e a intimidade muitas vezes se traduzem em subordinação e negação. Jacques, com suas falas, simboliza as consequências de uma vida reprimida, onde o corpo queer, ao tentar se esconder e se proteger, acaba se tornando uma prisão que impede o pleno exercício da identidade e da humanidade.

Dessa forma, a categoria sublinha a importância da aceitação de si mesmo e a necessidade de romper com as normas sociais, buscando uma vida mais autêntica e conectada.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Após uma leitura integral e detalhada das obras selecionadas, constatou-se uma discrepância entre a maneira como elas são representadas nos contextos informacionais e os temas centrais que de fato abordam. Para investigar melhor essa questão, adotou-se uma abordagem metódica que combinou a análise textual completa das obras com o levantamento das representações informacionais disponíveis em diversas fontes. Essa estratégia permitiu avaliar como as obras são categorizadas e descritas, identificando possíveis lacunas ou inconsistências na forma como seus conteúdos são apresentados ao público.

Primeiramente, examinou-se a sinopse oficial fornecida pela editora responsável pela publicação do título. Esse passo foi essencial para identificar se a própria editora, em sua sinopse, conseguiu expor o intrínseco daquela obra. Em seguida, realizou-se uma busca no acervo da Biblioteca de São Paulo, BibliOn, Fundação Biblioteca Nacional (FBN) e na livraria da Amazon com o objetivo de mapear os termos atribuídos às obras.

Para assegurar maior precisão terminológica e alinhamento com as discussões contemporâneas sobre identidade de gênero e sexualidade, propõe-se uma classificação temática fundamentada em termos selecionados de um glossário LGBTQIAP+. Esses termos foram escolhidos para representar de forma mais precisa os temas centrais abordados nas obras, garantindo que suas complexidades e especificidades sejam refletidas adequadamente.

5.1 REPRESENTAÇÃO INFORMACIONAL DE *ORLANDO*

Ao iniciar essa análise, utilizou-se a sinopse da 1ª edição de *Orlando*, publicada em 2014 pela editora Companhia das Letras, sob o selo Penguin Companhia - edição esta que foi utilizada para a leitura desta pesquisa.

Nascido no seio de uma família de boa posição em plena Inglaterra elisabetana, Orlando acorda com um corpo feminino durante uma viagem à Turquia. Como é dotado de imortalidade, sua trajetória então atravessa mais de três séculos, ultrapassando as fronteiras físicas e emocionais entre os gêneros masculino e feminino. Suas ambiguidades, temores, esperanças, reflexões - tudo é observado com inteligência e sensibilidade nesta narrativa que, publicada originalmente em 1928, permanece como uma das mais fecundas discussões sobre a sexualidade humana (Woolf, 2014).

O texto inicia reiterando sobre quem é Orlando na história e como será a trajetória do personagem:

As expressões “*acorda com um corpo feminino*” e “*ultrapassando as fronteiras físicas e emocionais entre os gêneros masculino e feminino*” indicam que a obra irá abordar temas profundos relacionados à identidade de gênero e à sexualidade. Embora o termo “acorda com um corpo feminino” possa sugerir que Orlando acordou com um corpo feminino ao seu lado, essas passagens sugerem que a obra irá abordar a questão da transição de gênero de Orlando, oferecendo um espaço para reflexões sobre questões sociais e individuais de gênero, e como elas são percebidas e vivenciadas ao longo do tempo pelo personagem.

A próxima passagem analisada evidencia a maneira sensível e reflexiva com que Woolf aborda essas questões.

O trecho “*permanece como uma das mais fecundas discussões sobre a sexualidade humana*” deixa claro, e sem espaço para equívocos, que a obra de fato se dedica a explorar questões relacionadas à sexualidade. Essa afirmação não apenas válida a presença do tema na narrativa, mas também evidencia seu impacto duradouro e ressalta sua relevância contínua como uma obra que aborda a sexualidade humana.

Diante disso, fica claro que *Orlando* é uma obra que aborda questões centrais relacionadas à identidade de gênero e sexualidade, porém, ao consultar a **catalogação na fonte** lhe é atribuído, em vez do assunto, o gênero literário: **Romance Inglês**

Para aprofundar essa análise, foi realizada uma pesquisa nos acervos da **Biblioteca de São Paulo, BibliOn e Fundação Biblioteca Nacional (FBN)**, com o intuito de identificar os termos atribuídos à obra.

No acervo da Biblioteca de São Paulo, as tags atribuídas à obra foram: **Literatura Inglesa e Romance**. No acervo BibliOn, foram encontrados os seguintes termos: **Literatura Inglesa, Romance e Século XX**. Já a FBN atribuiu à obra o termo: **Ficção Inglesa**. Essas classificações destacam uma abordagem mais ampla da obra, sem explorar diretamente os temas de identidade de gênero ou sexualidade, que são essenciais para a compreensão do livro.

Já ao consultar uma livraria online, nesse caso utilizou-se a plataforma Amazon, foram lhe atribuídos os seguintes termos para representar a obra: **Ficção clássica e Literatura e ficção**.

Ao analisar as perspectivas disponíveis, percebe-se que as fontes de informação raramente abordam os temas principais das obras de maneira direta e detalhada. Em vez disso, elas frequentemente classificam os textos apenas em termos de seus gêneros literários, como ficção, biografia ou romance histórico. Essa limitação representa uma significativa perda para aqueles que buscam explorar tópicos específicos presentes em obras como *Orlando*. A ausência de termos mais coerentes com a temática dos livros em catálogos digitais, livrarias e editoras compromete a capacidade de identificar e acessar discussões mais profundas e relevantes da narrativa.

Baseando-se nos pontos levantados anteriormente, buscou-se propor termos que melhor representem os temas centrais abordados em *Orlando*. Para essa proposta, foi utilizado o glossário elaborado pelo *The Center of Excellence on LGBTQ+ Behavioral Health Equity* (CoE LGBTQ+ BHE), que apresenta terminologias inclusivas e precisas relacionadas às questões de gênero e sexualidade.

Após a leitura integral da obra e a análise aprofundada de seus temas, foram identificados os termos apresentados no Quadro 1 como representativos dos temas tratados no livro.

Quadro 1 – Termos representativos da literatura queer identificados em *Orlando*

Atração romântica	Descreve a atração por outra pessoa de maneira romântica e íntima, como sair, namorar ou ter uma relação íntima. É diferente de atração sexual.
Bissexual	Pessoa que se sente atraída por pessoas de seu próprio gênero e também por pessoas de outros gêneros.
Expressão de gênero	Formas pelas quais uma pessoa comunica seu gênero a outras pessoas por meio de seu comportamento, vestuário, penteado, voz etc.; a expressão de gênero não é uma indicação de identidade de gênero ou orientação sexual.
Feminino	Termo utilizado para descrever a construção social e cultural específica aos comportamentos esperados pelas mulheres.
Gênero fluido	Pessoa cuja identidade de gênero pode mudar ao longo de sua vida. Pessoas de gênero fluido podem não se identificar e não se limitar aos papéis de gênero social e culturalmente esperados para elas e podem se identificar de maneira diferente dependendo da situação.
Identidade de gênero	Percepção interna de uma pessoa a respeito de seu gênero. A identidade de gênero é melhor representada como um espectro e cada pessoa pode ocupar um espaço distinto

	dentro deste espectro. Alguns termos associados à esse espectro são homem, mulher, gênero fluído, <i>queer</i> , transgênero e dois espíritos, embora esses não sejam os únicos. Algumas pessoas podem se identificar como homem e mulher, podem se identificar nem como homem nem como mulher, ou como não binários.
Masculino	Termo utilizado para descrever a construção social e cultural específica aos comportamentos esperados pelos homens.
Orientação sexual	Descreve atração emocional, romântica e/ou física por um período. É diferente de comportamento sexual.
Papel de gênero	Conjunto de normas sociais e/ou culturais que determinam as atitudes e condutas esperados de uma pessoa com base em seu sexo real ou percebido.
Transgênero	Termo para pessoas cuja identidade de gênero e/ou expressão de gênero difere do que é tipicamente associado ao sexo atribuído a elas no nascimento. Pessoas sob o termo transgênero podem descrever sua identidade de gênero usando um ou mais termos - incluindo, mas não se limitando ao termo transgênero. O termo "trans" é usado como uma abreviação.

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

A inclusão desses termos na catalogação e representação da obra facilitaria a identificação de seu conteúdo central. Eles capturam as nuances e complexidades temáticas que definem *Orlando*, indo além das classificações genéricas baseadas em gênero literário. Essa abordagem evidenciaria aos leitores e pesquisadores que o livro aborda questões de identidade, expressão e orientação sexual de forma direta, promovendo maior acessibilidade a obras com essa temática, enriquecendo e garantindo a visibilidade da literatura queer em contextos informacionais.

Esses termos, retirados do glossário do *The Center of Excellence on LGBTQ+ Behavioral Health Equity* (CoE LGBTQ+ BHE), não apenas capturam a essência das questões tratadas no livro, mas também colocam *Orlando* em um contexto literário que é diretamente relevante para as discussões contemporâneas sobre gênero e sexualidade.

5.2 REPRESENTAÇÃO INFORMACIONAL DE O QUARTO DE GIOVANNI

A obra escolhida se trata da 1ª edição publicada pela Companhia das Letras da obra *O Quarto de Giovanni*, lançada em 2018. A sinopse utilizada foi retirada diretamente do site da editora, ela se encontra também na obra física.

Com pinceladas autobiográficas, o livro trata de uma relação bissexual ao acompanhar David, um jovem americano em Paris à espera de sua namorada, Hella, que por sua vez está na Espanha. Enquanto ela pondera se deve ou não se casar com David, ele conhece Giovanni, um garçom italiano por quem se apaixona. Se em “O sol também se levanta” Ernest Hemingway retrata um grupo de americanos em uma Paris boêmia e fervilhante, *O Quarto de Giovanni* explora, na mesma cidade, as agruras de personagens que enfrentam o vazio existencial ao perceber a fragilidade dos laços e as frustrações de seus desejos. (Baldwin, 2018).

A sinopse de *O Quarto de Giovanni* destaca as principais temáticas e configurações do romance de James Baldwin, sugerindo sua profundidade emocional e cultural. Quando ela menciona “*a fragilidade dos laços e as frustrações de seus desejos*”, é um elemento central que revela como Baldwin aborda as pressões sociais e morais que moldam as escolhas de seus personagens.

A frase “*uma relação bissexual*” explicita diretamente a presença desse tema central na obra. Ela posiciona o leitor diante de uma narrativa que explora a fluidez das relações afetivas e sexuais, desafiando as normas heteronormativas.

Outro ponto relevante é a menção ao conflito de David, descrito como “*um jovem americano em Paris à espera de sua namorada, Hella, que por sua vez está na Espanha*”. A relação heterossexual com Hella, contraposta à sua paixão por Giovanni, sublinha o conflito interno de David, que enfrenta as pressões de um mundo que privilegia relações convencionais enquanto lida com seus próprios desejos.

Já na frase “*as agruras de personagens que enfrentam o vazio existencial ao perceber a fragilidade dos laços e as frustrações de seus desejos*” pode ser lida como uma referência indireta às dificuldades enfrentadas por pessoas LGBTQIAP+ em sociedades que marginalizam suas identidades. Isso reflete as barreiras sociais e emocionais que dificultam a aceitação plena de si mesmo e a busca por relacionamentos autênticos.

Essa análise primária permitiu estabelecer que a sinopse deixa evidente que há a obra retratada a sexualidade de David e os dilemas enfrentados pelas pessoas da comunidade LGBTQIAP+ no contexto da obra. Porém ao consultar catalogação na

fonte, foi identificado o seguinte termo: **Ficção norte-americana**. Como identificado em Orlando, esse termo se refere ao gênero literário da obra, e não o assunto dela em si.

A busca nos acervos da **Biblioteca de São Paulo e Fundação Biblioteca Nacional (FBN)**, resultou, respectivamente, nos seguintes termos classificados: **Literatura norte-americana, Ficção, Romance e Bissexualidade; Ficção americana**. Consultou-se também no acervo **BibliOn**, porém nenhuma referência à obra procurada foi recuperada.

Na plataforma de vendas Amazon, os seguintes termos foram identificados para a obra *O Quarto de Giovanni*: **Gay Literatura e Ficção, LGBTQ+ e Ficção Literária Literatura e Ficção**.

Ao analisar esses resultados, nota-se que a obra apresenta termos mais alinhadas ao seu conteúdo em comparação com *Orlando*. No entanto, a ficha catalográfica da obra, que é a principal fonte de informação para consulta bibliográfica, ainda traz classificações de assuntos que não capturam totalmente os temas centrais da narrativa. Isso reflete uma lacuna na precisão das descrições temáticas, comprometendo a acessibilidade e a compreensão do público quanto à profundidade das discussões abordadas no texto.

A classificação de termos para *O Quarto de Giovanni* pode ser considerada mais precisa, possivelmente devido à obra ser relativamente mais recente em comparação a *Orlando*. Além disso, o reconhecimento de James Baldwin como um autor que frequentemente incorpora suas experiências como homem gay em suas narrativas contribui para a percepção mais alinhada com os temas centrais do livro. A sinopse fornecida pela editora também desempenha um papel importante, pois destaca elementos essenciais da obra, facilitando a identificação de termos que melhor representam seu conteúdo.

Porém, após a leitura da obra completa, é cabível de se propor outros termos que também são relevantes para o entendimento dos assuntos abordados na obra. Utilizando o glossário criado pelo *The Center of Excellence on LGBTQ+ Behavioral Health Equity* (CoE LGBTQ+ BHE, o Quadro 2 apresenta os termos.

Quadro 2 – Termos representativos da literatura queer identificados em *O Quarto de Giovanni*

Bissexual	Pessoa que se sente atraída por pessoas de seu próprio gênero e também por pessoas de outros gêneros.
Gay	Termo usado para descrever um homem que se sente atraído por outros homens. Também pode ser usado por pessoas de qualquer gênero que se sentem atraídas por pessoas do mesmo gênero
Identidade de gênero	Percepção interna de uma pessoa a respeito de seu gênero. A identidade de gênero é melhor representada como um espectro e cada pessoa pode ocupar um espaço distinto dentro deste espectro. Alguns termos associados à esse espectro são homem, mulher, gênero fluído, <i>queer</i> , transgênero e dois espíritos, embora esses não sejam os únicos. Algumas pessoas podem se identificar como homem e mulher, podem se identificar nem como homem nem como mulher, ou como não binários
Heterossexismo	Presunção de que todas as pessoas são ou deveriam ser heterossexuais e que a heterossexualidade é superior e é a sexualidade preferida.
Homossexual	Sentimento romântico, emocional e/ou de atração sexual por pessoas do mesmo gênero com as quais uma pessoa se identifica. Este termo é considerado estigmatizante por muitos por ter sido categorizado como uma doença mental no passado. Não é recomendado que se dirija a uma pessoa dessa forma, a menos que a pessoa se identifique como tal.
Masculino	Termo utilizado para descrever a construção social e cultural específica aos comportamentos esperados pelos homens.
Orientação sexual	Descreve atração emocional, romântica e/ou física por um período. É diferente de comportamento sexual.
Papel de gênero	Conjunto de normas sociais e/ou culturais que determinam as atitudes e condutas esperados de uma pessoa com base em seu sexo real ou percebido
Privilégio heterossexual	Os privilégios que pessoas heterossexuais experimentam por causa da heteronormatividade. Ser heterossexual proporciona privilégios que podem ser explícitos ou implícitos, como o direito de casar, adotar filhos, não ser discriminado ao trabalhar, etc.

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

A inclusão de termos propostos, como *"gay"*, *"bissexualidade"*, *"identidade de gênero"*, *"heterossexismo"*, entre outros, reflete a riqueza das experiências e conflitos narrados na obra. Esses termos não apenas capturam a essência temática do livro, mas também posicionam a obra como uma referência significativa dentro da literatura LGBTQIA+.

Ao propor esses novos termos, a categorização do livro deixa de ser limitada por generalizações, como *"ficção americana"* ou *"romance"*, e passa a incluir temas fundamentais para a narrativa, permitindo que leitores interessados em questões de gênero, sexualidade e identidades queer identifiquem a obra com maior facilidade. Essa adaptação também amplia o potencial do livro como ferramenta educativa e reflexiva, conectando-o diretamente às discussões contemporâneas sobre diversidade e inclusão.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho explorou duas obras de grande relevância para a literatura queer: *Orlando*, de Virginia Woolf, e *O Quarto de Giovanni*, de James Baldwin. Essas narrativas, além de suas qualidades literárias excepcionais, desempenham um papel essencial ao abordar questões de identidade de gênero e sexualidade em contextos históricos marcados pela marginalização das comunidades LGBTQIAP+. Ao abordar temas como fluidez de gênero, orientação sexual, masculinidade e as complexas dinâmicas de afeto e aceitação, essas obras reafirmam sua importância como instrumentos de resistência e expressão em uma sociedade que, por muito tempo, invisibilizou essas narrativas.

A relevância dessas obras para a comunidade LGBTQIAP+ ressalta a necessidade de uma representação mais adequada nos ambientes informacionais. Quando essa representação não é realizada de forma apropriada há o risco de usuários interessados nesses livros enfrentarem dificuldades para encontrá-los ou explorarem plenamente seus temas. Isso compromete o acesso a narrativas essenciais que não apenas refletem experiências importantes, mas também promovem maior visibilidade e inclusão no âmbito informacional.

Além disso, as análises conduzidas demonstraram que tanto Woolf quanto Baldwin não apenas desafiaram as normas literárias e sociais de suas épocas, mas também abriram caminhos para debates mais amplos sobre a experiência humana em sua diversidade. Suas obras continuam a ser fontes poderosas de reflexão e inspiração, destacando a literatura como um espaço de resistência e afirmação.

A pesquisa revelou que a forma que obras literárias são classificadas centra-se no gênero literário e não pautam questões essenciais vinculadas ao conteúdo temático. Embora as duas obras abordem temáticas LGBTQIAP+ de maneira rica e multifacetada, os termos adotados nos sistemas informacionais frequentemente negligenciam ou simplificam essas complexidades. Os gêneros literários como "Ficção americana" e "Romance" predominam, enquanto temas cruciais como "identidade de gênero", "bissexualidade" e "expressão de gênero" são, muitas vezes, deixados de lado, mesmo que estes sejam os termos mais adequados para representar os assuntos dessas obras.

Essa lacuna evidencia a necessidade urgente de maior atenção ao modo como essas obras são representadas em ambientes informacionais, assegurando uma

representação mais fiel e inclusiva de obras literárias. A adoção de abordagens mais sensíveis e atualizadas nas representações de conteúdo não só corrige inadequações, mas também desempenha um papel fundamental na ampliação da visibilidade da literatura queer. Além disso, ao facilitar o acesso a essas obras, permitimos que mais leitores entrem em contato com histórias que abordam questões de identidade, gênero e sexualidade, promovendo maior empatia, diversidade e inclusão na sociedade como um todo.

Este trabalho teve como objetivo identificar formas de dar visibilidade à literatura queer, propondo novos termos com base em um glossário especializado em termos LGBTQIAP+. A intenção foi evidenciar a importância de utilizar uma terminologia precisa e atualizada para representar de maneira adequada o conteúdo dessas obras. Ao empregar termos mais apropriados, o acesso dos usuários ao conteúdo se torna mais eficaz e direcionado. Além de enriquecer a experiência informacional, essa abordagem amplia o acesso a essas narrativas, permitindo que o público interessado em discutir questões LGBTQIAP+ encontre materiais relevantes para suas pesquisas e leituras.

A Ciência da Informação, enquanto ciência social aplicada, ainda tem um longo caminho a percorrer no que se refere à inclusão e à representatividade de literatura fictícia nos sistemas informacionais. Como contribuição social, este trabalho visa fomentar discussões sobre a representatividade nos sistemas de informação e incentivar a inclusão de temas queer nas práticas bibliotecárias e editoriais. Reconhecer a importância dessas narrativas e garantir sua visibilidade são passos cruciais para promover uma sociedade mais equitativa e consciente das múltiplas identidades que a constituem.

Dessa forma, reforça-se a necessidade de aprimorar as práticas de representação informacional, facilitando o acesso de leitores a conteúdos que se conectem com suas experiências e interesses. Esse esforço busca garantir que as trajetórias e lutas da comunidade LGBTQIAP+ sigam inspirando novos públicos a conhecer essas narrativas, mantendo assim a voz da comunidade viva e ativa.

Quantas pessoas LGBTQIAP+ precisam silenciar sua própria luz em prol de poder estar em algum espaço? [...] Nós somos incríveis. Nosso amor é foda. Nosso afeto é belo [...] Não há mais espaço no armário para que a gente se esconda. (Grossos, 2023, p. 8).

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Daniela Pereira dos Reis de *et. al.* Paradigmas contemporâneos da Ciência da Informação: a recuperação da informação como ponto focal. **Informação e Cognição**, Marília, v. 6, n. 1, p. 16-27, 2007. Disponível em: <https://brapci.inf.br/#/v/142968>. Acesso em: 07 jan. 2024.
- ANCIB. **Coordenações e ementas de GT**. [2024?]. Disponível em: <https://ancib.org/coordenacoes-e-ementas-de-gt/>. Acesso em: 01 maio 2024.
- ANDRADE, Diogo Roberto da Silva; ALVES, Ana Paula Meneses; SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da. O conhecimento alternativo da Biblioteca Universal Guei contra a injustiça epistêmica na literatura brasileira. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 52 n. 1, p.104-114, jan./abr. 2023a. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/6095/6259>. Acesso em: 21 jun. 2024.
- ANDRADE, Diogo Roberto da Silva; ALVES, Ana Paula Meneses; SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da. O gesto bibliográfico LGBTQIA+ e a construção anti-epistemicida. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 23., 2023, Aracaju. **Anais [...]**. Aracaju: UFS, 2023b. Disponível em: <https://www.ancib.org.br/enancib/index.php/enancib/xxxiiienancib/paper/view/1485/1127>. Acesso em: 02 jul. 2024.
- BALWIN, James. **O quarto de Giovanni**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARKER, Meg-John; SCHEELE, Julia. **Queer**: uma historia gráfica. Santa Cruz de Tenerife: Melusina, 2017.
- BAUM, Gabriel Matheus Bernard. **O fruto proibido das bibliotecas**: literatura de temática LGBTQIA+ nas unidades de informação públicas e escolares. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/234816/001136484.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 28 maio 2024.
- BEZERRA, Paulo Rogério Bentes. Homoerotismo e interseccionalidade em another country e e just above my head, de James Baldwin. **Humanidades e inovação**, Palmas, v. 8, n. 58, p. 294-308, 2022. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/5498/3482>. Acesso em: 20 jun. 2024.
- BIASIOLI, Mariana Maria; ZAFALON, Zaira Regina. O domínio LGBTQ+ nas pesquisas da área de Ciência da Informação. *In*: SEMINÁRIO INFORMAÇÃO, INOVAÇÃO E SOCIEDADE, 2018, São Carlos. **Anais [...]**. São Carlos: UFSCar, 2018. Disponível em: <https://www.telescopium.ufscar.br/index.php/i-siis/siis/paper/view/187/148>. Acesso em: 01 maio 2024.

BRAGA JÚNIOR, Luiz Fernando Lima. **Caio Fernando Abreu: narrativa e homoerotismo**. 2006. Tese (Pós-graduação em Estudos Literários) - Faculdade de Letras, Universidade federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ALDR-6VYHZR/1/tese_luiz_fernando.pdf. Acesso em: 02 abr. 2024.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAPURRO, Rafael. **Epistemologia e Ciência da Informação**. 2003. Disponível em: https://www.capurro.de/enancib_p.htm. Acesso em: 14 maio 2024.

CARVALHO, Lílian Pereira de. **Os indícios de pré-discursos na construção de narrativas sobre os grupos minoritários**. 2023. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/items/1a32c20d-763f-4940-9b4f-01887f7ff47b>. Acesso em: 25 jan. 2025.

CARVALHO NETO, José Pedro de; FERREIRA, Élide Paulina. Espaço biográfico, autobiografia e gênero: ampliando fronteiras com Orlando: uma biografia, de Virginia Woolf. **Acta scientiarum: language and culture**, Maringá, v. 42, n. 2, p. 1-11, jul. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/53263/751375150411>. Acesso em: 10 maio 2024.

CASTRO, Susana de. Questões de raça e colonialidade em O quarto de Giovanni, de James Baldwin. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 1-7, jan./dez. 2022. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/letronica/article/view/42944/27877>. Acesso em: 13 jun. 2024.

THE CENTER OF EXCELLENCE ON LGBTQ+ BEHAVIORAL HEALTH EQUITY (CoE LGBTQ+ BHE). **Orientação sexual, identidade e expressão de gênero: glossário de termos**. [S. l.]: CoE LGBTQ+ BHE, [202?]. Disponível em: <https://lgbtquequity.org/wp-content/uploads/2022/05/CoE-Glossary-Portuguese.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2025.

CURY, Miguel Henrique. **A literatura homoafetiva infantil no acervo de bibliotecas escolares: a percepção de bibliotecários**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2022. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/253839/001157456.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 28 maio 2024.

DRISKO, James W.; MASCHI, Tina. **Content analysis**. New York: Oxford University, 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES FILHO, Antoniel Dos Santos Gomes; MELO, Miguel Ânelo Silva. Análise histórica do movimento LGBT mundial: do movimento homófilo a liberação gay nos

estados unidos. *In*: COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES, 10., 2014, Campina Grande. **Anais [...]** Campina Grande: Realize Editora, 2014. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/5686>. Acesso em: 20 maio 2024.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, María Néida. Desafios contemporâneos da ciência da informação: as questões éticas da informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 10., 2009, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa: UFPB, 2009. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/313>. Acesso em: 01 maio 2024.

GROSSOS, Vinicius. **Uma canção de amor e ódio**. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 2023.

JAMES, Elizabeth. The origins of the gay liberation movement. **Student Showcase**, Anchorage, v. 21, p. 23-53, 2005. Disponível em: <https://scholarworks.alaska.edu/bitstream/handle/11122/2744/Showcase%20Journal%202005%20OCR.pdf?sequence=3&isAllowed=y>. Acesso em: 14 abr. 2024.

LIBRARY OF CONGRESS. **LGBTQIA+ studies**: a resource guide. Washington: Library of Congress, 2019. Disponível em: <https://guides.loc.gov/lgbtq-studies>. Acesso em: 09 abr. 2024.

LUGARINHO, Mario César. Como traduzir a teoria Queer para a Língua Portuguesa. **Revista Gênero**, Niterói, v. 1, n. 1, p. 36-46, fev. 2013. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31116>. Acesso em: 08 abr. 2024.

MARTINS, Carlos Wellington Soares. A cada LGBTI+ o seu livro? Identidade de gênero e sexualidade na biblioteconomia brasileira. **Revista Informação na Sociedade Contemporânea**, São Luís, v. 6, n. 1, p. 1-26, 2022. DOI: 10.21680/2447-0198.2022v6n0ID27728. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/informacao/article/view/27728>. Acesso em: 06 maio 2024.

MENDONÇA, Gabriela Alves Brandão de. **Importância da literatura contemporânea de temática LGBT para a educação**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) - Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/22566>. Acesso em: 06 jun. 2024.

MOLINA, Luana Pagano Peres; ANDRADE, Lucas de Melo; SILVA, Pedro Arthur Passos da. Rudolf Brazda e o Parágrafo 175: a luta de um prisioneiro homossexual nos campos de concentração. **Antíteses**, Paraná, v. 11, n. 22, p. 709-726, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/1933/193358862016/html/>. Acesso em: 06 maio 2024.

MORALES, Ana Isabel Guzmán. Gerda Wegener y Lili Elbe: dos chicas danesas. **Cad. Pagú**, Granada, n. 65, p. 1-12, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/4WF9SnNrsdsRcsL8jkGvp8h/?format=pdf&lang=es>. Acesso em: 06 maio 2024.

MORI, George de Santana. Queer, identidade e masculinidade em Giovanni, de James Baldwin. **Albuquerque**: revista de história, Cuiabá, v. 7, n. 14, p. 47-64, dez.

2015. DOI <https://doi.org/10.46401/ajh.2015.v7.2970>. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/AlbRHis/article/view/2970/2392>. Acesso em: 01 abr. 2024.

MOSSO, Erick Faria. Reflexões preliminares sobre comunidade LGBTQIA+ e teoria queer nos estudos informacionais. **Revista Edicic**, San José, v. 2, n. 4, p. 1-19, 2022. Disponível em: <https://ojs.edicic.org/revistaedicic/article/download/147/179/726>. Acesso em: 12 maio 2024.

NODARI, Rosa Natália. **Entre a teoria queer e a literatura queer**: um estudo em contos brasileiros contemporâneos. 2019. Dissertação (Mestrado em Literatura de Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2019. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10316/89818>. Acesso em: 01 abr. 2024.

OLIVEIRA, Geovana Quinalha de; MARKENDORF, Marcio. Ficções queer brasileiras: anotações para um dossiê. **Anuário de Literatura**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 13–21, 2020. DOI: 10.5007/2175-7917.2020v25n1p13. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2020v25n1p13>. Acesso em: 05 jun. 2024.

PEREIRA, Ana Catarina Pereira; TAUNAY, Alfredo. Melancolia queer: o masculino e o feminino como construções cinematográficas temporais. **Textura**, Canoas, v. 18, n. 38, p. 67-84, set./dez. 2016. Disponível: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/2228/1939>. Acesso em: 12 abr. 2024.

PINTO JUNIOR, Abraão Muniz; SANTOS NETO, João Arlindo dos. Estudos de gênero na ciência da informação com foco na comunidade LGBTQIAPN+. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 23., 2023, Aracaju. **Anais [...]**. Aracaju: UFS, 2023. Disponível em: <https://ancib.org/enancib/index.php/enancib/xxxiiienancib/paper/view/1493>. Acesso em: 03 jun. 2024.

QUINALHA, Renan. **Movimento LGBTI uma breve história do século XIX aos nossos dias**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

RESENDE, Marcelo Branquinho Massucatto. **De Orlando a Orlanda**: performances trans na literatura do século XX. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-graduação em Estudos Literários) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstreams/2861fbf8-7315-42de-af6c-8382eb664a4a/download>. Acesso em: 03 maio 2024.

SANFELICE, Aline de Mello. Virginia Woolf e a distinção entre sexo e gênero na obra Orlando: uma biografia. **Norteamentos**, Sinop, v. 2, n. 3, p. 43-50, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/norteamentos/article/view/6788/5188>. Acesso em: 16 abr. 2024.

SANTANA, Sergio Rodrigues de *et al.* Informação gênero-sexualidade: um estudo teórico, prático e epistêmico no âmbito das políticas de indexação. **Folha De Rosto**, [s. l.], v. 6, n. 3, p. 78-96, set./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/564/502>. Acesso em: 06 de abr. 2024.

SANTOS, Raimundo Nonato Ribeiro dos; LIMA, Gláucio Barreto de; FREIRE, Isa Maria. Interfaces sociais da Ciência da Informação: competência em informação por pessoas LGBTI+. In: FARIAS, Gabriela Belmont de; FARIAS, Maria Giovanna Guedes (org.). **Competência e Mediação da Informação**: percepções dialógicas entre ambientes abertos e científicos. São Paulo: Abecin, 2019. Disponível em: <https://portal.abecin.org.br/editora/article/view/218/193>. Acesso em: 12 maio 2024.

SANTOS, Raimundo Nonato Ribeiro dos; TARGINO, Maria das Graças; FREIRE, Isa Maria. A temática diversidade sexual na Ciência da Informação: a perspectiva da responsabilidade social. **Rebecin**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 114-135, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://portal.abecin.org.br/rebecin/article/view/57>. Acesso em: 16 maio 2024.

SARACEVIC, T. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**: Belo Horizonte, v. 1, n. 1, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22308>. Acesso em: 16 maio 2024.

SILVA, Bianca Neves Borges da. **Uma criança como outra qualquer? A criança transexual em diálogo com a Teoria Queer**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação do Centro de Educação e Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/items/15ea287b-306b-415f-8f4d-d74b4705122b>. Acesso em: 25 jan. 2025.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos da pesquisa**, Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009. p. 31-42.

WOOLF, Virginia; SACKVILLE-WEST, Vita. **Cartas de Amor**. São Paulo: Morro Branco, 2023.

WOOLF, Virginia. **Orlando**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ZAULI, Amanda *et al.* **Reflexões sobre diversidade e gênero**. Brasília: Centro de Documentação e Informação: Edições Câmara, 2015. (Série Ações Cidadania, n. 19). Disponível em: <https://bd.camara.leg.br/bd/bitstreams/7b4068bb-f07d-403a-be33-ef9b88bc8491/download>. Acesso em: 22 jun. 2024.

ANEXO A



Orientação Sexual, Identidade e Expressão de Gênero: Glossário de termos

O Centro de Excelência sobre Equidade em Saúde Mental e Abuso de Substâncias LGBTQ+ (CoE LGBTQ+ BHE, sua sigla em inglês) criou este glossário de termos relacionados à Orientação Sexual, Identidade e Expressão de Gênero (SOGIE, sua sigla em inglês) como um recurso para os profissionais de saúde mental e abuso de substâncias entenderem melhor a terminologia utilizada dentro da comunidade LGBTQ+. Esta lista não é exaustiva e para ampliar a base de seu conhecimento sobre esse tema, recomendamos que você assista aos nossos *webinars*: Orientação Sexual & Saúde Comportamental 101 e Identidade de Gênero, Expressão & Saúde Mental e Abuso de Substâncias 101, disponíveis em: <https://lgbtqequity.org/learn/>. Por favor saiba que as pessoas usam os termos de maneiras diferentes e a melhor prática é sempre honrar a linguagem que uma pessoa usa para identificar-se.

Agênero (Agender): Pessoa que não se identifica com nenhum gênero em particular ou que se identifica sem gênero.

Aliado/Aliada/Aliade (Ally): Pessoa ou organização que ativamente alinha e usa seus recursos para ajudar pessoas e comunidades com problemas específicos. Aqui, uma pessoa que abertamente ajuda e defende os direitos e a dignidade das pessoas com SOGIEs diversas pode ser considerado um aliado/aliada/aliade.

Aliança Gay-Hetero/Aliança Gênero-Sexualidade (Gay-Straight Alliance/Gender Sexuality Alliance) (GSA sua sigla em inglês): Organização formal de pessoas LGBTQ+ e heterossexuais e/ou cisgêneros em apoio à dignidade e aos direitos das pessoas LGBTQ+, geralmente desenvolvida para criar mudanças em instituições ou ambientes educacionais.

Amor pelo mesmo gênero (Same gender loving) (SGL sua sigla em inglês): Termo criado pela comunidade SOGIE negra e afroamericana e usado por algumas pessoas de cor que associam os termos "gay" e "lésbica" à pessoas brancas.

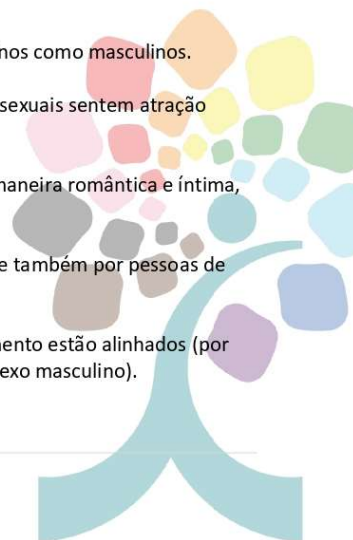
Andrógino (Androgynous): Expressão de gênero que possui tanto elementos femininos como masculinos.

Asexual (Asexual): Pessoa que não tem atração ou desejo sexual. Muitas pessoas assexuais sentem atração romântica e se envolvem em relacionamentos românticos.

Atração romântica (Romantic attraction): Descreve a atração por outra pessoa de maneira romântica e íntima, como sair, namorar ou ter uma relação íntima. É diferente de atração sexual.

Bisexual (Bisexual): Pessoa que se sente atraída por pessoas de seu próprio gênero e também por pessoas de outros gêneros.

Cisgênero (Cisgender): Pessoa cuja identidade de gênero e sexo atribuído no nascimento estão alinhados (por exemplo, uma pessoa se identifica como homem e foi identificada ao nascer como sexo masculino).





Discriminação anti-gay (Anti-gay bias): Ódio, discriminação ou aversão à pessoas lésbicas, gays e bissexuais (LGB), pessoas percebidas como LGB ou àquelas pessoas associadas à elas. Também conhecido como "homofobia".

Discriminação anti-transgênero (Anti-transgender bias): Ódio, discriminação ou aversão a pessoas transgênero, pessoas gênero fluido ou diverso, pessoas percebidas como tal, ou pessoas associadas a pessoas transgênero, de gênero fluido ou diverso. Também conhecido como transfobia.

Dois Espíritos ou espíritos-duplos (Two-Spirit): Termo usado por alguns membros da comunidade nativa americana para reconhecer pessoas que possuem qualidades para desempenhar papéis de ambos os gêneros; comumente considerado parte homem e parte mulher ou referenciados como pacificadores, curandeiros ou xamãs. Dependendo da tribo a que pertencem, a definição pode variar. Algumas tribos podem considerar os Dois Espíritos ou espíritos-duplos como SOGIEs diversas e outras tribos não reconhecem o termo.

Drag queen/drag king: Pessoa que se veste e atua como uma pessoa de outro gênero com o propósito de entretenimento. Frequentemente, a pessoa incorpora uma versão teatral ou exagerada de masculinidade ou feminilidade; pessoas que performam dessa maneira não necessariamente se identificam como transgênero.

Expressão de gênero (Gender expression): Formas pelas quais uma pessoa comunica seu gênero a outras pessoas por meio de seu comportamento, vestuário, penteado, voz, etc.; a expressão de gênero não é uma indicação de identidade de gênero ou orientação sexual.

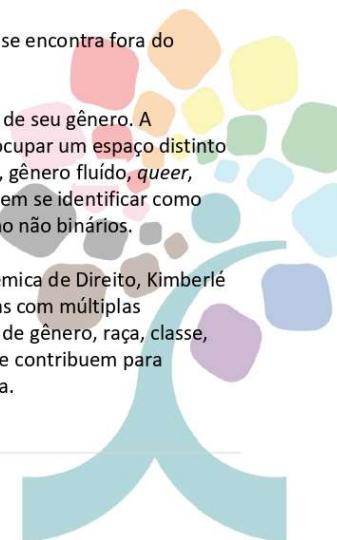
Feminino (Feminine): Termo utilizado para descrever a construção social e cultural específica aos comportamentos esperados pelas mulheres.

Gay: Termo usado para descrever um homem que se sente atraído por outros homens. Também pode ser usado por pessoas de qualquer gênero que se sentem atraídas por pessoas do mesmo gênero.

Genderqueer/Gender Queer: Termo que descreve pessoas cuja identidade de gênero se encontra fora do binário e da cis-normatividade de gênero (homem e mulher).

Identidade de gênero (Gender identity): Percepção interna de uma pessoa a respeito de seu gênero. A identidade de gênero é melhor representada como um espectro e cada pessoa pode ocupar um espaço distinto dentro deste espectro. Alguns termos associados à esse espectro são homem, mulher, gênero fluido, *queer*, transgênero e dois espíritos, embora esses não sejam os únicos. Algumas pessoas podem se identificar como homem e mulher, podem se identificar nem como homem nem como mulher, ou como não binários.

Interseccionalidade (Intersectionality): Termo cunhado em 1989 pela ativista e acadêmica de Direito, Kimberlé Crenshaw para descrever os tipos de opressão e discriminação vivenciados por pessoas com múltiplas identidades que têm sido comumente marginalizadas em categorias como identidade de gênero, raça, classe, deficiência ou orientação sexual. Esses sistemas de opressão em conjunto, interagem e contribuem para múltiplas formas de discriminação e contribuem para a desigualdade social sistemática.





Intersexualidade (Intersex): Termo usado para descrever variações das características sexuais. Isso pode incluir cromossomos mistos, elementos dos sistemas reprodutivos masculino e feminino ou órgãos genitais que não se identificam claramente no nascimento como homem ou mulher. Por exemplo, um bebê que nasce com vagina e testículos.

Gênero fluido (Gender fluid): Pessoa cuja identidade de gênero pode mudar ao longo de sua vida. Pessoas de gênero fluido podem não se identificar e não se limitar aos papéis de gênero social e culturalmente esperados para elas e podem se identificar de maneira diferente dependendo da situação.

Gênero neutro (Gender neutral): Qualquer objeto, vestuário, estilo, atividade ou espaço que a sociedade ou cultura considere apropriado para qualquer pessoa, independentemente de gênero. Qualquer coisa que não carregue associações particulares com algum gênero.

Heterossexismo (Heterosexism): Presunção de que todas as pessoas são ou deveriam ser heterossexuais e que a heterossexualidade é superior e é a sexualidade preferida.

Heterossexual (Heterosexual): Sentimento romântico, emocional e/ou de atração sexual por pessoa (s) do gênero oposto com a qual a pessoa se identifica.

Homossexual (Homosexual): Sentimento romântico, emocional e/ou de atração sexual por pessoas do mesmo gênero com as quais uma pessoa se identifica. Este termo é considerado estigmatizante por muitos por ter sido categorizado como uma doença mental no passado. Não é recomendado que se dirija a uma pessoa dessa forma, a menos que a pessoa se identifique como tal.

Lesbica (Lesbian): Termo usado para descrever uma mulher que se sente atraída emocional e sexualmente por outras mulheres.

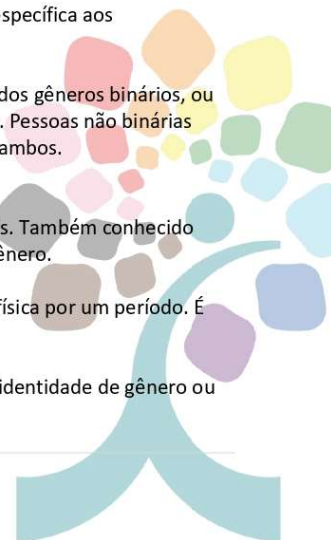
Masculino (Masculine): Termo utilizado para descrever a construção social e cultural específica aos comportamentos esperados pelos homens.

Não binários (Nonbinary): Termo utilizado para descrever identidades de gênero fora dos gêneros binários, ou seja, que não se identificam exclusivamente como menino/menina ou homem/mulher. Pessoas não binárias podem ter mais de um gênero, podem não se identificar com nenhum gênero ou com ambos.

Não-conformidade de gênero (Gender nonconformity): Expressão de gênero e/ou identificação de gênero cujas características diferem das expectativas sociais e culturais. Também conhecido como gênero variante, variação de gênero, diversidade de gênero ou criatividade de gênero.

Orientação sexual (Sexual orientation): Descreve atração emocional, romântica e/ou física por um período. É diferente de comportamento sexual.

Pansexual: Pessoa que se sente atraída por pessoas independentemente de seu sexo, identidade de gênero ou gênero.





Papel de gênero (Gender Role): Conjunto de normas sociais e/ou culturais que determinam as atitudes e condutas esperados de uma pessoa com base em seu sexo real ou percebido.

Privilégio cisgênero (Cisgender privilege): Os privilégios implícitos e explícitos que as pessoas cisgênero exercem. Esses privilégios incluem, mas não estão limitados a capacidade de usar banheiros públicos sem medo de abuso verbal, intimidação física ou prisão. Os privilégios também incluem não receber perguntas (muitas vezes feitas por estranhos) sobre sua anatomia e não ter gênero confundido. Pessoas cisgênero também desfrutam de uma “validação” presumida como homem/mulher/pessoa e essa validação não é baseada na realização de procedimentos cirúrgicos ou em quão bem alguém se “passa” como homem/mulher/pessoa, etc.

Privilégio heterossexual (Heterosexual privilege): Os privilégios que pessoas heterossexuais experimentam por causa da heteronormatividade. Ser heterossexual proporciona privilégios que podem ser explícitos ou implícitos, como o direito de casar, adotar filhos, não ser discriminado ao trabalhar, etc.

Queer: Historicamente, uma palavra informal pejorativa usada para identificar pessoas com SOGIEs diversas. Hoje, a palavra *queer* tem sido reivindicada como um símbolo de orgulho e representa todas as pessoas que diferem das normas comuns de gênero e orientação sexual. Não é aceitável que alguém que não seja SOGIE use a palavra *queer*, a menos que a pessoa solicite explicitamente que prefira ser chamada dessa forma.

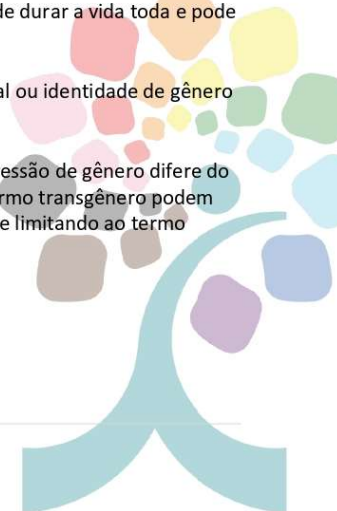
Questionamento (Questioning): Descreve uma pessoa que não tem certeza de sua orientação sexual ou identidade de gênero e que está em processo de exploração e/ou descoberta.

"Saída do armário" (Out): Reconhecer abertamente e de forma voluntária a orientação sexual e/ou identidade de gênero de alguém; pode ser parcial, isto é, falar abertamente para algumas pessoas e não para outras.

"Sair do armário" (coming out): Processo de reconhecer a orientação sexual ou identidade de gênero de uma pessoa e expressá-la para si mesma e/ou para outras pessoas. Existe uma crença de que uma pessoa sai do armário apenas uma vez na vida, mas este pensamento é incorreto. Este processo pode durar a vida toda e pode inclusive ser um processo vivido diariamente.

"Tirar do armário" (Outed): Revelar acidental ou intencionalmente a orientação sexual ou identidade de gênero de uma pessoa (geralmente sem sua permissão).

Transgênero (Transgender): Termo para pessoas cuja identidade de gênero e/ou expressão de gênero difere do que é tipicamente associado ao sexo atribuído a elas no nascimento. Pessoas sob o termo transgênero podem descrever sua identidade de gênero usando um ou mais termos - incluindo, mas não se limitando ao termo transgênero. O termo "trans" é usado como uma abreviação.





Transição (Transition): Termo que descreve o processo de mudança de um sexo ou gênero para outro. A transição pode incluir processos pessoais, médicos e/ou jurídicos, como informar a família, colegas de trabalho; usar um nome e pronomes diferentes; vestir-se de maneira diferente, mudar o nome ou sexo em documentos legais; terapias hormonais e às vezes também cirurgias. As etapas de uma transição variam de acordo com a pessoa que realiza o processo.

Travestismo (Cross dress): Usar roupas frequentemente associadas a pessoas de outro gênero (de acordo com os padrões de cultura e momento histórico de quem as pratica).

Sexismo (Sexism): Discriminação e tratamento injusto com base no sexo ou gênero sob o qual os homens geralmente recebem uma vantagem sobre as mulheres.

Sexo atribuído ao Nascimento (Sex assigned at birth): Sexo (feminino ou masculino) atribuído a uma pessoa por um médico no nascimento, geralmente com base na anatomia externa. As designações incluem homens, mulheres, feminino, masculino ou intersexo.

SOGIE diversa (Diverse SOGIE): Termo mais abrangente para descrever todas as pessoas que têm diversas orientações sexuais, identidades de gênero e/ou expressão de gênero (SOGIE). *Em português, o termo ainda não foi adotado.*





Referências

As definições neste glossário foram adaptadas das seguintes fontes:

A Trans Vocabulary Lesson. (n.d.). *Campaign for Southern Equality*. Retrieved from: <https://southernequality.org/trans-vocabulary-lesson/>

Agender. (2017). *Gender Wiki*. Retrieved from: <http://gender.wikia.com/wiki/Agender>

California Safe Schools Coalition. (2016). Glossary of key terms. In *Safe Schools Resource Guide*. Retrieved from: <http://www.casafeschools.org/resourceguide/glossary.html>

Elze, D. & McHaelen, R. (2009). *Moving the margin: Curriculum guide for child welfare services with lesbian, gay, bisexual, transgender, and questioning youth in out-of-home-care*. Washington, D.C.: National Association of Social Workers & Lambda Legal Defense. Retrieved from: <https://www.lambdalegal.org/publications/moving-the-margins>

Gay-Straight Alliance Network/Tides Center and Friends of Project 10. (2001). *Make It Real Manual: A student organizing manual for implementing California's School Nondiscrimination Law (AB 537)*. Retrieved from: <http://66.160.205.104/ab537/pdf/manual.pdf>

Girl's Best Friend Foundation & Advocates for Youth. (2005). *Creating Safe Space for LGBTQ Youth: A Toolkit*. Retrieved from: <http://www.advocatesforyouth.org/storage/advfy/documents/safespace.pdf>

GLAAD (2016). Glossary of terms: Transgender. *GLAAD Media Reference Guide (10th ed.)*. Retrieved from: <https://www.glaad.org/reference/transgender>

Killermann, S. (n.d.). *It's Pronounced Metrosexual*. Retrieved from: <http://itspronouncedmetrosexual.com>

Laing, M. (2016). Two-spirit and LGBTQ indigenous health. *Rainbow Health Ontario*. Retrieved from: <https://www.rainbowhealthontario.ca/wp-content/uploads/2016/07/2SLGBTQINDIGENOUSHEALTHFactSheet.pdf>

Merriam-Webster. (2017). Words we're watching: Intersectionality; What happens when forms of discrimination combine, overlap, and intersect. *Words We're Watching*. Retrieved from <https://www.merriam-webster.com/words-at-play/intersectionality-meaning>

Meyer, I. H. (2003). Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: Conceptual issues and research evidence. *Psychological bulletin*, 129(5), 674-697. <http://doi.org/10.1037/0033-2909.129.5.674>

Perlman, M. (2018). The origin of the term 'intersectionality.' *Columbia Journalism Review*. Retrieved from https://www.cjr.org/language_corner/intersectionality.php#:~:text=%E2%80%9CIntersectionality%E2%80%9Dwas%20coined%20in%201989,overlapping%20discrimination%20unique%20to%20them

RISE LGBTQ Glossary. (2017). *Recognize, Intervene, Support, and Empower Program*, Los Angeles LGBT Center. Retrieved from: <http://files.lalgbtcenter.org/pdf/rise/Los-Angeles-LGBT-Center-RISE-Glossary.pdf>

Safe Zone Project. *LGBTQ+ Vocabulary Glossary of Terms*. Retrieved from <https://thesafezoneproject.com/resources/vocabulary/>

Serdjenian, T., Lidot, T., & Hayes, L. (2014). Sharing our lived experiences: 22 tips for caring for two-spirit and native LGBTQ youth in the child welfare system. *National Resource Center for Permanency & Family Connections & National Resource Center for Tribes*. Retrieved from <http://mendocinocasa.org/wp-content/uploads/2015/01/Two-SpiritTipsSheet.pdf>

The Trevor Project. Glossary: Key terms. *Trevor Support Center*. Retrieved from https://www.thetrevorproject.org/trvr_support_center/glossary/

What is Intersex? (2008). *Intersex Society of North America*. Retrieved from: http://www.isna.org/faq/what_is_intersex

